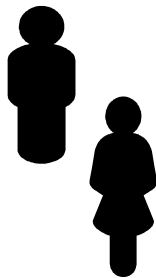


Denise Mendes Ternes



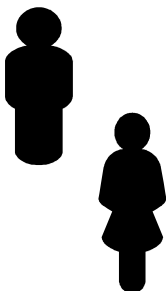
O Eu em construção

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em:
Educação Social**

Universidade Portucalense

Porto/2008

Denise Mendes Ternes



O Eu em construção

Dissertação apresentada à universidade Portucalense para obtenção do grau de Mestre em Educação Social.

Orientadora: Prof. Doutora Ana Sílvia Albuquerque

Universidade Portucalense

Porto/2008

Agradecimentos

Ao concluir esta dissertação e analisar esta etapa transcorrida, posso dizer: ela é fruto da graça e do empenho pessoal e comunitário. Ela não seria possível sem a graça de Deus. A Ele a minha gratidão pelo dom da vida, pelo que sou e pelas capacidades que me presenteou. A minha gratidão também a Maria, Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, com quem selei a Aliança de Amor e de quem aprendi a desdobrar o amor a Deus e ao próximo.

Neste espaço, que é muito pessoal, estendo a minha gratidão a todos os que colaboraram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho, seja pela oração, pelo apoio, pelo estímulo, pela dedicação, pela compreensão:

À Família de Schoenstatt e muito especialmente às Irmãs de Maria de Schoenstatt, a comunidade à qual pertenço, por todo o apoio que sempre recebi no decorrer do Curso de Mestrado e na minha vida de consagrada.

À minha família natural, pelo amor, pela educação e por tudo o que fizeram por mim.

À Prof^ª D^ª Ana Silvia Albuquerque, orientadora deste meu trabalho, como pelo empenho, dedicação, compreensão e auxílio prestados no decorrer deste tempo de formação. Sou-lhe grata também pelas experiências que, juntas, vivemos e pela confiança que sempre me demonstrou.

À Direção, Secretaria, professores, colegas e funcionários da Universidade Portucalense, pelo serviço e atenção prestados. Muito especialmente agradeço à Isabel Dias pelo apoio e pelas idéias partilhadas no decorrer do Mestrado.

Resumo

É importante a consciência de que vivemos na era da globalização onde o avanço da técnica, da era virtual e do 'progresso' cultural, económico, político e social, domina sempre mais sobre o desenvolvimento humano pessoal. O ser humano sujeito integrador e ativo no desenvolvimento das sociedades, encontra-se sempre menos consigo mesmo. O seu Eu é, para ele próprio, um desconhecido, realidade esta fruto da pós-modernidade que, num tempo de constantes mudanças, arrasta a humanidade a uma vida ao 'sabor do vento'. Entretanto, a busca de felicidade e realização pessoal continua a ser uma constante na vida das pessoas.

Esta dissertação insere-se no âmbito do auto-conhecimento, da formação pessoal, da construção do Eu, da formação do homem novo e de princípios essenciais que servem de contributos facilitadores da educação. Para tanto, é apresentado o Modelo Pedagógico do Pe. José Kentenich cuja contribuição para a educação está no Sistema Pedagógico de Schoenstatt. Este caracteriza-se por um facilitador na formação do ser humano como um homem integral, orgânico e novo, capaz de agir e interagir com o mundo que o desafia a todo o instante.

Para a exemplificação desta visão pedagógica, apresentou-se a história de vida de João Luiz Pozzobon, e juntamente, procedeu-se à análise da prática destes Meios Pedagógicos (exame particular, propósito particular, Horário Espiritual, prestação de contas e confissão mensal) no percurso de educação de algumas pessoas entrevistadas.

Palavras Chaves:

Auto-educação, auto-conhecimento, Eu, felicidade, homem novo.

Abstract

It's important to realise that we live in the globalisation era where achievements of technology and virtual world allied with the cultural, economic, political and social "progress", have an increasing influence on the personal development of each person. The human being as an integrating subject and active in the development of societies is increasingly less with himself. His "I" is an unknown to him, due to post-modernity that in a time of constant change, drags humanity to not attempt to exert a large amount of influence on the course of life's events, to "*go with the flow*". Meanwhile the search for happiness and personal fulfillment, remains a constant in people's lives.

This thesis is part of the following spheres: self-knowledge, personal training, construction of the "I", the formation of the new Man, essential principles that act as contributions to help education. In order to achieve this, the Pedagogic Model of Joseph Kentenich is presented, whose contribution to education is on the Educational System of Schenstatt. This is characterised by a facilitator in the training of the human being as an integral man, organic and new, able to act and interact with the world that challenges him all the time.

So that this pedagogic vision may be illustrated, the story of João Luiz Pozzobon's life has been presented, together an in-analysis of the practice of these pedagogic means (particularly examination, particular purpose, spiritual timetable, accountability and confession on a monthly basis) in the path of education of some of the interviewed people.

Key-words:

Self-education, self-knowledge, I, happiness, new man.

Dedicatória

Ao Padre Pedro José Kentenich, fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt, dedico esta Tese que intitulei de: *O Eu em construção*, como gratidão por ter-se deixado conduzir por Deus e educar por Maria, de quem aprendi a arte da auto-educação.

“Por isso, avante! Avancemos nas pesquisas e conquistas do nosso mundo interior, através da auto-educação consciente. Quanto mais progresso exterior, tanto mais aprofundamento interior.” (Kentenich, 1912, cit por Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2006, p. 13).

“Se o conhecimento não se transformar em amor, se o amor não se transformar em vida, permaneceremos eternamente caricaturas.” (Kentenich, 1966, cit. por Schlickmann, 2008, p. 209).

Siglas e abreviaturas

1. Magistério Eclesiástico

C. E. P. – Conferência Episcopal Portuguesa

C.I.C. – Catecismo da Igreja Católica

F.C. – Familiaris Consortio

G.S. – Gaudium et Spes

H.V. - Humanae Vitae

L.G. – Lumem Gentium

S.G. E. – Secretariado Geral do Episcopado

2. Literatura Schoenstattiana

C.M.P. – Campanha da Mãe Peregrina

H.N. – Homem Novo

P.S.- Pedagogia de Schoenstatt

P.V. – Pedagogia das vinculações

S.E.M.A.P.- Série Educação do Movimento Apostólico de Schoenstatt

S.P.S. – Sistema Pedagógico de Schoenstatt

Sumário

Introdução	12
CAPÍTULO I – CONSTRUÍNDO O NOVO	19
1. O homem novo	19
1.1 A Proposta Pedagógica de Schoenstatt	19
1.2 Atualidade da Proposta Pedagógica de Schoenstatt	26
1.3 Problemáticas e questões da pós-modernidade	28
1.4 O posicionamento da Igreja em relação à família	33
2. A cosmovisão do Pe. José Kentenich	39
2.1 Pedagogia mariana	41
2.2 Maria na Obra da salvação	45
2.3 Um programa mariano-pedagógico	49
CAPÍTULO II - CONHECENDO-SE A SI MESMO	54
1. A existência humana	54
1.1 O sentido da vida	54
1.2 Um anseio – a felicidade	58
2. Conhecer-se para construir-se	61
2.1 Os acontecimentos passados	63
2.2 Os acontecimentos presentes	64
2.3 Os gestos automáticos	64
2.4 A opinião dos outros	65
2.5. A história de vida	66

3. A ordem do ser	67
3.1 A ordem do ser - a ordem do agir em educação	68
3.2 O homem – um ser global	71
3.3 O ser humano integrado	75
4. O Eu	78
5.O homem novo – contraste ao homem velho	83
CAPÍTULO III – O PROCESSO PEDAGÓGICO DE SCHOENSTATT	87
1. O processo educativo	87
1.1 Educar pela confiança, liberdade e ousadia	89
1.2 As estrelas condutoras	92
1.3 A auto-educação	94
2. As tendências	98
3. Os temperamentos	101
3.1 O temperamento colérico	105
3.2 O temperamento sanguíneo	107
3.3 O temperamento melancólico	109
3.4 O temperamento fleumático	112
4. O homem à luz do Ideal Pessoal	112
5. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt	118

CAPÍTULO IV – A VIDA POR UM GRANDE IDEAL	124
1. Reflexão Inicial	124
2. História de vida	125
2.1 João Luiz Pozzobon – escolhido para uma missão	125
2.2 Um pequeno caminho para uma grande missão	128
2.3 “O amor supera tudo!”	132
2.4 “Herói hoje não amanhã”	134
3. Estudo	137
3.1 Registro das entrevistas	137
3.2 A análise psicológica das entrevistas	156
Conclusão	165
Bibliografia	168

Introdução

Este trabalho tem como título: *O eu em construção*. Nele, reflete-se a respeito do auto-conhecimento e do auto-controle para a formação do homem novo, sua auto-educação: importância e execução na vida diária pessoal, familiar, profissional e social.

Na exposição do tema referimo-nos às várias problemáticas do tempo atual e suas consequências, abordamos a visão eclesial, o pensar de pedagogos e psicólogos e a metodologia pedagógica do Movimento de Schoenstatt¹.

A escolha deste tema deve-se ao fato de que, no decorrer do trabalho profissional e religioso ter vindo a orientar pessoas e grupos, indicando-lhes caminhos para a formação psicológica, religiosa, familiar e social. Neste processo senti a importância desta temática. No contacto com inúmeras pessoas, individualmente ou em grupo, pude verificar que muitas delas desconhecem a grandeza que se esconde por trás de si mesmas e das suas relações com os outros e com o mundo. O maior conhecimento de si leva ao relacionamento mais sadio e profundo com a pessoa do outro. Cidadania sempre implica na ética conduz o indivíduo à responsabilidade por outrem.

O Título escolhido – *O eu em construção* – tem a sua razão de ser, pois acredito que a pessoa humana é capaz de construir-se a si mesma e trabalhar para alcançar relações sadias. Sendo que, para que isto aconteça, é necessário auto-conhecimento, a prática da auto-educação e um projeto pessoal de vida.

Foi realizada uma recolha de material fundamentada segundo o pensar de pedagogos e psicólogos mas, de forma especial, escolheu-se o modelo de Educação utilizada pelo Pe. Pedro José Kentenich² na sua atuação pedagógica. Ele apresentou uma Pedagogia cuja peculiaridade é unir educação e auto-educação. Para Kentenich, a educação, como um processo, une educador e educando, desperta no educador o impulso a assumir a tarefa da educação, e como pessoa disciplinada, tornar-se *educador educado*.

¹ O Movimento de Schoenstatt surgiu na Alemanha em 14 de Outubro de 1914. Trata-se de um Movimento apostólico e mariano cujo objetivo é ajudar na formação do homem novo numa sociedade nova.

² O Movimento de Schoenstatt surgiu na Alemanha em 14 de Outubro de 1914. Trata-se de um Movimento apostólico e mariano cujo objetivo é ajudar na formação do homem novo numa sociedade nova.

Na dissertação apresentamos a estratégia usada pelo Pe. Kentenich na formação do homem novo, uma vez que ele, na sua profundidade, pode dar ao leitor a base e o fundamento do seu pensar orgânico, quando se refere ao educando como objecto e fim da educação.

Segundo o seu entendimento, este modelo pedagógico é a chave que abre horizontes novos para solucionar os problemas da pós-modernidade. Para Kentenich, a solução da crise em que se vive não está numa nova ordem econômica, ou na mudança das estruturas políticas mas, sim, na configuração e educação do ser humano.

Neste tempo de mudança, é necessário, segundo este modelo, superar o fenômeno da desintegração do ser humano. Esta desintegração dá-se, em si mesmo, não só pelo desequilíbrio da inteligência, da vontade e da emoção mas, acima de tudo, por que o homem perdeu a sua ‘bussola’, a direção a seguir. Afastou-se do centro de equilíbrio e da sua origem: Deus.

O ser humano é de todas as criaturas o ser mais perfeito, imagem e semelhança de Deus. Como tal foi criado por Deus, como ser único, diferente das demais criaturas. Deus colocou em seu ser aspectos que o distingue dos demais e deu-lhe capacidades para crescer e aperfeiçoar-se no sentido moral e espiritual. Por isto é importante que cada um se conheça e trabalhe em si mesmo, de forma especial, com a auto-educação! Auto-educação requer auto-conhecimento.

O Movimento de Schoenstatt tem a missão de indicar caminhos novos para a conquista de personalidades novas, comprometidas na construção de um novo mundo. A meta para alcançar este objetivo foi, desde o princípio, a auto-educação.

A fundação do Movimento deu-se com jovens em fase de mudanças e de grandes questionamentos interiores, por isto, a proposta do Pe. José Kentenich foi levá-los a busca de sua própria identidade e de sua realização pessoal. Para alcançar este objetivo deixou-se conduzir por Deus e por Maria, a quem se referia como a Mãe e a Educadora do ser humano.

A Pedagogia de Schoenstatt trabalha na formação do homem novo através da educação orgânica e motivada pelo amor. Para amar, é necessário ser livre, pois amar significa decidir-se à doação aos outros. Amar é querer interiormente, abrir-se, dar-se. Uma pessoa que não se possui a si mesma é incapaz de tomar decisões, nunca chegará a amar. O homem novo quer educar sua liberdade e desenvolvê-la ao máximo, pela autonomia, na auto-confiança e capacitação pessoal. A liberdade, como capacidade de decisão, ele a usará

para se doar no amor e no serviço, para entrar em comunhão com os outros. Amando, cria raízes, estabelece vínculos pessoais que, partindo dele, vão até Deus e a todos os homens.

O sistema de educação desenvolvido pelo Pe. Kentenich foi ousado, elaborado após experiências ricas e profundas da realidade vivida e experimentada no dia a dia. Seu objetivo não foi ditar algumas regras de comportamento, mas preocupou-se na formação do homem inteiro, ou seja, deu prioridade à formação de uma atitude fundamental da alma que saiba aplicar os princípios na vida prática conforme a situação e o momento. Os Meios Pedagógicos que Schoenstatt oferece respondem a este desafio da educação, pois que, pela auto-educação, é possível a própria pessoa ser responsável pelo seu enriquecimento pessoal e pelo próprio projeto de vida.

Para colocar em prática o seu modelo inovador, o Pe. Kentenich, encontrou resistência. Foi preciso vencer o pensar autoritário e possessivo da época, em que a educação era concebida como tarefa única do educador, onde a educação inadequada e impessoal, deixava a desejar no aspecto emocional e social das necessidades humanas.

Desconhecendo os próprios princípios que regem o desenvolvimento humano e o anseio de felicidade intrínsecos no interior de cada um, a educação, não rara vezes, visava o saber. O Pe. Kentenich profundamente consciente disto, tendo experimentado este ‘rigor educacional’, propõe uma pedagogia integrada e diferenciada que acredita na potencialidade humana pessoal e aposta na capacidade que o ser humano tem de criar e renovar o mundo, renovando-se a si mesmo.

Numa época de conflitos³, Deus suscitou ao Pe. Kentenich o início de uma verdadeira escola de auto-educação, onde o método consiste na pessoa reconhecer-se como criatura única, com capacidades pessoais de renovação e potencialidades de mudanças e uma renovada condição de adaptação ao novo.

Por livre escolha, com anseios de conquista de liberdade interior; o educando passa a ser, ao mesmo tempo, o seu próprio educador e trabalha na formação pessoal até alcançar a capacitação de homem corajoso que se deixa guiar por princípios e é conseqüente com eles.

Este tempo de pós-modernidade requer uma reorganização e reordenação da cultura, dos valores, das atitudes, enfim de toda a sociedade. Com tudo isto, surge também uma nova forma de vida e de relações. Para tais mudanças faz-se necessária uma reconstrução social.

³ Recordamos que o Movimento foi fundado pelo Pe. Kentenich em pleno tempo de guerra, em 1914.

Toda a mudança de época traz sempre uma desorganização, desestruturação, crise, desmoronamento. O Pe. Kentenich interpretava esta realidade como de um tempo de mudanças. Presencia-se hoje uma época de mudanças como, talvez, a humanidade jamais tenha experimentado e vive-se numa convulsão radical de todas as ordens, de tal forma que se questiona tudo até à raiz, e isto a nível global. Tudo é posto à prova, tudo é medido na balança, tudo precisa ser provado: Deus, o homem, a sociedade, a vida, a morte, a história.... Ao interpretar estes sinais do tempo atual, o Pe. Kentenich viu uma necessidade de anunciar ao mundo a possibilidade da formação do homem novo.

A construção do Eu inclui a abertura para o novo e, o novo, é referido nesta dissertação como gerador de vida. O que é a vida senão pontilhada pelas emoções, conduzida pela mão divina, coerente com a razão e impulsionada pela vontade? Construir é avançar passo a passo na educação pessoal, na descoberta do que no interior se revela como o mais delicado, mais pessoal e construtor de laços, possibilitando verdadeiras relações. Foi por crer nisto, que não utilizamos hipóteses neste trabalho, visto que não se trata de provar algo, mas sim, de sugerir uma proposta nova, um modelo diferente e original para a educação da época atual.

Pergunta de partida

É possível construir a própria personalidade por meio da auto-educação?

Pressupostos

1. Através da auto-educação é possível a descoberta e compreensão do próprio mundo interior. Esta descoberta do Eu pessoal revela também aspirações, procuras, inquietações e esperanças.

2. Auto-educar-se é desenvolver as próprias potencialidades. O homem é um ser em potência. Estas potencialidades requerem e esperam o uso da capacidade de auto-construção.

Objectivos

Objectivo 1: Propor a atualidade da proposta pedagógica de Schoenstatt e da ‘imagem do homem novo’ para o tempo actual.

Objectivo 2: Dar a conhecer os métodos e objectivos do Movimento de Schoenstatt no que se refere a auto-educação, a fim de tomar consciência da necessidade de construir um novo estilo de vida, no meio de uma cultura que não promove uma verdadeira humanização do homem.

Objectivo 3: Reflectir e aprofundar os conhecimentos acerca do ser humano, o auto-conhecimento e a auto-educação, segundo a pedagogia de Schoenstatt, para maior capacitação e aplicação no trabalho com as pessoas e os grupos.

Escolha da Metodologia

A metodologia utilizada nesta investigação é a qualitativa, uma vez que o assunto aborda um processo vital e intrínseco do ser humano. Como diz Reis (cit. por Silva 2005, p.212): “O objectivo principal é o de definir o nível qualitativo no qual se enquadra a recolha ou a análise da informação.”

Além disto, deixa margem a que se possa aprofundar mais e qualificar a importância do tema e a realidade do que se objetivou alcançar com este fim.

Acrescenta-se ainda que, como psicóloga, tenho mais afinidade com o processo qualitativo, com o desenvolvimento temático das questões e identifico-me muito mais com processos do que com o produto.

Ao trabalhar com diversos grupos e aplicar esta pedagogia sob a forma de dinâmicas de grupo e actividades diversas, como jogos, exercícios, auto-testes, foi-se desenvolvendo uma forma diferente de interpretação de dados. Estes diversos mecanismos deram-me a possibilidade de maior aproximação das pessoas, de suas expectativas, de seus anseios, de suas conquistas e de seus fracassos, das suas representações, de seus conhecimentos, dos seus valores, dos seus sonhos, de suas dúvidas.... Enfim, foi possível, assim, tornar-me uma com eles e a compreendê-los de forma peculiar, passando então, a pertencer ao ‘mundo em que vivem.’

Para melhor investigar a importância da auto-educação na formação pessoal, as entrevistas semi-estruturadas, com uma possibilidade mais aberta para eventuais esclarecimentos, foi uma mais valia no estudo. Como há anseios de chegar ao alcance das descobertas pessoais e de busca de um sentido na vida, pela investigação foi possível a aproximação da riqueza dos Meios Pedagógicos de Schoenstatt com as dificuldades e necessidades de crescimento intrínsecas no interior das pessoas. Poderia ainda, conforme refere Goyette (1990, p.160), pela observação, adquirir maior compreensão do entendimento pessoal: “No âmbito da investigação qualitativa, a entrevista possui laços evidentes com outras formas de recolha de dados, nomeadamente com a observação.”

Quivy, R.& Camenhoudt. L. V. (1998, p.248), diz que: “Quando o trabalho de um investigador contribui para enriquecer e aprofundar as problemáticas e os modelos de análise, não é apenas o conhecimento de um objecto preciso que progride, é, mais profundamente, o campo do concebível que se modifica.” É nisto que acredito!

Quisera, com este trabalho, dar uma contribuição valiosa para a pedagogia, para a sociedade e, desta forma, contribuir para que mais pessoas possam trabalhar em sua própria personalidade e construir o seu ‘eu’ de forma a crescer na formação pessoal e no relacionamento social.

Estrutura da Dissertação

O trabalho está estruturado num estilo de dissertação de análise de conteúdos e também, na reflexão de uma história de vida. As entrevistas, fazendo parte integrante do Estudo, foram realizadas com um pequeno número de pessoas que utilizam o método pedagógico de Schoenstatt e ajudam a ver, na prática, como é possível, a construção pessoal através da auto-educação.

A dissertação é constituída por quatro capítulos, para além da introdução e da conclusão. Nos primeiros três capítulos são refletidos os diversos aspectos do conhecimento de si mesmo, da auto-análise, e também, do auto-controle e da auto-formação. São abordados, sob diferentes prismas, a personalidade, o Eu, a auto-educação, para fundamentar a imagem do homem novo, o que dá certa originalidade ao trabalho.

Procuramos fundamentar a Pedagogia do Pe. Kentenich e os Meios Pedagógicos que ele estruturou no seu modelo de educação, sendo que, o primeiro capítulo se intitula - construindo o novo; o segundo capítulo - conhecendo-se a si mesmo e o terceiro capítulo – o Processo Pedagógico de Schoenstatt.

O quarto capítulo insere uma história de vida e exemplos de vida ascética de algumas pessoas que praticam, em suas vidas, o método de educação do Movimento de Schoenstatt. Apresenta-se, para tanto, a vida e a missão do Diácono João Luiz Pozzobon. Este é referido como um exemplo de vida e de educação pessoal para enriquecer este estudo. Na análise que é feita sobre a sua pessoa, expomos um pouco da sua biografia, do seu modo de ver a vida e do reconhecimento pessoal e social. Referimo-nos, também, à missão que se reconheceu como dádiva de Deus: o seu empenho pessoal nela, a sua confiança na atuação de Deus e de Nossa Senhora e o seu empenho e dedicação pessoal à sua família e à comunidade à qual pertencia.

Realizou-se um estudo à partir de entrevistas com algumas pessoas que utilizam na sua vida espiritual e ascética o Sistema Pedagógico de Schoenstatt. Entrevistaram-se treze pessoas das mais diversas idades, estado de vida, posição social, formação escolar e carreira profissional. A análise psicológica destas entrevistas ajudou a fazer uma reflexão mais profunda e fidedigna da proposta pedagógica do Pe. José Kentenich.

No decorrer deste trabalho fez-se uma abordagem emocional psicodinâmica e social do ser humano numa visão humanista do ser, onde se abordou essencialmente o aspecto existencial-religioso inerente ao ser humano. Foram assim, portanto, aprofundados os diversos aspectos do ser humano dando-se acento ao entendimento psicológico, social, filosófico e teológico, ainda que de forma sucinta. Estes aspectos referidos foram analisados no conjunto para que se pudesse refletir e dar consistência ao modelo pedagógico que quisemos dar a conhecer. Não foi nossa intenção esgotar tais assuntos, mas anunciar e divulgar a Pedagogia Kentenichiana cuja originalidade encanta!

CAPÍTULO I - CONSTRUÍNDO O NOVO

1. O homem novo

Quando falamos em construir o novo, pensamos em algo desconhecido, falamos do aspecto inovador, direcionado para um fim, sendo este desconhecido ao homem. O novo pode ser assustador, pode incomodar, pois não se sabe como será. Ele se movimenta em direção a algo, faz desacomodar, desinstalar e renovar.

Construir o novo nunca foi e nunca será fácil: é obra de mestre e exige de quem decide este caminho um anseio de construir algo diferente e único. É sob este pano de fundo que refletiremos nesta dissertação: a formação do homem novo numa comunidade nova.

1.1 A proposta pedagógica de Schoenstatt

A proposta pedagógica do Pe. José Kentenich é a educação do novo homem na comunidade nova. Esta consiste na resposta concreta à conjuntura atual de mundo em que vivemos. Este homem novo como é designado neste trabalho tem a sua eficácia pela forma inovadora de educação proposta pelo Fundador do Movimento de Schoenstatt, o Pe. José Kentenich. Utilizando objetivos e métodos novos para o seu tempo, implantou um sistema de educação cuja pedagogia se insere num prisma totalmente diferente.

Seu carisma levou-o a trabalhar na educação para abrir horizontes para que esta forma de educação colaborasse na formação pessoal do ser humano. Seu olhar penetrante à História levou-o a analisar o tempo atual, denunciando o que era necessário mudar e descobrindo por detrás dos erros e destruições, uma nova época, como a aurora de um novo dia⁴.

Assim refere Fernández (1980a, p. 4):

“Schoenstatt sempre se apresentou como resposta às necessidades do tempo. Por isso, se nos conclama à tarefa de auto-educar-nos,

⁴ O Pe. Kentenich presentiu que, com as mudanças históricas também se iria viver tempos difíceis. “O Pe. Kentenich via claramente a relação entre o aumento da atual massificação, que impossibilita uma vida pessoal e livre, e a progressiva desvinculação do homem moderno.” (Monnerjahn, 2004, p.62).

ele o faz porque vê na auto-educação um dos imperativos mais urgentes da época. A despersonalização e massificação do homem, que reinam hoje em dia, requerem uma forte corrente contrária. É imperiosa a luta para superar ao homem massa e criar um tipo novo de homem: o homem personalizado e humanizado.”

O homem novo que a pedagogia de Schoenstatt visa formar é o oposto ao homem velho, ao homem que se deixa conduzir pelos outros, que é manipulado e que se deixa usar pelos meios de comunicação, pela força atrativa do descartável, pela sedução da novidade.

Esta originalidade de educação, em que a pessoa, a partir de sua interioridade, é capaz de possuir o auto-domínio e, com ele, dominar o mundo que o rodeia, é a visão transformadora do método kentenichiano. “Quer dizer, devemos formar um homem ‘humano’, capaz de humanizar. Para este fim queremos aprender a arte da auto-educação.” (Fernández, 1980a, p. 15).

O Pe. José Kentenich (1912, cit. por Movimento de Schoenstatt, 2006) diz que, todo o desenvolvimento da tecnologia, da ciência, do conhecimento, não liberta as pessoas do seu vazio interior. Diz ainda, neste contexto, que as atenções se voltam para o macrocosmo⁵ que, como ele mesmo explica, é o grande mundo, o mundo exterior a nós próprios. No entanto, o microcosmo, o mundo em pequeno, o mundo sempre antigo e novo ao mesmo tempo, o nosso próprio mundo interior, continua desconhecido e inexplorado, pois cada vez mais a pessoa conhece-se cada dia menos, a si própria.

A auto-educação que o Pe. José Kentenich apresenta, tem uma meta a alcançar que, na verdade, vai ao encontro do que mais anseia a pessoa humana: liberdade⁶. Este anseio faz do homem um eterno ‘sonhador’; sim torna-o, desejoso de algo mais.

Para Kentenich, somente o homem dotado de firmeza de caráter, convicto de sua missão, aberto à realidade do mundo que o cerca e animado por uma grande vontade de

⁵ Ao referir-se ao mundo interior, o Pe. Kentenich o explica em comparação com o grande mundo e diz que o mundo interno do ser humano é o microcosmo, um mundo no pequeno, o macrocosmo é o grande mundo em que vivemos.

⁶ A formação pela liberdade, vinculação e confiança foram sempre as alvancancas que impulsionaram a educação schoenstatteana. “(...)Desde o início, a linha pedagógica do Pe. Kentenich era levar e desenvolver em seus alunos as vinculações, sem as quais não seria possível atingir nem viver o ideal da ‘personalidade firme e livre’, o ideal do homem verdadeiramente livre.” (Monnerjahn, 2004, p.62).

atuação e transformação social, é capaz de viver plenamente a sua liberdade. Isto foi o que ele sempre lutou na sua vida pessoal e ajudou os jovens a conquistarem.

Um dos seus ex-alunos, Fernando Kastner, descreve as aulas do seu ex-professor: “Elas ficaram inesquecíveis e formaram alguns de nós, decisivamente, para toda a vida futura. Não consistiam em aprendizagem ou treino, no sentido comum e habitual, mas numa abrangente mobilização de todas as faculdades intelectuais e morais, de cada um e de toda a turma, numa competição intelectual livre, nobre e disciplinada” (Kastner, s/d, cit. por Schlickmann, 2008, p.213).

Para a formação do homem novo na comunidade nova é preciso vencer o individualismo, o egocêntrismo, a busca incessante de compensação, a satisfação pessoal que prejudica as relações interpessoais.

Diz Fernández (1986a, p.18):

“Schoenstatt quer ajudar-nos a descobrir e desmascarar todo o egoísmo e orientação individualista que possa haver em nosso interior e estar institucionalizada nas estruturas de nossa sociedade. Schoenstatt quer criar e forjar um homem autenticamente comunitário, quer conseguir uma comunidade perfeita em todas as esferas: na família, na Igreja, na sociedade, no trabalho.”

Ninguém vive só! É de relações, de contatos e de laços que é possível viver e conviver, para assim, ser! Vinculado a alguém, a alguma coisa, a algum lugar, à vida, à natureza é que se pode realmente sentir-se aconchegado, satisfeito, realizado e feliz.

O vínculo é, acima de tudo, um elo de ligação entre a pessoa e o seu ambiente, entre o indivíduo e as pessoas com as quais se relaciona, o mundo que o rodeia.

“Na perspectiva psicológica podemos definir a vinculação como o laço que liga uma pessoa a seu ambiente. É a raiz que a sustenta na realidade; é o que lhe dá, assim como a teia para a aranha, o âmbito ou o habitat adequado para sua experiência; o que lhe permite desenvolver-se sadiamente segundo sua própria natureza. Na medida em que o ser humano vai adquirindo uma experiência imediata de seu ambiente, vai-se familiarizando com ele e cria para si um clima de confiança.

Isso significa que, psicologicamente, encontra uma resposta adequada às necessidades primordiais de sua alma: encontra segurança e abrigo. Sem isso não pode desenvolver-se sadiamente.” (Fernández, 1992, p. 10).

As vinculações (relações profundas de bem-estar) são fundamentais à dimensão pessoal e social e é por meio delas que se vão construindo redes de relações geradoras de vida. Ao projectar-se activamente nestas realidades, a pessoa reconhece e assume como seu o contexto que a rodeia. Nunca somos um indivíduo isolado, pelo contrário, somos parte de um todo, existimos nesse todo. Crescemos e realizamo-nos na medida em que nos projectamos mais além do nosso ‘pequeno mundo’. (Cf. Carmona, 2005).

É neste sentido que Moreno (2005, p.41) explica como, na sua opinião, deva ser a educação hoje e sua abrangência: “A educação (...) é a base e a preparação para a vida, para se alcançar a autonomia com base numa formação sólida. Por isso, a educação traz consigo a formação integral da pessoa. Se a vida evolui, necessariamente deve-se rever a educação, uma vez que existe uma estreita e mútua relação entre educação e vida, em suas dimensões: pessoal, familiar e social.”

O verdadeiro educador é aquele que inspira e ajuda a desabrochar o que já existe no interior do educando. Esta perspectiva tem como fundo a convicção de que a pessoa, sujeito da sua história e do seu processo de vida, se reconhece para além de si: original, único e individual, mesmo que relacionado com o outro.

Conforme refere Baptista (1998) há uma gama de situações e reflexões que devem ser ponderadas, como: a moda unificadora, as grandes correntes de pensamento que banalizam todas as relações, os vínculos, os padrões éticos de convivência e outros. A pessoa toda deve interessar-se pela pessoa inteira do outro e coordenar as suas atitudes a partir deste interesse. “A primeira lição do educador, está mesmo na sua presença.” (Idem, p.79). É na relação com o outro, que educador e educando complementam-se e há partilha de saberes e de emoções.

Para que haja espaço para o outro ser o que é, para que o diálogo flua livremente, é necessário sair de si e dar-se. Dar é amar e amor é a primeira e principal vocação do ser humano. O amor acontece quando há encontro entre pessoas.

Encontrar-se para amar-se, pois, como pequena comunidade de amor, vive-se um no outro; um para o outro; um com o outro. Só desta forma é possível verdadeira

relação ensino aprendizagem onde o saber não ‘pertence’ àquele que conduz o ensino-aprendizagem.

O Pe. José Kentenich explica que a relação existente entre pessoa e comunidade é um mútuo participar e deixar participar, sobretudo dos valores pessoais. A pessoa presenteia da sua plenitude interna de valores e é enriquecida pela plenitude de valores da sociedade que, por sua vez, está fundamentada na plenitude de valores de seus membros. O estar junto estende-se também à responsabilidade mútua pelo aperfeiçoamento integral pessoal de cada indivíduo. Este co-responsável estar para o outro expressa-se, entre outros, no apoiar-se mutuamente e viver em união e responsabilidade.

É o que refere Estanqueiro (2007, p.112) na reflexão final do livro. Ele diz: “Não podemos mudar os outros. Mas podemos mudar-nos a nós próprios. O modo como nos comportamos com os outros influencia o modo como eles se comportam conosco.” A consciência de responsabilidade não se refere apenas ao lado pessoal na relação mútua, mas também ao que juntos querem construir, o valor que a unidade proporciona a concretização do que se quer alcançar. É o um com-o-outro: na realização dos valores comuns; na meta comum, nos objetivos a alcançar. Este poderá ser um grande contributo para uma nova forma de ver a educação.

O Sistema Pedagógico de Schoenstatt possui um pilar de sustentação que podemos definir como pedagogia⁷ das vinculações. A pedagogia das vinculações aponta para a formação da comunidade nova baseada em homens novos e constitui um processo vital. Formar um tipo de homem capaz de vincular-se é a meta da pedagogia das vinculações, em outras palavras, proporcionar de forma afectiva e de forma estável uma ligação com a realidade pessoal e social. Esta maneira de entender a educação ajuda a pessoa a entrelaçar a sua vida com a vida dos outros, para ser capaz de dar amor e de receber amor, para que seja livre e se possua a si mesmo.

Para alcançar êxito com a Pedagogia das Vinculações é necessário perseguir o caminho pedagógico até a meta no uso da coerência, ensinar e aprender a amar ou a vincular-se. O amor é o ponto de partida, o caminho e a meta de todo o nosso Sistema Pedagógico.

Segundo a experiência do Pe. Kentenich, a Pedagogia das Vinculações é a resposta mais adequada para responder às angústias, medos e inseguranças do homem.

⁷ A pedagogia das vinculações faz parte do Sistema Pedagógico de Schoenstatt. São cinco ‘estrelas’ que conduzem à formação de um autêntico ser homem, íntegro e harmonioso: A pedagogia das vinculações, a pedagogia do ideal, a pedagogia da confiança, a pedagogia do movimento, a pedagogia da aliança.

Hoje, quase se pode dizer que há na natureza humana certa incapacidade de amar e receber amor, o que resulta em desintegração da própria personalidade. Assim como diagnosticou o próprio Pe. Kentenich, a maior tragédia da época de hoje consiste justamente na desintegração do organismo dos vínculos ou dos laços de amor, tanto na ordem natural como sobrenatural.

“Constatamos uma preocupação obsessiva pelo econômico e pelo científico-tecnológico, uma luta neurótica pelo sucesso profissional, uma desenfreada ânsia de prazer e de atividade, ao mesmo tempo, todavia, notamos um grande desinteresse por tudo aquilo que significa amor pessoal ou criação de vinculações profundas. Simplesmente não interessa.” (Fernández, 1992, p.6). A realidade desta constatação é empregada na relação educativa onde o laço afetivo e da manifestação das emoções tornam a relação entre professor e aluno um processo que conduz à abertura, confiança e respeito pela opinião e pela forma pessoal de construir a educação⁸.

Além disto, explica que as vinculações podem ser irracionais, racionais e sobrenaturais. Ele diz:

“Deve-se lembrar que o ser humano é um microcosmo e que nele se integra diversos estratos do ser. Conforme as forças que estão em jogo na origem da vinculação, damos-lhe uma ou outra denominação. De qualquer maneira, sempre se conservam as mesmas leis para todos. O processo pelo qual uma pessoa se vai arraigando no seu ambiente conserva a diversificação das vertentes, através da qual se originam as vinculações.” (Idem, p.14).

Existem tantos meios de vinculação quanto as realidades que podemos perceber. O ser humano precisa lançar suas raízes em toda a realidade: pessoas, lugares, coisas, idéias, verdades, valores e tempo. Cada realidade é importante na construção do seu mundo pessoal. As vinculações, desta forma, tornam-se acolhimento afetivo que abriga e garante o arraigamento no outro, numa comunidade ou num local. Como refere, Pires (2007, p. 80): “Cada ser humano pode, assim, por sua vez, ser visto como um sistema

⁸ A educação é referida como a educação em todos os âmbitos e de forma abrangente, isto é, educação não formal, mas sim para a vida.

aberto em todas as direcções, em direcção às coisas, às pessoas, às ideias, ao absoluto, o único ser vivo aberto à totalidade.”

Todos estes vínculos, isto é, estas formas concretas de vinculação, na linguagem do Pe. Kentenich, são designadas como um organismo de vinculações. É neste contexto que ele refere-se à Pedagogia das vinculações como resposta à falta de acolhimento, de abrigo, ao desarraigamento do homem moderno. Ele explica que, o homem sem vínculos, solto, isolado torna-se pessoa sem uma coerência de vida, uma vez que, deixa-se conduzir pelos outros. Por isto, a teoria dos vínculos colabora para ajudar o ser humano a enfrentar esta realidade e, assim, formar verdadeiras personalidades. Como refere Strada & Pontes (1998, p. 39): “O significado etimológico de vínculo é atar-se com um laço estável e seguro.” Portanto, o vínculo é muito profundo e essencial na formação e no equilíbrio da personalidade. “O vínculo é que faz com que o ser humano se integre à realidade e a incorpore à sua existência.” (Ibidem). Isto dá-se pela capacidade intrínseca do ser humano de amar. É o amor a força que o impulsiona a sair de si, a compartilhar sua vida e trajetória, a abrir-se para o outro na sua originalidade, a dar e a receber.

O verdadeiro amor encerra a aceitação da pessoa do outro na sua totalidade, sem exageros, mas aceita a sua originalidade e, por outro lado, também não procura fazê-la igual a si próprio. A originalidade rompe na pessoa a consciência de que o seu eu e o outro possuem sua individualidade e ao sair da esfera do eu, há o encontro das duas realidades.

A força do amor faz com que a aceitação seja tal que, ajuda a pessoa a ser ela mesma, colaborando para que esta desenvolva os seus talentos, as suas virtudes e que os leve à plenitude. O amor desperta o anseio de que o outro seja cada vez mais ele mesmo, original, individual e único.

É o que expressa, Dotto (1994, p.43) ao dizer que:

“A educação do amor humano realiza-se na comunhão interpessoal. É no encontro com o tu que se desperta o amor e a pessoa conquista a sua identidade, pois o homem é, essencialmente, um ser social, familiar e seu desenvolvimento integral é condicionado à sua capacidade de entrar em comunhão, isto é, de amar natural e sobrenaturalmente. Pode-se considerar que a própria lei do amor, inscrita no coração do homem impulsiona a desenvolver e desdobrar toda a força e capacidade de amor.”

Fernández (1992, p. 17), refere-se ao processo do amadurecimento da personalidade e diz que este se realiza com o processo de desenvolvimento intensivo e extensivo das vinculações que se dão entre as pessoas:

“Efetivamente, uma pessoa vai chegando à sua plenitude na medida em que sua capacidade de amar a vai levando a abranger todo o universo. Sua liberdade se realiza em plenitude quando gera compromissos e vínculos cálidos, profundos e estáveis com o máximo de criaturas e com o Criador. Certamente há outros fatores, além das vinculações que contribuem para esse processo de maturação, como por exemplo, o desenvolvimento integral e harmônico das capacidades; a integração das tendências inferiores sob o domínio da racionalidade; a capacidade de assumir limitações e mudanças e a capacidade de se entregar. Entretanto, o leque das vinculações, plenamente desenvolvido supõe o anterior e é sinal de maturidade, viria a ser o mais característico. Uma pessoa incapaz de adquirir vinculações simplesmente não amadurece.”

1.2 A atualidade da proposta pedagógica de Schoenstatt

Os tempos em que estamos inseridos são novos, novas são também as realidades em que vivemos: os costumes, o avanço tecnológico, o pensar e o querer, o ser e o construir. Tudo é novo! Novo é também, ou melhor, deverá ser, o homem de hoje!

Este homem novo deve contrastar com o velho e para tal precisa ser educado.

A educação, para Kentenich, é a solução dos problemas atuais. Como refere Strada & Pontes (1998, p.19):

“Muitos pensam que a chave para os problemas contemporâneos é uma nova ordem econômica ou que tudo depende da mudança das estruturas políticas.(...)”

Sem querer ignorar a necessidade de soluções adequadas a todos estes problemas, é preciso acentuar que não haverá medidas válidas nem duradouras sem a educação de um novo tipo de indivíduo e de comunidade.”

Para o Pe. Kentenich o tempo de hoje é um tempo de mudanças. Ele vê a realidade da desintegração da pessoa e de suas relações. A desintegração do ser humano em si mesmo, isto é, a desintegração da harmonia entre intelecto, vontade e emoção. E não só, mas como diz o mesmo autor: “A desintegração em suas relações, o homem coletivista, vitalista, economicista, esteticista.” (1998, p.19).

É neste âmbito que surge a Pedagogia de Schoenstatt, que em sua síntese entre teoria e prática, partindo da existência concreta do indivíduo para o coletivo, busca sistematizar um projeto para a educação abrangente e global da pessoa.

O avanço da técnica e as novas formas de comunicação, longe de haver conduzido a humanidade a uma maior dignificação do homem e a uma sociedade mais humana, acabaram por converter a pessoa humana em escrava da máquina.

O homem muitas vezes não sabe usar a técnica e a ciência como factores de personalização e humanização.

Quoist (1995, p.25) refere-se a isto ao dizer: “Embora o homem, cada dia domine um pouco mais o universo material, parece que, inquieto por múltiplas solicitações externas, se possui e se dirige cada vez menos. Se quiser viver e agir, terá de fazer a sua própria síntese.”

Kentenich apresenta a nova sociedade formada a partir de novos homens íntegros e conscientes do seu papel no social. É o que dizemos em educação social na prática: aprender a ser. Por isto, é importante que todo o processo educativo colabore para a abertura ao novo “(...) numa interacção entre educandos e educadores, que permite passar do abandono, da indiferença, da super-protecção ou do autoritarismo a uma proposta que fascine e gere expectativas, que encoraje e compreenda, que confronte e exija o diálogo.” (Conferência Episcopal Portuguesa, 2002, p.21).

Siegel (2001, p.75) refere-se a esta dinâmica apresentada pelo educador e sociólogo, Kentenich e mostra sua visão do homem dentro do contexto global no qual se insere como pessoa atuante e transformante da sociedade:

“Los esfuerzos estaban orientados a una nueva comprensión del hombre. Era inevitable. Si se quiere renovar el mundo en libertad, es necesario captar al hombre desde el núcleo de su dinamismo motivacional. Para él, los efectos de la crisis de la civilización no había que buscarlos sólo en las estructuras sociales o en las ideologías, sino en el quebrantamiento emocional del hombre contemporáneo y la consecuente

incapacidade para estabelecer vínculo, y, en último término, com Dios.”

No tempo em que vivemos de desvalorização da pessoa, de despersonalização e falta de respeito da dignidade emerge uma problemática sempre maior, em que, a originalidade e a novidade tornam-se uma ameaça a ‘sobrevivência’ pessoal. O homem como agente da história acaba por ficar esquecido ao sabor dos seus sonhos. Resweber (2009, p. 5) retrata esta realidade enfocando a originalidade individual: “Respeitar o sujeito é apoiá-lo e fazê-lo penetrar no espaço do seu desejo.”

Pelo contato que pôde ter com muitas pessoas em diversas nacionalidades, o Pe. Kentenich foi tomando sempre mais consciência das problemáticas pessoais, das angústias, dúvidas e desejos de realização das pessoas. Procurou assim discernir o plano de Deus a respeito do homem e encontrar soluções para as problemáticas modernas.

1.3 Problemáticas e questões da pós-modernidade

Os tempos de hoje são um grande desafio para o ser humano.

Na era da globalização, onde o individualismo e o poder supera qualquer valor, acreditar no potencial existente no próprio interior, na força que Deus impregnou no ser das pessoas, talvez se possa dizer que é uma utopia. É, porém, esta confiança que impulsiona a pessoa a vencer as realidades difíceis que se enfrenta na vida cotidiana. Fala-se muito da pós-modernidade. Termo que define a sociedade atual e as relações humanas. Há porém, várias formas de analisar o tempo e a situação actual. Tempo de revoluções, como diria o Pe. José Kentenich.

No dizer de Mello (2007, p. 123): “Há quem discuta, porém, se a pós-modernidade é uma mudança propriamente de época, de paradigma cultural ou uma ‘radicalização da modernidade’, do ‘paradigma pós-moderno’. Há quem fale de um ‘esgotamento’ ou reavaliação da modernidade.”

O importante é constatar que vivemos actualmente num tempo de constante mudanças e transformações como nunca, provavelmente se experimentou na história.

“No mundo moderno há um perigo muito maior do que a ameaça das bombas atômicas: é a explosão interior do homem, a sua atomização psicológica e espiritual. Embora o homem, cada dia, domine um pouco mais o universo material, parece

que, inquietado pelas múltiplas solicitações exteriores, se possui e se dirige cada vez menos. Se quiser viver e agir, terá que fazer a sua própria síntese.” (Quoist, 1995, p.25).

Esta situação atual levou o Pe. Kentenich a dizer que o velho mundo está em chamas! Um fato que nos motiva e convida a reconhecer a situação como oportunidade de impregnar de verdadeiros valores e atitudes o mundo novo que gostaríamos de apresentar às gerações futuras. Assim referiu-se o Pe. Kentenich (s/d, cit. por Seminário Internacional de Schoenstatt, 2006, p. 18): “Porque as vozes do tempo são para nós sempre as vozes de Deus, respondemos imediatamente com uma inspiração elevada, por uma vida de amor vigorosa, pessoal e interior, plena de alma e indissolavelmente vinculada ao Ideal. Nós contrapomos ao novo homem coletivista o novo homem schoenstateano.”

Esta degradação social e cultural está a atingir essencialmente a humanidade de forma a deixar esquecido que tudo o que existe e se move sob a terra “deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo (...)” (G.S.⁹, 1965, nº 12, cit. por Conferência Episcopal Portuguesa, 2002, p.10). A superação de situações sociais só será possível se houver humanização pessoal¹⁰.

Primeiro a pessoa precisa ordenar sua personalidade para depois influenciar a sociedade com os valores e as atitudes que vive pessoalmente, pois do sistema não se podem esperar grandes mudanças! Só desta forma, a pessoa humana “(...)constrói-se a si própria, cresce num contexto relacional e torna-se capaz de participar e partilhar, numa perspectiva de complementariedade e comunhão.” (Conferência Episcopal Portuguesa, 2002, p.21).

Como diz Petrini (2003, p.226): “Não se pode esperar que uma novidade real da sociedade globalizada, assim caracterizada, venha existir a partir de recursos, de ideologias ou de gestos de rebelião, pois estes são facilmente assimiláveis pelo sistema”. É necessário, antes de tudo uma transformação da ordem social, uma construção cotidiana de novas e sólidas relações para vencer a tensão do sistema social.

O sistema atual, no prisma da comunicação, tem sempre mais direcionado as atitudes e ações das pessoas de tal sorte que, o homem, fruto de uma aldeia global, esquece que é e deve tornar-se sujeito integrado e integrador do desenvolvimento. Num sistema

⁹ GS – Documento Pontifício Gaudium et Spes

¹⁰ Isto não significa dizer que o homem não é humano, mas sim que ele desintegrou-se, deixou-se dominar pela opinião da maioria. Pe. Kentenich explica que “O mundo e, com ele, o mundo interior do homem, estão desconjuntados.” (José Kentenich, s/d, cit por Fernández, 2002, p. 13).

mundial fragmentado e desorganizado, encontramos uma inversão de valores. Vê-se que o ser humano na sua dimensão pessoal, social, política, cultural e religiosa, passa a ser, numa sociedade onde o domínio pluridimensional atingiu o seu máximo, um esquecido!

Em sua reflexão social sobre a situação do mundo na pós-modernidade Mello (2007, p.135) evidencia a necessidade de aplicar o que Kentenich quis anunciar com a sua estratégia pedagógica: “O homem fragmentado, o homem como ‘ser lançado’ no mundo, membro desta ‘aldeia global’, que o bombardeia constantemente com informações e valores contraditórios, é um homem inseguro, que se fecha cada vez mais no seu mundo subjetivo de valores.”

Vive-se numa era de ‘excesso de comunicação’, onde toda a gama tecnológica de hoje favorece às pessoas de usufruírem de tudo o que a media e a comunicação no nosso século avançou. Isto porém, reflete nas relações e na própria educação. Esta constatação leva-nos a crer que o “(...) ‘homem do conhecimento’, da reflexão e da interiorização, poderá resultar da predominância do ‘homem expectador’ que, ao endeusar a civilização da imagem, facilmente adormece ou faz mesmo regredir os hábitos de pensar.” (Conferência Episcopal Portuguesa, 2002, p.27).

Realmente vivemos na época da comunicação, da velocidade da comunicação. Paradoxalmente, há *falta de comunicação* entre as pessoas que vivem próximas uma das outras, particularmente os membros da comunidade familiar, como o casal, pais e filhos e estes entre si. A pouca comunicação e falta de diálogo, são, invariavelmente, os principais problemas que afectam o matrimônio e a família. O diálogo, não se reduz a uma simples comunicação verbal, dialogar significa entrar em relação com o outro.

A própria vida, é feita e tecida de relações. As relações, por sua vez, revertem em união e amor! Se há comunicação autêntica, não há problema que não tenha solução, a tragédia é a falta de autêntica comunicação. Fala-se muito, mas diz-se pouco, ouve-se sem escutar, repetem-se coisas sem compreender, usa-se e abusa-se dos meios de comunicação sem nada comunicar. Trata-se de diálogo sem interesse, de conversas sem tema, de palavras sem sentido, de gramática sem ideias....(Cf. Carmona, 2005). Vallés (1994, p.07) diz: “Quando o diálogo autêntico chega a dar-se, é sempre fecundo, porque é o encontro de duas almas em transparência.”

Outra problemática que invade o ambiente familiar, não só, senão que também as relações sociais, é a questão dos valores. Os valores são essenciais na formação do ser humano. "Da mesma forma que o ser é o que é (não se define), o valor é o que vale. A sua

noção é algo que se intui, que se sente, que se percebe", assim refere Charbonneau (1984, p.111).

Valor é tudo aquilo que contribui para a realização do ser. Realização que está diretamente ligada à natureza do ser, ou seja, ao que a pessoa é na sua essência, de onde deriva a sua finalidade própria. Logo, para os diferentes seres há que levar em conta os diferentes valores. Para a pessoa humana há valores específicos que são necessários ao seu desenvolvimento, à sua realização, à sua própria perfeição. Em outros termos, nem todas as coisas ou bens que são valores em si ou que são valiosos, o são para todos os seres indistintamente, ou seja, independentemente da sua natureza e do seu fim.

Para o homem, será valor, será valioso, será bom, será importante, tudo aquilo que o ajudar a crescer como pessoa, do físico ao espiritual e que contribuir para desenvolver as capacidades e qualidades, que enriquecem interiormente e que o leva a ser mais e a ser melhor. Ao contrário, tudo aquilo que impede esse crescimento ou desenvolvimento ou que o dificulta, o que prejudica ou atrapalha, será desvalor ou contra-valor.

A maneira de captar os valores, a busca, a descoberta, a aceitação ou a rejeição de valores, enfim, a valorização subjetiva, pessoal, a vivência dos valores, depende, fundamentalmente, da concepção do mundo, da filosofia de vida, do ambiente cultural em que se vive, da educação, da formação da consciência, das crenças, das situações, das circunstâncias pessoais de cada pessoa. Diz Pires (2007, p.3):

“Definimos assim valores como ideias que valorizamos de uma forma especial, às quais aderimos afectivamente, que vamos progressivamente organizando num sistema coerente, consistente e hierarquizado, que orienta as nossas opções, as nossas acções e as nossas actitudes, dando forma ao nosso ser e à nossa vida.”

Se examinarmos, por exemplo, a influência da internet, da televisão, das formas de comunicação atuais, da publicidade, na formação da mentalidade e da escala de valores, especialmente dos jovens, percebe-se, claramente que muitos desvalores ou contra-valores ocupam, no interior das pessoas, o lugar de valores verdadeiros e predispõem, de maneira negativa, à rejeição e desconsideração desses valores.

A Conferência Episcopal Portuguesa na Carta Pastoral sobre a educação analisa a problemática inerente nas famílias:

“As dificuldades reais sentidas pelas famílias e os sintomas de desagregação que muitas delas acusam são fortes interpelações para que não deixemos de estimular quantos se esforçam por preservar um espaço familiar coeso, facultando aos filhos uma experiência de amor, de aceitação, de perdão, de afirmação e de crescimento harmónico e integrado, não obstante as diversas sensibilidades e maneiras de ser. (2002, p.17).

É necessário, também, despertar para o conhecimento e reconhecimento dos valores, saber a sua função e a sua importância para o desenvolvimento da sua personalidade, para o desempenho de suas atividades futuras na vida social-profissional, enfim, para a realização da sua missão ou do projecto de vida.

A educação precisa, ainda, de oferecer condições que ajudem as pessoas a elaborar a sua própria escala de valores, que inclua a todos, mas dentro de uma ordem certa, hierarquizando-os pela importância que têm no desenvolvimento e aperfeiçoamento do seu ser. Quanto mais esse conhecimento dos valores for claro, objetivo e amplo, melhor. Entretanto, não basta o puro conhecimento objetivo, o que mais importa é o seu uso, a sua aplicação, a sua vivência. Para isso, precisam tornar-se subjetivos, pessoais, a fim de que possam, efetivamente, inspirar as atitudes, as decisões e as ações (Cf. Toaldo, 1990).

No contexto do ensino de valores, da educação dos valores é importantíssimo o papel e o ser do educador. Antes de mais nada, ele deve ter clareza sobre a ordem objetiva do ser do educando e o seu desdobramento no agir, com vistas ao fim desejado. “Alguém só pode educar se souber que valores ele próprio defende e o que quer alcançar”. (Campos s/d, cit por Charbonneau, 1984, p.12).

Ferreira (s/d, cit por Charbonneau, 1984, p. 115) diz que:

“Somos, conscientemente ou não, mas sempre e a cada instante, portadores de valores. Valores que tomam formas e feitos os mais diversos, mas se expressam continuamente em nossos actos, em nossas omissões, nas coisas que aprovamos ou rejeitamos, nas coisas que dizemos e nas que silenciamos.”

O mesmo autor afirma, ainda, que “somos espelhos ambulantes” (Idem, p.115) e, como tais, reflectimos, em atitudes e no comportamento, o mundo interior, isto é, o

verdadeiro modo de pensar, de sentir e de ver, que se traduz em valores que transparecem no ser. Daí a necessidade da coerência entre o que se pensa e o que se faz, entre o que é ensinado e o que se vive, entre a palavra e a vida, entre o ser e o agir. "Ao professor é exigido que se não limite a apresentar-se como homem de um determinado saber, mas como testemunha da verdade e afirmador de valores. Mais ainda, como representante de todos os valores humanos." (Gusdorf 1970, cit por Toaldo, 1990, p.31).

1.4 O posicionamento da Igreja em relação à família

Há, porém outras realidades contrastantes que envolvem o ser humano e sobretudo, o seio da família. São sintomas graves de desagregação, desorganização e novas formas de entendimentos do que vem a ser o espaço familiar.

“O surgimento das diversas formas de convivência humana com o predomínio das relações mono-parentais, o predomínio do indivíduo sobre as relações comunitárias, a negação da família no seu fundamento natural numa ordem subjetiva e essencial, e de forma especial a desvalorização da família como célula básica da sociedade, leva a desestruturação das relações e ao esvaizamento do potencial familiar.” (Mello 2007, p.135).

A família como a célula da sociedade é o primeiro núcleo onde se dão as relações e onde inicia a formação das pessoas. Ela antecede a sociedade e o estado, pois ela é o fundamento de toda a vida social, nela o ser humano se desenvolve e adquire os primeiros fundamentos da fé, é onde as pessoas adquirem as atitudes e se aprendem as virtudes que são fundamentais para a vida do ser humano.

“No plano de Deus Criador e Redentor a família descobre não só a sua ‘identidade’, o que é, mas também a sua missão, o que ela pode e deve fazer. As tarefas, que a família é chamada por Deus a desenvolver na história, brotam do seu próprio ser e representam o seu desenvolvimento dinâmico e existencial.” (João Paulo II, 1981, p.30).

À família é confiada a missão de gerar e proteger a vida. Ela, por sua vocação e missão é o espaço de formação e configuração da verdadeira humanização.

Ela é a “...insubstituível escola de sociabilidade, exemplo e estímulo para as mais amplas relações comunitárias sob o signo do respeito, da justiça, do diálogo, do amor.” (Secretariado Geral do Episcopado, 1993, p.65).

O Pe. Kentenich dedicou-se à família e acreditou nela como geradora de um «ethos familiar»¹¹. Ele dá ênfase à importância da vida familiar para a formação de uma nova sociedade.

O «ethos familiar» é a atmosfera que impregna o lar de um aroma alegre, vivo, cordial, harmonioso e favorece nos seus membros a vinculação a um sistema comum de valores e princípios éticos. O *ethos* é um estilo próprio de vida. O estilo de vida caracteriza-se pelo forte laço de amor e união e preenche a vida de todos os membros da família. As virtudes da paciência, alegria, tranquilidade, respeito e harmonia familiar sob vivências de autêntica fé, formam o lar.

Ethos é para Kentenich (1984) um conjunto de aspectos vitais para a sobrevivência da família na situação atual. É uma forma peculiar de encarar a vida e a morte, a alegria e o sofrimento, o êxito e o fracasso, o trabalho e o descanso, enfim todos os contrastes pelos quais passam as famílias. E Pires complementa (2007, p.84): “O *ethos* familiar nasce de vivências autênticas, especialmente as vividas no lar, que nos capacitam para estabelecer relações afectivas estáveis.”

O estilo de vida visa forjar costumes familiares sadios, religiosos, profundos com uma consciência clara da necessidade de transformar a vida pessoal e ajudar no discernimento e educação do comportamento. O Pe Kentenich explica que o estilo de vida familiar sustentado pela fé e pelos critérios do Evangelho, ajudam a por em prática os ideais que animam a família. Eles precisam, com tudo, expressar-se e concretizar-se na vida do dia a dia. Eles são o caminho para a formação de uma autêntica família e de uma nova cultura familiar baseada em verdadeiros valores. Talvez assim seja possível formar uma nova ordem social cristã.

A estabilidade familiar está em desarmonia, o que traduz um péssimo funcionamento da sociedade. “Mesmo que muitas famílias não estejam em crise, a cultura contemporânea provocou uma crise da instituição familiar.” (Conferência Episcopal Portuguesa, 2004, p.10).

Se a família passa por momentos de crise interna e externa, logicamente também o homem é por ela atingido.

¹¹ Para o Pe. Kentenich, o *ethos* familiar é um estilo próprio de viver de cada família. Ele impregna a vida dos membros da família de tal sorte que gera uma forma nova de pensar e de agir.

A missão da família é de ser a ‘civilização do amor’. (expressão utilizada por Paulo VI, cit. por João Paulo II, 1994, p.47, nº13), ela sente-se chamada a anunciar a civilização da alegria, do amor e da paz. Esta realidade gera novas relações sadias e conduz a uma nova “humanização do mundo”. (João Paulo II, 1994, p.48, nº13).

Nestes e em muitos outros aspectos, sente-se a degradação do ser humano e da sociedade, fruto de nova visão social onde o consumismo, a ganância de ser e ter modificaram os parâmetros sociais das relações. A família é a promotora dos verdadeiros valores e dela depende o futuro da sociedade. “Amar a família significa saber estimar os seus valores e possibilidades, promovendo-os sempre. Amar a família significa descobrir os perigos e os males que a ameaçam, para poder superá-los. Amar a família significa empenhar-se em criar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento.” (Secretariado Geral do Episcopado, 1993, p.115).

A família, assim como muitos outros organismos, está passando por uma fase difícil, pode-se dizer que há uma crise familiar, pois está em crise a própria identidade do ser humano. João Paulo II na Carta que dirigiu às famílias, escreveu: “No desígnio de Deus, a família é a primeira escola do ser homem em seus vários aspectos. Sê homem! É este o imperativo que nela se transmite: homem como filho da Pátria, como cidadão do estado, e, dir-se-ia hoje, como cidadão do mundo.” (C.F.¹², 1994, p.60, nº 15).

A família é chamada a cumprir a sua missão na educação e na configuração da sociedade. Nela, cada membro recebe formação para desenvolver suas potencialidades e realizar-se como indivíduo pertencente a um núcleo social. Desta forma, como reforça o Conselho Geral do Episcopado, “...por força de sua natureza e vocação, longe de fechar-se em si mesma, a família abre-se às outras famílias e à sociedade, assumindo a sua tarefa social.” (Secretariado Geral do Episcopado, 1993, p.65).

Mafra (2006, p.111), refere-se à pós-modernidade e comenta sobre a crise da mesma:

“Vivemos uma era de tamanha identificação, que nem nome tem: pós-moderna. Entretanto ela é marcada por profundas crises que atingem diretamente a família e a sociedade. Dentre todas as crises existentes destacamos duas pelo seu impacto destruidor: a *crise de identidade* – As pessoas não sabem quem são, o que querem da vida e até mesmo porque existem.

¹² C.F. Carta às Famílias de João Paulo II (1994).

Gera-se em consequência o *fenômeno da massificação* – As pessoas deixam de pensar com as próprias cabeças, guiam-se pelos outros, fazem o que os outros fazem...”.

Poder-se-ia dizer que esta crise invade o próprio ser da família que, em si, deveria ter uma identidade. Cada núcleo familiar é um pequeno *ethos*. “Na verdade a pessoa é um sujeito, e o mesmo se diga da família, porque formada de pessoas, que, ligadas por vínculo profundo de comunhão, formam um único sujeito comunitário.” (João Paulo II, 1994, p.59, nº15).

Esta crise de identidade coloca a família dentro de um âmbito totalmente novo, uma vez que nos deparamos com novas estruturas familiares, que desorganizam a forma original da criação e da ordem dos seres. Esta crise não respeita a originalidade do ser. Homem e mulher, são iguais nos direitos, na dignidade, mas originais na sua estrutura física e emocional.

“(…)‘Ele os criou homem e mulher’ (Gn. 1,27). Esta é também a primeira afirmação da igual dignidade do homem e da mulher, pois ambos são, igualmente, pessoas. Esta sua constituição, com a dignidade específica que daí deriva, define desde «o princípio» as características do bem comum da humanidade, em todas as suas dimensões e enquadramento da vida.” (João Paulo II, 1994, p. 21, nº6).

O homem e a mulher são diferentes no ser e na missão de vida, mas iguais em seus direitos e no anseio de felicidade. Cada um tem o seu modo próprio de viver o seu ser pessoa, por isso, é importante respeitar, numa postura coerente, seus sonhos e suas expectativas. Charbonneau (1979, p.113) diz que: “Homem e mulher diferem de tal modo no plano psicológico que podem vir - se não tomarem cuidado – a se chocar com violência, capaz de ferir profundamente. Sua linguagem, e mesmo maneira de pensar e sentir, diferem as reacções ante um mesmo acontecimento podem ser diametralmente opostas.”

Ao falar de originalidade dos sexos fala-se também da realidade humana existente numa polaridade. O homem e a mulher são, dentro da natureza humana, duas versões de uma mesma realidade (biológica, psicológica e espiritual). Mas, mais do que isso, estão feitos um para o outro de tal modo que nenhum dos dois pode amadurecer e chegar à plenitude da sua personalidade sem se abrir aos valores do outro sexo.

Quando na sociedade a maioria pensa que a única coisa que homem e mulher podem oferecer um ao outro, é o seu corpo, dá-se um grande empobrecimento no desenvolvimento humano e chegamos a uma crise da família e, em consequência, da cultura, tal como a que vivemos atualmente. Pinto, (2006, p.20) mostra a importância dos valores distintos da sexualidade e do seu dinamismo quando diz:

“Educar para a sexualidade humana, enquanto ‘dinamismo que atinge a vida toda do homem, desde a concepção até a morte, corpo, alma, sentimento, e que leva o homem à doação total de si, num grande projecto de vida’ (cf. FC.¹³ 37). A sexualidade tem como objectivos a comunhão da vida e a continuação responsável da vida, o que implica saber lidar com esta riqueza extraordinária do ser humano sem tabus repressivos, nem permissividades abrangentes.

Ao longo dos tempos, a sexualidade foi muitas vezes reduzida, enclausurada na dimensão do prazer, visão redutora que compromete o elemento mais rico que ela contém, o da afectividade integrada no sonho da realização da pessoa, na globalidade do ser.”

Esta desorganização na imagem do ser conforme foi Idealizada por Deus reflete-se na imagem distorcida de Deus, ou ainda na negação da existência de Deus. Assim, Kentenich, (1931, cit. por Henriques, 1995, p.4) afirma que as mudanças do conceito de Deus e do homem anunciam sempre uma nova época histórica onde não só não existe uma imagem de Deus, mas vive-se como se não existisse uma imagem do homem e da mulher determinada por Deus. Concluímos que, o abandono de Deus é degradação humana e que caminhamos sempre mais para uma ‘mistura dos sexos’.

Kentenich, J. (1933, cit. por Henriques, 1995, p.6) disse sobre a evolução do movimento em favor da mulher:

“(…) a emancipação da mulher, tal como agora está surgindo e fermentando, como está nitidamente aguçando-se, derruba a ordem do ser. Aspira a equiparar a mulher ao homem ou a torná-la igual a ele. Podem imaginar que, se a mulher se tornar homem, amanhã corremos o perigo de o homem se tornar

¹³ F.C. – Familiaris Consortio

mulher. ... É certo que devemos estar gratos por a emancipação da mulher ter contribuído para superar tantas, tantas injustiças e, muitas, muitas formas de escravatura da mulher. Mas o objectivo não pode ser tornar iguais as naturezas do homem e da mulher. Se estas tendências continuarem a desenvolver-se, creio que, em certo sentido, podemos dizer que estamos diante de uma revolução contra a ordem do ser. E uma revolução contra a ordem do ser significa, em última análise, uma espécie de desmoronamento de toda a sociedade humana.”

Há, sem sombra de dúvidas, uma desintegração geral do ser individual e do ser família. É o que hoje se descreve como relativismo. Tudo passa a ser designado como relativo, conforme convém ou não às pessoas.

No Documento do Conselho Pontifício para a Família (2000, p.8), lê-se: “Dentro de um processo que se poderia denominar de gradual desestruturação cultural e humana da instituição matrimonial, não deve ser subestimada a difusão de certa ideologia de ‘gênero’ (‘gender’). Ser homem ou mulher não estaria determinado fundamentalmente pelo sexo, mas pela cultura. Com isto se atacam as próprias bases da família e das relações interpessoais.”

Porém, não só as bases das relações são atacadas, mas que, desestrutura-se também, a própria personalidade pessoal, criada de forma original por Deus.

“Na dinâmica integrativa da personalidade humana um fator muito importante é o da identidade. A pessoa adquire progressivamente durante a infância e a adolescência consciência de ser “eu mesmo”, de sua identidade. Esta consciência se integra em um processo de reconhecimento do próprio ser e, conseqüentemente, da dimensão sexual do próprio ser. É portanto consciência de identidade e diferença. ...” (Ibidem).

A Igreja, procura defender a originalidade do ser humano e sua potencialização na missão que lhe foi confiada pelo Criador. Ao proteger a família na sua originalidade, a Igreja quer ‘mostrar ao mundo’ o que é na verdade o papel e a missão da família no âmbito da formação e dignificação do ser humano.

“A família foi sempre considerada como a primeira e fundamental expressão da natureza social do homem. No seu núcleo essencial, tampouco esta visão mudou hoje.

(...) A família é realmente uma comunidade de pessoas, para quem o modo de existirem e viverem juntas é a comunhão: comunhão de pessoas.” (João Paulo II, 1994, p. 22 , nº7).

2. A ‘cosmovisão’ do Padre José Kentenich

Para responder a estas problemáticas que envolvem o ser humano e também a família, o Pe. Kentenich referiu-se a sua ‘cosmovisão’¹⁴, isto é, a sua forma pessoal de ver o mundo e o ser humano.

Para Peacey, a cosmovisão seria, como que, um mapa mental que ajuda o indivíduo a “navegar de modo eficaz no mundo”. (Nancy Peacey, s/d, cit. por Valmir Nascimento M. Santos, <http://comoviveremos.com/cosmovisão>). Continua o autor a explicar que a cosmovisão, é também definida como “(...) a maneira como a pessoa encara, age e reage em relação aos acontecimentos. (...) é o conjunto de suposições, crenças que alguém utiliza para interpretar e formar opiniões acerca da sua humanidade, propósito de vida, deveres no mundo, responsabilidades para com a família, interpretação da verdade, questões sociais.”

A cosmovisão do Pe. José Kentenich une a vida e a experiência num processo orgânico. Falar em educação para o Fundador do Movimento de Schoenstatt é salientar a importância de contextualizar o tempo e o mundo e, nele, o ser humano. E é neste contexto que ele se refere à sua visão pessoal do mundo atual. Para o Pe. Kentenich, “educação é acto gerador de vida” (1997, p.20).

O verdadeiro educador é aquele que inspira e ajuda a desabrochar o que já existe no interior do educando. Cury (2007, p.9), refere-se de forma muito clara à educação neste sentido:

“Educar é viajar pelo mundo do outro sem nunca penetrar nele. É usar o que pensamos para nos transformar no que somos. O maior educador não é o que controla, mas o que liberta. Não é o que corrige os erros, mas o que os previne.

¹⁴ Cosmovisão é a visão do mundo. “Weltanschauung é uma palavra de origem Alemã que significa literalmente *visão do mundo* ou *cosmovisão*. Ela é adotada regularmente em diversas línguas com este significado. Pode ser usada para descrever a maneira como uma pessoa enxerga o mundo, a imagem que ela faz da vida e dos homens. Outro sentido no qual é empregada é o de uma imagem do mundo que lhe é imposta, isto é, uma ideologia. Suas origens remetem ao século 18.” (Wikipédia, a enciclopédia livre, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Weltanschauung>).

Não é o que corrige comportamentos, mas o que ensina a reflectir. Não é o que observa apenas o que é tangível aos olhos, mas o que vê o invisível. Não o que desiste facilmente, mas o que estimula sempre a começar de novo.”

Como educador e ciente de sua grande tarefa formadora, o Pe. José Kentenich, desenvolveu o que o Movimento chama de Sistema Pedagógico de Schoenstatt. Este sistema abrange e integra aspectos da Teologia, da Dogmática, especialmente da Mariologia, da Ascese, da Filosofia, da Psicologia e da Pedagogia. Kentenich designa este complexo como: “Minha filosofia de educação”.(1997, p.3). O Sistema Pedagógico procura unir da forma mais perfeita possível a teoria e a vida, a teologia e filosofia actual, aplicada à psicologia e à sociologia.

A educação tem como finalidade o desenvolvimento integral da personalidade humana. Para tal, o educador como um ‘mestre na realidade da educação’, num verdadeiro processo educacional, precisa assumir em si a tarefa da educação. (Cf. Kentenich, 1984). Kentenich explica este aspecto da educação aos educadores ao dizer: “Devo colocar-me energicamente os arreios da vontade e renunciar totalmente à mediocridade de minha natureza. Só então poderei realizar um ato criador de vida como educador. Só então minha palavra será submergida na vida.” (Kentenich, 1999, p.112).

A concepção da educação como promotora do desenvolvimento integral, equilibrado entre teoria e prática, numa metodologia educacional atualizada aos tempos em que vivemos, poderá servir de contributo para um modelo funcional de formação. Visto assim o Sistema Pedagógico favorece ao educando a descoberta das questões que o inquietam e o ajuda a solucionar as perguntas e questionamentos, sobretudo quando se trata de sua própria existência, de sua felicidade e de seu futuro. Diz Rogers (1980, p.260): “Uma outra consequência para o educador é que a aprendizagem significativa é possível se o professor for capaz de aceitar o aluno tal como ele é e de compreender os sentimentos que ele manifesta.”

Com certeza que, a eficácia de tal funcionamento e a adequação à vida prática só será possível se a pessoa compreender as suas emoções e sentimentos, e além disto, souber organizá-los, controlando-os de maneira adequada.

O Pe. José Kentenich ocupou-se profundamente com estas questões e interpretou-as na sua essência e na raiz da qual ela emerge. Ele observou nos seus alunos o que lhe pareceu mais urgente ‘atacar’ no sentido de resgatar a possibilidade de uma

educação mais ‘centrada na pessoas do educando’. Observou atentamente, analisou e depois tentou dar respostas concretas.

Com o objetivo de reorganizar o Sistema Pedagógico unindo o cognitivo, o afetivo e o psicomotor, organizou o Sistema Pedagógico de Schoenstatt. Sua perspicácia pedagógica, seu carisma de educador, sua abertura para o novo sem deixar o velho, seu ser empático e social, fez dele um conhecedor da natureza humana e um grande animador a nível individual e de grupos. Identificou as necessidades dos jovens alunos, procurou responder aos seus interesses, ajudou-os na aprendizagem de novas atitudes e buscou dar resposta às suas inquietações pessoais e de grupo.

2.1 Pedagogia Mariana

No processo de educação, vê-se frequentemente uma fragmentação da análise do comportamento e das atitudes das pessoas, pois este, visto de forma desintegrada, acarreta numa série de consequências.

Os aspectos integradores da personalidade precisam ser vistos numa unidade, uma vez que, o ser humano como ser uno e indiviso, é regido por muitas forças concomitantes. A aprendizagem é decorrente da harmonia dos diversos âmbitos do ser pessoa. Uma educação extremamente rígida e reclusa, nunca serão eficazes na formação da individualidade e da educação comunitária.

O Pe. José Kentenich¹⁵, ao assumir como Diretor Espiritual dos jovens alunos do seminário, encontrou-os revoltados com a disciplina rígida e as regras exigentes demais, características do Sistema Pedagógico do início do século XIX, de forma especial, na Alemanha, ainda profundamente marcada pela mentalidade da época imperial.

Em seu modo de ser e actuar como conhecedor da grandeza interior da personalidade humana, ele lança um desafio aos jovens, quando de sua apresentação como o novo Director Espiritual.

Revelou-lhes a disposição que o movia interiormente (1912, cit. por Movimento de Schoenstatt, 2006, p.2):

“Ponho-me inteiramente à vossa disposição, com tudo o que sou e o que tenho: com o que sei e o que não sei, com todas as

¹⁵ Em 1912, o Pe. Kentenich foi nomeado Diretor Espiritual no Seminário Palotino em Schoenstatt-Valendar, na Alemanha.

minhas capacidades e incapacidades, mas sobretudo com o meu coração. (...) Queremos aprender a auto-educar-nos. Uma actividade nobre.

A auto-educação está actualmente no centro do interesse em todos os círculos de nível cultural superior. Auto-educação é um imperativo da religião, um imperativo da juventude, um imperativo do tempo.”

Pouco a pouco, não por último devido à experiência¹⁶ que vivera, dos 9 aos 14 anos, num Orfanato, ia-se delineando no seu interior o desejo de formar um homem novo e uma comunidade nova, capazes de enfrentar os desafios dos novos tempos. Ele mesmo comenta: "Desde a infância, sempre observei o que, afinal, a educação é, como a educação se apresenta e como geralmente (...) se educa. E disse comigo: tudo isto tem que ser diferente, tem que se fazer assim e assim. Tem que ser assim e assim." (Kentenich, 1950, cit. por Schlickmann, 2008, p.98).

Acreditando que é possível algo totalmente novo, ele apresenta aos jovens o seu programa e o seu projeto, baseado na pedagogia da confiança e da liberdade: “Sob a protecção de Maria queremos aprender a auto-educar-nos para sermos caracteres firmes, livres e apostólicos” (1912, cit. por Movimento de Schoenstatt, 2006, p.2):

Uma frase verbalizada pelo Pe. Kentenich ficou gravada na memória de seus alunos: “Nós queremos aprender. Não só vós – eu também. Queremos aprender uns com os outros, porque nunca acabamos de aprender, sobretudo no que se refere à arte da nossa auto-educação que representa a obra, a acção, o trabalho de toda a nossa vida.” (1912, cit. por Movimento de Schoenstatt, 2006, p.3).

A empatia com que apresentou o programa aos jovens e a abertura de alma, é expressão da atitude e também do seu método novo de educação, uma educação aberta, cativante e de relações.

Numa época em que a educação consistia numa grande distância entre os alunos e seu educador, Kentenich deita abaixo todo um Sistema Pedagógico ultrapassado. Sistema este que consistia num ensino estático e de memorização. A sua maneira de proferir as aulas e "instruções" semanais como Diretor Espiritual de seminaristas, ainda

¹⁶ O Pe. Kentenich experimentou em sua própria vida a rigidez do Sistema Pedagógico de sua época. A experiência que tivera, de certo formalismo, rigidez e falta de liberdade que experimentara como educando no orfanato em Oberhausen, despertou nele a convicção de que esta não era a postura certa do *educador educado*. Sobre isto ele comenta: “Eu nunca aceitei o modo como fui educado e dizia comigo: não, assim não se deve educar.” (Kentenich, 1950, cit por Schlickmann, 2008, p.98).

adolescentes, e a sua abertura à originalidade de cada um, era diferente, dinâmica e original. Abriu espaço para a vida e para a criatividade com diálogo e participação activa dos alunos.

Suas palavras o confirmam:

“Queremos iniciar esta organização. Nós – não eu. Porque neste sentido não farei nada, absolutamente nada sem o vosso inteiro acordo. Não se trata de um trabalho de momento, mas de uma instituição útil para as gerações futuras. Os vossos sucessores devem, portanto, poder usufruir do vosso zelo, do vosso conhecimento das almas e da vossa prudência. Tenho a certeza de que, se todos colaborarem, vamos conseguir algo proveitoso. Mas ainda aí não chegámos. Antes de mais temos que nos conhecer uns aos outros e que nos habituar a dialogar com liberdade entre nós, como corresponde ao nível da nossa formação.” (Pe. Kentenich, 1912, cit. por Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2006, p. 7).

Neste ambiente de abertura, alegria, confiança e co-responsabilidade, o Pe. Kentenich inicia a formação e a educação dos alunos motivando-os a trabalhar na sua própria transformação. Ele o fazia despertando nos jovens o que estava latente no interior de cada um, como força e impulso à mudança.

“Por isso, avante! Avancemos nas pesquisas e conquistas do nosso mundo interior, através da auto-educação consciente. Quanto mais progresso exterior, tanto mais aprofundamento interior.” (Kentenich, 1912, cit. por Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2006, p.13).

Entusiasmado-os pelos grandes e verdadeiros ideais éticos e cristãos, motivando-os para a busca da identidade própria através da educação pessoal. João Paulo II (1994, p.65, nº16) refere-se a auto-educação como algo essencial na vida dos jovens. Ele diz:

“O itinerário educativo conduz à fase de auto-educação, que se atinge quando, graças a um adequado nível de maturidade psico-física, o homem começa a educar-se por si só. A auto-educação supera, com o passar do tempo, as metas anteriormente alcançadas no processo educativo, no qual, todavia, continua a mergulhar as suas raízes. (...) O processo de auto-educação não pode deixar de estar marcado pelo

influxo educativo exercido pela família e pela escola sobre a criança e o adolescente. Mesmo quando se transforma e se encaminha pela sua própria estrada, o jovem continua a permanecer intimamente ligado com as suas raízes existenciais.”

A intenção do Pe. Kentenich era ajudar os jovens a ‘conquistar’ o homem novo para que, assim pudessem ser capazes de se orientarem segundo princípios sólidos que os tornassem aptos a vencer qualquer obstáculo.

A vida dos seminaristas passou por uma completa transformação, pois a maneira de educar do Pe. Kentenich era totalmente inovadora, diferente da prática pedagógica da época¹⁷.

É quanto relata Siegel (2001, p. 46):

“El desafío pedagógico consistía en captar y orientar las multifacéticas corrientes de vida que surgieran de los propios alumnos y transformarlas en aportes para a realización, que debía descansar en la plena responsabilidad de sus integrantes. Por esta razón, optó por una organización autónoma en el seno del internado.”

A auto-educação é um processo de transformação que leva a cada um a educar-se a si mesmo: “Queremos educar-nos a nós mesmos” (Kentenich, 1947, cit. por Seminário Internacional Movimento de Schoenstatt, 2006, p.30).

A proposta do Pe. Kentenich brota de sua convicção interior. “O grau do nosso progresso no domínio das ciências tem que ser o grau do nosso aprofundamento interior. Caso contrário, cria-se também no nosso interior um vazio enorme, um abismo tremendo que nos faz sentir profundamente infelizes.” (Ibid, p.35).

O ser humano não é um ser completo em si mesmo, “(...) é um projecto inacabado, e que para a realização plena foi dotado de talentos. A tarefa de multiplicação desses talentos está confiada à liberdade de cada ser humano.” (Strada & Pontes, 1998, p. 29). Este desenvolvimento, no entanto, não está somente voltado para futuros papéis sociais que irá desenvolver, mas também para eventuais responsabilidades, pois a educação

¹⁷ Assim refere Monnerjahn (2004, p. 53): “O método que o Pe. Kentenich usou em suas aulas deve ter-se distanciado bastante da forma de lecionar de então.”

além de ser um preparo para a vida é também, a própria vida. Toda a ação educativa deve ter em conta o respeito à grandeza e originalidade de cada ser humano.

“O reconhecimento e o respeito do homem como homem, é a condição fundamental de todo o processo educativo.” (João Paulo II, 1994, p.66, nº16).

Neste processo, cuja dimensão abrange o domínio social, o desenvolvimento de atitudes deve ter em vista o ‘aqui e agora’ da vida, mas também o que mais tarde for necessário para o verdadeiro desenvolvimento cultural, religioso, social e político. Para alcançar estes objetivos na educação dos jovens, o Pe. Kentenich, apresentou a dinâmica que Deus havia suscitado em sua própria pessoa ao conduzi-lo na auto-educação: O amor à Maria.

Maria foi para o Pe. Kentenich uma Mãe e Educadora que assumiu a maternidade e desenvolveu a arte da educação desdobrando-a à semelhança de como procedera com Jesus. Diz Cury (2007, p.130): “Maria teceu o projecto de educar o Filho do Altíssimo”. Foi devido a esta profunda relação filial a Nossa Senhora e à grande experiência desde a infância, que o levou a conduzir os jovens seminaristas a um amor sempre maior e próximo a Maria¹⁸, Mãe de Jesus.

2.1 Maria na Obra da salvação

O Pe. Kentenich muitas vezes revelou a Família de Schoenstatt e ao mundo que a sua missão era anunciar Maria e o seu papel no plano da salvação dos homens:

“Minha tarefa é anunciar Nossa Senhora, revelá-la ao nosso tempo como a auxiliar permanente de Cristo na obra da redenção, como a Co-redentora e a Medianeira das Graças; Nossa Senhora, unida profundamente a Cristo, numa união a dois, com sua missão específica, a partir de seus Santuários, para o nosso tempo.” (Kentenich, 2001, p.153).

No plano da salvação do mundo, Deus, no seu amor e bondade, deu a Maria um lugar especial e uma missão essencial. Maria foi escolhida para realizar a missão de

¹⁸ Ao referir-se à atuação de Maria na sua vida, disse certa vez o próprio Pe. Kentenich (2001, p. 152). : “É difícil constatar a partir de que momento eu me considerei e avaliei de modo tão completo como sua obra e seu instrumento. Esse processo recua aos primeiros tempos de minha infância.”

Mãe de Cristo e nossa Mãe. Ela colaborou com a graça Divina, foi ornada com muitas virtudes e Deus confiou-lhe a missão de ser a Mãe da Humanidade.

“Acrescentamos ainda que o culto a Bem-aventurada Virgem Maria tem a sua suprema razão de ser na insondável e livre vontade de Deus, o qual realiza todas as coisas segundo um plano de amor: amou-a e fez por ela grandes coisas; amou-a por causa de si mesmo e por causa de nós; deu-a a si mesmo e deu-a a nós”. (Paulo VI, 1974, nº 56, cit. por Documentos Pontifícios, 1987, p.117).

Maria tornou-se não só ‘Mãe-progenitora’ do Filho de Deus, mas também a Cooperadora generosa e singular do Messias Redentor.

Ela cresceu na peregrinação da fé, e nessa sua *peregrinação* até aos pés da cruz, foi realizando simultaneamente, com obras e sofrimentos, a sua cooperação materna e sponsal em toda a missão do Salvador. “Foi Deus que dispôs que a Redenção efetuada por Cristo tivesse uma modalidade essencialmente mariana.” (Fernández, 1980b, p.5).

Na Constituição Dogmática da Igreja, Lumen Gentium, Maria é indicada como a *peregrina da fé*. Ela "avançou na peregrinação da fé, mantendo fielmente a união com Seu Filho até à cruz." (LG¹⁹ nº 58, 1964, cit. por Documentos Pontifícios, 1987, p. 37). É sublinhada também, claramente a relação de Maria no mistério de Cristo: "A Bem-aventurada Virgem Maria foi nesta terra a sublime Mãe do Redentor, a sua generosa Companheira e humilde serva do Senhor." (LG nº 61, cit. por Documentos Pontifícios, 1987, p. 39).

Como Mãe de Cristo, Maria revela-nos o Pai e seu amor, tornando-se a filha muito amada do Pai cuja misericórdia derramou-se plenamente e elevou sua dignidade e realeza. Por sua misericórdia, Deus quis que Ela participasse do seu plano salvífico e escolheu-a dentre tantas mulheres. Maria correspondeu ao amor do Pai, disse seu *sim* e permaneceu fiel a ele. Por isto, sua imagem refulge diante de nós como um exemplo perfeito de amor a Deus e ao próximo.

Maria, sempre esteve aberta para receber o amor do Onipotente e respondeu generosamente aos seus mais leves acenos, tal como vemos na cena da Anunciação. Maria, inclina-se diante da vontade de Deus, pronunciando o seu pronto e total "Sim"! "Eis a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua Palavra!" (Lc 1, 38).

¹⁹ LG, abreviação da Constituição Dogmática da Igreja Lumen Gentium, de 1964.

“A união singular da ‘Theotókos’²⁰, com Deus, que realiza do modo mais eminente a predestinação sobrenatural à união com o Pai prodigalizada a todo o homem, é pura graça e, como tal, um dom do Espírito. Ao mesmo tempo, porém, mediante a resposta da fé, Maria exprime a sua livre vontade e, portanto, a plena participação do ‘eu’ pessoal e feminino no acontecimento da Encarnação.” (João Paulo II, 1988, p. 17, nº4).

Sendo Maria, em virtude da eleição divina, a Mãe do Filho de Deus e cooperadora generosa na obra da Redenção, tornou-se para nós, a Mãe. Esta função constitui a dimensão real da sua presença no mistério salvífico de Cristo e da Igreja. Maria colabora na Redenção como a Mediadora da Graça ajudando a formar e moldar os seus filhos.

Na Igreja, Maria tem a grande missão de ser o coração que abriga, que acolhe e ama. Ela é a Mãe carinhosa dos filhos de Deus. Abrir os corações à filiação divina, formar os filhos de Deus, é a missão de Maria: O motivo da dimensão mariana na vida do cristão traduz-se na relação profunda e fecunda de quem se confia a Mãe de Deus.

“Confiando-se filialmente a Maria, o cristão, como o apóstolo São João, acolhe ‘entre suas coisas’ a Mãe de Cristo e introduz-I’A em todo o espaço da própria vida interior, isto é, no seu ‘eu’ humano e cristão: ‘Levou-A consigo para sua casa.’ Assim procura entrar no âmbito de irradiação em que se actua aquela ‘caridade materna’, com que a Mãe do Redentor ‘cuida dos irmãos de seu Filho’, ‘para cuja regeneração e formação, ela coopera’, segundo a medida do dom de cada um, pelo poder do Espírito de Cristo.” (João Paulo II, 1987, p. 107, nº45).

Ao contemplar Maria, a Igreja descobre como viver mais perfeitamente o Evangelho. Quem melhor que Sua Mãe para dar a conhecer e amar, Ela que viveu em plenitude, os seus desejos?

Sua função maternal é ensinar aos cristãos o autêntico seguimento de Cristo, quer dizer, ensinar a escutar a Sua palavra e a pô-la em prática. Maria diz, sempre de novo: "Fazei o que Ele vos disser" (Jo 2,5).

²⁰ ‘Theotókos’ é o “conceito «técnico», consagrado oficialmente pela Igreja no antigo Concílio de Éfeso (em 431), pelo qual se definiu a «divina maternidade de Maria» e que em português se traduz essencialmente por Mãe de Deus.” (João Paulo II, 1988, p. 17, nº4).

O perfeito discípulo do Senhor aprende Dela a viver como homem novo, pois Ela é a autêntica Mulher Nova, modelo do seguimento ao Senhor: “Deus adornou-a com dons dignos de uma tão grande missão; e por isso, não é de admirar que os santos Padres chamem com frequência à Mãe de Deus ‘toda santa’ e ‘imune de toda a mancha de pecado’, visto que o próprio Espírito Santo a modelou e d’Ela dez uma nova criatura.” (LG, 1964, nº 56, cit. por Documentos Pontifícios, 1987, p. 35).

Maria é o modelo do ser humano íntegro e novo, ela portanto, reflete o que a educação almeja alcançar quando apresenta-se num processo “localizado que permite a apropriação de modelos balizadores, personificados em membros da comunidade educativa, contribuindo para a dimensão cultural que nasce e se desenvolve em cada homem. Uma educação assim entendida prepara para a afirmação da diferença, entendida como riqueza.” (Conferência Episcopal Portuguesa, 2002, p.22).

A devoção a Maria em Schoenstatt não surgiu de uma fundamentação teórica, mas é o prolongamento da experiência mariana do Padre José Kentenich. Desde a infância ele experimentou na sua vida e na sua fundação a fecundidade do amor a Maria. Ele viveu a devoção a Maria de uma forma original e ensinou a outros o caminho da verdadeira devoção mariana. Maria é sem dúvida o caminho pedagógico Ideal na descoberta da verdadeira imagem e visão integradora do ser humano. “Além da força de atração e o dinamismo que exerce o Ideal encarnado, Maria é um caminho pedagógico Ideal pela força transformadora que possui o amor ardente e profundo de quem a Ela se consagra.” (Fernández, 1980b, p.25).

O amor a Maria, a consagração a Ela, leva a pessoa a uma profunda união na forma de aliança. “Esta forma de devoção consiste, portanto em dar-se inteiramente a Maria Santíssima a fim de ser, por seu intermédio, inteiramente de Jesus Cristo.” (Montfort, 1987, p.108). O segredo está no mistério do amor. A única força capaz de transformar o homem de forma profunda e eficaz, é o amor. Por isto, a pedagogia e a pastoral marianas fundamentam a sua educação no amor.

Explica Fernández (1980b, p. 27), que o amor une as pessoas que se amam de tal sorte que formam uma comunidade de vida: “Nesta comunidade se produz uma transformação de valores e de vida: o mundo de valores de quem amamos torna-se o nosso mundo. O amor desperta em nós criatividade e dinamismo como nenhuma outra atividade jamais o alcançaria.” Este amor ampara, aconchega. Quem a ama, é por Ela transformado, torna-se semelhante a Ela. Aqui está a força pedagógica do amor a Maria. O amor, a devoção mariana deve formar cristãos autênticos; não pode ser apenas sentimentos,

devoções externas, mas deve levar a uma mudança de vida. E se a vida muda, então a sociedade também ficará melhor.

Na Constituição Apostólica *Lumen Gentium* encontramos a exortação à prática da verdadeira devoção mariana,:

“E os fiéis lembrem-se de que a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa Mãe e a imitar as suas virtudes.” (LG, p.43, nº67, cit. por Documentos Pontifícios, 1987, p. 35).

2.2 Um programa mariano-pedagógico

Após apresentar o programa de educação a desenvolver com os jovens, o Pe. Kentenich, motivou-os a uma vida comunitária mais intensa. Reconheceu que para alcançar o seu objetivo pedagógico tornava-se necessário abrir aos alunos um campo de ação de forma a dar expansão aos seus desejos de atividade, e sobretudo queria assegurar o Ideal do homem comunitário e mariano. Propôs, então, a fundação de uma Congregação Mariana²¹.

Os jovens entusiasmados com a idéia e arrebatados pelo Ideal das missões²², independentes e livres, deram evasão às suas energias e ao espírito de conquista. Desperta-se lentamente, passo a passo a generosidade e nobreza individual e familiar. Cada um sente-se responsável pelo outro e pela comunidade. A Associação Missionária entrou na vida, não por determinação ou ordem, mas pelo caminho natural, por decisão autônoma de cada um. Desta forma, os vínculos das relações pessoais foram aprofundados, mas não só, também os ideais da nova comunidade.

O Pe. Kentenich, consciente deste caminho que os jovens estavam a percorrer, orienta de forma muito pedagógica e à luz da fé, a vida que passa a brotar e encaminha-os para a grande meta religiosa e apostólica, para a formação do Ideal comunitário,

²¹ A Congregação Mariana visava a educação para o ideal missionário como era comum na Igreja. Anotou o Pe. Kentenich em seus apontamentos: “A Congregação Mariana com a tríplice aspiração do amor a Maria, santificação pessoal, e o apostolado”.

²² Refere-se aqui a Associação Missionária fundada pelo Pe. Kentenich juntamente com os jovens. Esta associação missionária tinha por finalidade oferecer aos jovens um campo concreto de atuação para que fosse possível o desenrolar dos processos interiores, onde o desejo pelo apostolado, desta forma, tivesse o seu fruto. Depois disto, mais tarde, surgiram novas iniciativas.

conduzindo-os por e com Maria à transformação de sua vida juvenil. (cf. Seminário Internacional Movimento de Schoenstatt, 2006).

Mais tarde, em 1914, lança uma proposta inovadora e eficaz para dar continuidade ao que chamou de auto-educação. Convidou Nossa Senhora a estabelecer o seu trono numa capelinha²³ para atuar como Educadora destes jovens com os quais havia iniciado um trabalho pedagógico intenso. Por sua atuação, Ela devia incentivar os jovens a trabalhar em sua auto-educação. O forte acento da cooperação, estava contido na atmosfera daquela hora. Por isto, selaram com a Mãe e Rainha uma Aliança de Amor e se tornou concreta a palavra: ‘nada sem Ti, nada sem nós!’

A conferência que proferiu no dia 18 de Outubro de 1914, foi posteriormente designada por Documento de Fundação de Schoenstatt. Este pequeno acontecimento exterior tornou-se a fonte de uma nova irrupção de graças e de vida. Numa insignificante capelinha de São Miguel restaurada, o Pe. Kentenich, reuniu-se com os jovens estudantes, num lugar desconhecido e insignificante para vastos círculos. Os jovens estavam de volta das férias de verão e se alegravam na expectativa da primeira conferência do ‘seu Diretor Espiritual’ nessa capelinha que, de agora em diante, seria o lugar de suas reuniões.

Aí o Padre Kentenich confiou-lhes uma silenciosa idéia predileta: convidar Nossa Senhora a estabelecer-se na capelinha tornando-a assim, num pequeno Santuário de graças. Como representante seu e de todos os que um dia pertenceriam ao Movimento de Schoenstatt, ele selou a Aliança de Amor com Nossa Senhora. São suas estas palavras: (1914, cit. por Movimento de Schoenstatt, 2006, p.3):

“Não seria possível que agora a capelinha da nossa Congregação se tornasse também o nosso Tabor, no qual se revela a glória de Maria? Não podemos, sem dúvida, realizar uma acção apostólica maior, não podemos legar aos nossos sucessores uma herança mais valiosa, do que mover Nossa Senhora e Rainha a estabelecer aqui, de maneira especial, o seu trono, a distribuir os seus tesouros e a operar milagres da graça. Imaginais onde quero chegar: gostaria de transformar este lugar num lugar de peregrinação, num lugar de graças para a nossa casa, para toda a província alemã e talvez para ainda mais

²³ A capelinha que aqui é referida trata-se do Santuário de Schoenstatt, lugar de graças e centro da espiritualidade de Schoenstatt. Existem hoje muitos destes Santuários espalhados pelos diversos países. Em torno aos Santuários de Schoenstatt, sinais visíveis da missão mariana do Pe. José Kentenich, o Movimento tem os seus centros de formação.

além. Todos os que aqui vierem para rezar, devem experimentar a glória de Maria e confessar: É bom estar aqui. Queremos construir aqui tendas, este deve ser o nosso lugarzinho predilecto! Uma ideia ousada, talvez ousada demais para o público em geral, mas não ousada demais para vós. Quantas vezes, na história mundial, as coisas pequenas e insignificantes foram a fonte de coisas grandes e das coisas maiores. Porque não poderia acontecer o mesmo no nosso caso? Quem conhece o passado da nossa Congregação não terá dificuldade em acreditar que a Providência Divina tem planos especiais a seu respeito....”

N o 18 de Outubro de 1914, em que foi selada a Aliança de Amor, o Santuário tornou-se o lugar da Aliança. Schoenstatt passou a ser considerado terra sagrada de Nossa Senhora com o título de Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt. Totalmente no silêncio, iniciou um maravilhoso processo interior de vida, embora aparentemente a vida exterior parecesse continuar sem mudança alguma. É o que ficou conhecido como um pacto de amor: Nada sem Ti, Maria; nada sem nós, os teus filhos²⁴!

O Pe. Kentenich acreditava que algo de grande iniciara naquele momento. Foi através da Aliança com Maria que ele pode conceber e mais tarde anunciar o mundo novo que trazia dentro de si e que por Ela mesma fora formado. Em 1949 refere numa conferência: “(...) quando fiquei sacerdote e consegui criar, formar e configurar o mundo que trazia dentro de mim.” (Kentenich, 1949, cit. por Schlickmann, p.204).

A partir da Fundação, Maria devia estabelecer ali, naquele lugar, o seu trono de graças e mostrar-se como Mãe e Educadora para que cada um pudesse alcançar como expressou o Pe. Kentenich, (1914, cit. por Movimento de Schoenstatt, 2006, p.3): “O maior grau possível de perfeição e santidade, segundo o seu estado” e atrair ali os corações dos jovens, acolhê-los no seu coração maternal, transformá-los em Cristo Jesus e enviá-los como instrumentos seus a trabalhar na renovação religiosa e moral do mundo.

²⁴ O “nada sem Ti, nada sem nós!”, é a expressão da Aliança de Amor com Nossa Senhora. Nada sem Ti, Maria! Assim como num pacto de amor, de ambos os lados, deve existir um comprometimento de amor, o “nada sem nós, representa a resposta dos filhos a atuação de Maria no Santuário de Schoenstatt, isto é, a colaboração consciente para que Ela, permaneça presente e atuante como Mãe e Educadora.

Por sua vez, os jovens se comprometeram a provar o seu amor a Mãe e Rainha na vida diária, por meio de muitas contribuições ao Capital de Graças²⁵, quer dizer, pelo esforço pessoal na santificação através do fiel e fidelíssimo cumprimento do dever e uma intensa vida de oração. Isto faria uma ‘suave violência’ sobre o coração de Maria para que Ela se estabelecesse espiritualmente na capelinha, convertendo-a num Tabor de suas glórias, num lugar de graças e de peregrinação.

Esse Capital de Graças seria a prova de que tomavam a sério os seus propósitos e estavam decididos a cumprir a sua parte na Aliança. Foi assim que ele se expressou: “Esta santidade fará ‘suave violência’ à nossa querida Mãe do Céu e atraí-la-á para junto de nós.” (Idem, p.2).

O Santuário de Schoenstatt tornou-se verdadeiramente um lugar privilegiado de Aliança com Maria, onde Ela provou o seu poder de Mediadora de todas as graças e onde se tem mostrado particularmente como Educadora do homem novo em Cristo Jesus, fazendo surgir um Movimento de renovação na Igreja.

A Aliança com Maria, Mãe e Educadora, é uma Aliança de Amor. Quando nos unimos a alguém por amor constituímos com essa pessoa uma estreita comunhão de corações, de bens e de interesses.

A pessoa estabelece, pelo vínculo do amor, uma certa identificação espiritual: o “eu” e o “tu” passam a ser um “Nós”. É o que João Paulo II indica na Carta às Famílias como um projeto de vida para a humanidade ao referir-se à cultura que a sociedade é chamada a viver a ‘civilização do amor’(cf. João Paulo II, 1994).

O amor faz sair de si mesmo, impulsiona a um movimento de entrega e doação ao tu e cria uma comunhão de amor, tornando-se o oposto do individualismo que confere à humanidade um novo rosto.

Os que se amam vivem um no outro, um para o outro e um com o outro, e se tornam dom de amor. “A antítese com personalismo verifica-se não apenas no terreno da teoria, mas ainda mais sobre aquele do «ethos» (procedimento). O «ethos» do personalismo é altruísta: leva a pessoa a fazer-se dom recíproco para os outros e a encontrar alegria em doar-se.” (João Paulo II, 1994, p. 54, nº 14).

²⁵ “O Capital de Graças consiste em colocar nas mãos de Maria os méritos de nossas orações, de nossas boas obras e de nossos sacrifícios, para que Ela se estabeleça no Santuário e daí atraia e eduque muitos apóstolos de Jesus e construtores de uma nova comunidade.” (Fernández, 2004, p.203).

Isto é o ‘Mistério de Schoenstatt.’²⁶ “Se compreenderem de modo certo o *Mistério de Schoenstatt*, então sabem que sobre Schoenstatt está escrito em letras flamejante: *nada sem mim!* Schoenstatt não surgiu somente pela graça, mas se desenvolveu conscientemente, (...)pela cooperação dos portadores do *Mistério. Nada sem mim!*” (Kentenich, 1988, p.21).

O ‘Mistério de Schoenstatt’ é portador de uma riqueza insondável que pode cunhar toda a vida. Confere um grande objectivo de vida e faz de cada pessoa um colaborador de Maria na renovação do mundo, como o expressa a frase: ‘nada sem Ti, nada sem nós!’

²⁶ O Mistério de Schoenstatt é a vinculação de Maria ao Santuário de Schoenstatt e sua actuação como Mãe e Educadora unido a livre colaboração humana. Ela é expressa pelo *nada sem Ti, nada sem nós!*

CAPÍTULO II – CONHECENDO-SE A SI MESMO

1. A existência humana

Antes de iniciar uma caminhada de auto-educação é pressuposto que a pessoa, olhando para dentro de si mesma, busque conhecer quem é, qual a sua posição no mundo, na vida social. Seu crescimento só será possível à medida que, buscando a descoberta do seu Eu, da sua identidade, encontrar as razões da sua existência. Como explica Nuttin (s/d cit. por Teles (1985, p. 34): “O homem tem em si duas imagens: o que ele é (eu real) e o que deseja ser (eu Ideal).”

O ajustamento do que se pensa ser ou do que se é na verdade não é fruto de recalcações das forças entre o Eu real e o Ideal, mas de quanto há em harmonização, o que resulta num projeto concreto de vida.

1.1 O sentido da vida

Saber qual é o sentido de sua existência, para que vive e que sentido se dá à própria vida, é imprescindível para a realização de cada indivíduo. O ser humano é criado para a felicidade e aí está o grande objetivo de toda a pessoa, ser alguém, construir algo e realizar-se. Na vida do ser humano existe sempre um para quê, “independentemente do facto de ele aperceber-se disso ou não.” (Massa, 1997, p.14).

Qual é o sentido da vida? Esta é uma inquietação constante que invade o interior de todas as pessoas. Consciente ou inconscientemente, todos sem exceção, buscam a felicidade. Rojas, (2007b) explica que a felicidade está intrinsecamente unida ao projeto de vida pessoal e que para alcançá-la é preciso lançar mão de muitas coisas e, pela força da vontade, vencer a si mesmo.

Carl Rogers diz que as pessoas buscam tornar-se pessoas que “funcionam plenamente” (Rogers s/d, cit. por Estanqueiro, 2007, p.10), isto significa que para ser pessoa que funciona bem, é necessário percorrer um processo dinâmico de vida, que se prolonga ao longo da existência.

Para Abraham Maslow somente a pessoa que se realiza ou que em outras palavras, é plenamente humana, se torna mesmo pessoa! Só assim, segundo a visão humanista, há amadurecimento pessoal.

A fim de conhecer-se melhor, o ser humano necessita desbravar o mundo do seu interior, necessita de tempo, de paciência e de imergir no mais profundo de sua alma; tudo isto exige muita maturidade, respeito e compreensão do próprio projeto de vida.

O conhecimento de si mesmo não acontece de um dia para outro e, sim, através de um constante encontro com as próprias buscas e tendências, o que faz chegar ao equilíbrio do 'eu'.

Moraes (1995, p.454), diz que: “O ‘sentido da vida’ é encontrado na medida em que se ‘responde’ adequadamente aos fatos diários da vida e não a num projeto Idealizado e distante.” Só no concreto, na caminhada da vida, se vai conquistando, passo a passo, a própria realização. Cada fase da vida apresenta-se como um momento único a ser vivido e possui o seu encanto próprio, porém, ao mesmo tempo, tensões e problemas próprios a serem vencidos. Por isto, torna-se necessário perscrutar o interior para assim melhorá-lo.

Refere-se González (2001, p.12) ao identificar a dificuldade do homem de encontrar-se consigo mesmo e influenciar a vida social:

“Hoje o homem vive sob a influência de duas constantes que o afastam deste Ideal de reflexão e do encontro consigo próprio:

a) As necessidades levantadas pelo exterior (moda, publicidade, dinheiro, poder, sexo...) que dificultam tremendamente o acesso ao silêncio do homem interior. Além disto, a tendência actual procura exactamente o ruído exterior para calar a palavra que nasce do silêncio.

O ritmo acelerado da vida moderna não deixa cultivar o mundo interior da pessoa. O ritmo de vida ditado pelos factores económicos e sociais (dinheiro, poder, prestígio...), faz que o homem de hoje dificilmente perceba e aceite o ritmo lento que todo o processo de interiorização e de reflexão pessoal exige.”

A busca do equilíbrio e o encontro com a perfeição é uma necessidade intrínseca na natureza humana, é um anseio encoberto no próprio homem.

Diz Chiappin (1979, p.18): “Ainda que vivendo num universo de transformação, em que apenas a lei da mudança parece não mudar, acredito convictamente na capacidade permanente do homem, em construir-se e reestruturar-se neste seu processo normal de criatividade indefinida.” Isto, porém, só poderá acontecer na medida em que houver reconhecimento da identidade pessoal, da missão específica que conduz a realização pessoal. “A identidade pessoal, e a consequente autenticidade é questão de interioridade essencial, como ter tempo é questão de preferência. Somente a harmonia interior liberta o homem e liberta sua humanidade.” (Chiappin, 1979, p.11).

Sabe-se da necessidade do homem de recuperar a identidade pessoal total e a reencontrar a autenticidade de ser e agir como uma forma de libertação pessoal e não só, mas também integrar-se socialmente. Hoje há uma carência de homens íntegros com vontade, caráter e convicção, com personalidade sublime e abertura ao amor. Continua Chiappin a dizer que nos faltam hoje: “...uma imagem real deste esforço esperançoso e promissor, para o despertar feliz de um homem melhor, num mundo mais humano.” (Ibidem).

O homem é chamado a realizar-se e a realizar no mundo sua tarefa na construção de algo novo. Para este fim “encontra-se imerso num conjunto de relações de que não pode prescindir, sob pena de negar a sua identidade.” (Martó, 1987, p.30). É no seu interior que encontra a força e a capacidade de imergir na própria existência como um ser em potência capaz de gerir a própria vida. “Seguindo o conselho de Santo Agostinho: ‘Não procure fora, volta-te para ti próprio; no interior do homem vive a verdade.’ Definitivamente, vive a plenitude. Somos chamados a ser pessoas plenas para sermos homens e mulheres profundos, capazes de uma existência eficaz e solidária com o mundo.” (González 2001, p.11).

Por meio da análise pessoal, do auto-conhecimento, fazendo as suas escolhas a pessoa será capaz de alcançar os projetos que anseia e realizar o que Deus ‘sonha’ para si. É necessário, porém, saber o que quer e onde quer chegar para, assim, pôr em prática o seu projeto pessoal de vida. Mas não só, é preciso também viver com toda a intensidade a escolha que faz, ou melhor, as diversas escolhas feitas ao longo da sua vida. É como diz Massa (1997, p.18): “Quem quiser ser protagonista da sua existência não pode deixar de tomar consciência de que há este problema de sentido necessário: o que quero fazer de minha vida?”

Todo o ser humano necessita abrir-se para o outro, é na relação com o tu e o nós que ele descobre-se a si mesmo e se realiza. Refere-se a isto, Pinto (1989, p.31): “O

homem pode basicamente definir-se como ‘abertura para o mundo’ entendida como a característica capacidade de buscar, de interrogar, de perguntar e de passar para lá de toda a situação e regulamentação de toda a resposta previamente dada. Abertura ao mundo é, neste sentido, sinónimo de ‘questionabilidade.’”

Não queremos apenas apresentar a dificuldade no auto-conhecimento, no reconhecimento da própria identidade, mas também daremos enfoque no processo de crescimento, de auto-educação. A auto-educação é uma necessidade. Auto-educar-se é promover o desenvolvimento das potencialidades próprias de cada um no sentido de concorrer para a sua plenitude pessoal: ser tudo quanto potencialmente se é!

As pessoas trazem em seu interior a imagem do próprio Eu e este Eu quer ser alguém. Quem quiser ser e realizar algo de grande tem de lutar para ser grande, grandeza esta que se esconde no interior das pessoas e que lhes tornam belas.

Uma pessoa disse a outra (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.20):

“Deus formou a mim e a ti do mesmo barro. Ainda que me tornasse melhor, não nasci melhor do que tu. Tampouco tive a natureza melhor que a tua, mas a aperfeiçoei com maior perseverança. Tive tão pouco paz como tu, mas por um combate valente cheguei finalmente à paz. Não corri menos perigos que tu, só que os evitei com mais prudência. O que eu tive tu também tens; também tu podes o que eu pude. Não nascemos todos na mesma paz, mas sim para a paz, como prémio de luta contra nós mesmos.”

O conhecimento pessoal e a auto-educação visam sobretudo uma melhor relação com os outros. Marto (1987, p.30) contextualiza o homem na sua relação com o outro e explica:

“O homem, ser no mundo é também ser com os outros. Esta dimensão social impregna e caracteriza a pessoa humana no seu ser, existir e operar. O homem é para a sua natureza íntima um ser social. A sociedade é-lhe algo de constitutivo, essencial e estrutural. O homem não é só, nem pode conceber-se isolado. É intersubstantividade, ser-em-relação, ser-em-comunidade. A sua existência só se compreende como co-existência, convivência, cooperação.”

Para que isto realmente aconteça é preciso organizar-se e viver segundo um próprio estilo de vida e por este estilo configurar o seu modo de ser e a sua atitude! Ao falar de estilo de vida pode-se referir a uma realidade objectivo-subjetiva, isto é, um conjunto de atitudes e ações exteriores que expressam a atitude interior e que são determinadas pelo conceito que temos do mundo. Há quem defina estilo de vida como uso, costume, boas maneiras, prática habitual. Estilo de vida, no entanto, é mais do que uma outra forma, é a atitude interna que se manifesta exteriormente, dando forma a toda a vida, aos atos e realizações. Todo o estilo de vida tem como fundamentação a visão homem e do mundo. “Tudo isto nos diz que, ao projectar e construir a nós mesmos, projectamos e modificamos um estilo de vida.” (Massa, 1997, p.97).

Se perguntarmos pelo estilo de vida cristão, temos antes de perguntar pela visão cristã do homem. E mais, temos de, pela filosofia, perguntar-nos pela essência do ser, pois conforme o pensar de S. Tomás de Aquino: ‘A ordem do ser é a ordem do agir!’ É sob este fundamento que podemos falar de um estilo de vida.

1.2 Um anseio - a felicidade

A busca da felicidade é uma força que move o homem e a humanidade em geral. Ela configura a história!

Busca-se felicidade de muitos modos e em muitos lugares, situações e coisas. Há busca de felicidade na luta pelo poder, pelo prazer custe o que custar, na caça ao dinheiro, na ganância de ter sempre mais. Com certeza, quem busca a felicidade com o olhar voltado para si mesmo, entra em contradição com o que Deus inscreveu como dom no interior do ser humano.

Desde sempre foi o grande sonho do ser humano ser feliz, encontrar a realização pessoal e descobrir a sua meta de vida. “A felicidade relativa de cada ser está relacionada à harmonização e coerência dos valores totais de sua vida.” (Chiappin, 1979, p.16).

A esta aspiração humana contrapõe-se muitas situações ao longo da vida. Ser feliz no sentido filosófico é o fim último e o bem supremo da existência humana. Há várias maneiras, porém, de conceber a felicidade e há também infinitos caminhos para alcançá-la. O importante é encontrar o caminho próprio que seja condizente com a identidade de cada pessoa. Bolinches (1995, p.12) comenta a expressão de Rousseau (s/d) que diz: “Ninguém pode ser feliz, se não se apreciar a si próprio.”

Essencial para chegar à construção da própria personalidade, aceitar-se a si mesmo como se é e buscar a felicidade no que há de mais intrínseco no interior. “A felicidade é a vocação universal do ser humano, uma tendência inserida nas suas entranhas, um desejo profundo que o arrasta nessa direção; porém, acima de tudo, é uma disposição, uma paisagem interior na qual se reflecte a satisfação consigo mesmo.” (Rojas, 2007a, p.325). Aceitar-se é dispor-se a reconhecer potências, capacidades, pontos positivos, mas também limitações, imperfeições e efeitos negativos do caráter sem complexos ou sentimentos de inferioridade ou culpa. A auto-crítica é necessária e leva o ser humano à autenticidade e coerência de atitudes.

A auto-crítica porém, acompanhada de auto-estima, leva ao respeito e à aceitação de si e dos outros. Assim refere-se Estanqueiro (2007, p.25): “Quando uma pessoa se aceita como é, tem mais facilidade de aceitar os outros como são e viver em harmonia com eles.”

A auto-análise ajuda na descoberta do potencial interior e leva a pessoa à felicidade desejada. Esta felicidade plena e gratificante só se alcança à medida em que há harmonia interior, o desenvolvimento do potencial pessoal e a expressão das atitudes forem sendo desenvolvidas. “Jean Baptiste Lacordaire dizia que a felicidade é a vocação do homem. Talvez ainda estejamos a tempo de retomar essa aspiração primitiva que o actual modelo de civilização está a afastar de nós com propostas falazes baseadas na competitividade e no consumismo.” (Bolinches, 1995, p.XV).

A felicidade transcende o sair de si e ir ao encontro do outro. “Um determinado sistema de organização social baseado em princípios da liberdade, igualdade e fraternidade como propunha a Revolução Francesa pode propiciar um certo índice de bem-estar, mas nunca determinar a felicidade.” (Idem, p.1).

É sendo o que se é, assumindo como se é e embelezando o que se pode, é que será possível chegar à felicidade. Encontrando a própria identidade, restabelecendo o equilíbrio adquire-se a felicidade. Ao identificar-se consigo mesmo, reestruturando a própria identidade e abrindo-se à identidade do outro, há crescimento interior e estabilidade emocional.

Não é o que a civilização actual prega como felicidade, onde valores contraditórios se contrapõem e estilos de vida divergem amplamente, que a pessoa tem forças para fazer as suas escolhas. Teles comenta a respeito da análise que faz Erich Fromm à cerca do homem e do mundo. Reflete ele sobre o ser humano e seu âmbito no que se refere à sua estabilidade e capacidade de decisões em vista da realidade exigente do

mundo que o cerca. O homem “exibe uma falta de realismo surpreendente com relação a tudo o que realmente importa: para o sentido da vida e da morte, para a felicidade e o sofrimento, para o sentimento e o pensamento sério. Encobriu toda a realidade da existência humana.” (Fromm, s/d, cit. por Teles, 1985, p.17),

Numa sociedade plasmada pelo consumo, pelo poder e pelo possuir, ter uma visão humana e projetada para o outro, é possível à medida em que, a pessoa for capaz de sair de si mesma e viver no âmbito do outro. “A possibilidade de conviver harmoniosamente com os nossos semelhantes só se pode tornar uma realidade social quando cada um de nós, a partir da sua respectiva singularidade, decidir harmonizar-se, primeiro consigo próprio e, em consequência disto, aprender a interactuar construtivamente com os outros” (Bolinches, 1995, p.1).

Para experimentar a verdadeira felicidade é necessário a auto-afirmação e a ousadia de caminhar no rumo escolhido, pois o “homem é o capitão e o timoneiro do barco da sua vida.” (González, 2001, p.18).

Na realização dos seus objetivos, a via de encontro com a tão almejada felicidade, o ser humano pode encontrá-la e ao seguir por ela é conduzido ao mais profundo do próprio ser.

E neste encontro consigo mesmo:

“(…) homem tem ainda uma reserva potência de essência genuína que, adequadamente activada, pode transformá-lo num indivíduo único, distinto de qualquer outro – embora semelhante a todos – que se move pela sua própria força até se converter em si próprio, para além e por cima das condicionantes sociais que limitam a expressão da sua autenticidade.” (Bolinches, 1995, p.5).

O anseio de felicidade lança luzes ao caminho de perfeição! Para quem deseja aperfeiçoar o próprio ser e alcançar a plenitude de vida possível a qualquer pessoa, deve buscar a mudança pessoal. Esta grandeza pessoal deve ser buscada no próprio mundo interior.

“Quem quiser aperfeiçoar-se deve procurar no seu mundo interior; quem quiser preferir pensar que encontrará a solução dos seus problemas no mundo exterior, pode continuar a tentar conseguir a mudança alheia.” (Bolinches, 1995, p.7).

2. Conhecer-se para construir-se

Fala-se hoje em construção pessoal, em conhecimento do eu e descoberta das potencialidades e tendências pessoais. Acreditamos que o homem está sempre a contruir-se. Diz Ortega que o homem é uma história por fazer, isto é, sendo ele a criatura mais rica, é, contudo, a que nasce menos evoluída e que mais tarde desenvolve as suas potencialidades, devido ao papel que lhe cabe desempenhar na sua própria construção. Nenhuma criatura nasce tão desamparada como ele. Enquanto Deus deu à natureza e aos demais seres todo o necessário ao dar-lhe a vida, a criança tem que aprender tudo o que necessita para viver, desde o comer e o andar.

Diógenes saiu em pleno dia com uma lanterna e procurava um homem. Homem aqui no sentido de um ser humano íntegro, equilibrado, um homem novo! (Cf. Irmãs de Maria, 2003, p.37).

“Descobrir o que é «específico em cada um» já dizia Aristóteles», mas nada é simples no conhecimento deste ser complexo que é o homem.” (Blin, 2004, p.1). Por isto, a importância do auto-conhecimento, do auto-controle e da auto-educação.

O ser humano está sempre em busca da plenitude, age com a própria consciência. Porém, a sua “evolução nunca é automática, mas deve ser até certo ponto escolhida e confirmada por ele próprio.” (May, 1999, p.77).

Cada um deve tornar-se formador da própria personalidade, tomando nas mãos os fios que conduzem a sua vida, pois o ser humano é o principal responsável na construção da sua personalidade. Educação é auto-educação, já que não há crescimento humano que não seja por um movimento e assimilação interiores. (Cf. Carmona, 2005).

Uma explicação clara desta realidade, encontramos na Série Educação do Movimento Apostólico de Schoenstatt (2007, p.7):

“O conhecimento próprio é uma necessidade ressaltada através dos séculos por pensadores, psicólogos e educadores. Entre os pedagogos destaca-se o Pe. José Kentenich, grande educador e conhecedor da alma humana. Em sua proposta pedagógica dedicou especial atenção ao conhecimento do mundo interior, que costumava chamar de ‘microcosmo’. Para ele era de suma importância conhecer-se, interiormente, para poder encetar um trabalho eficiente na educação da própria personalidade.”

A educação é, portanto, um processo permanente, é tarefa que dura tanto quanto a própria vida. Não é uma etapa da vida, é a vida. Estamos sempre a caminho de superação e de maior humanização. Por isto, dizemos que a educação precisa ser concebida ao longo da vida, é processo vital!

A educação da personalidade é uma tarefa sempre nova, sempre actual, embora antiga como o homem. No fundo, o próprio homem tem interesse e necessidade de conhecer-se, educar-se e aperfeiçoar-se. Por ser dotado de capacidade de crescimento, de desenvolvimento tende à perfeição, busca a perfeição.

Quando o ser humano age, ele o faz como um todo, evidenciando as características em perfeita integração com os elementos formadores da personalidade. Conhecer-se significa descobrir-se, reconhecer qualidades, defeitos, vivências, forma de agir.... O conhecimento ajuda a aceitar a forma de ser, isto é, a reconhecer o auto-conceito e motiva a auto-educação.

A personalidade é o conjunto de características próprias de cada indivíduo reveladas pela maneira de ser, pelos hábitos e pelas atitudes, motivações psíquicas e pelo relacionamento interpessoal. A personalidade, é adquirida, formada e accionada por vários dispositivos já desde a vida intra-uterina.

Na S.E.M.A.S.²⁷ (2007, p.23) encontramos a definição de personalidade no contexto da formação do eu:

“Personalidade é tudo aquilo que distingue um indivíduo do outro, ou seja, é o conjunto de características psicológicas que determina a sua individualidade pessoal e social. A formação da personalidade é processo gradual, complexo e único a cada indivíduo. O termo deriva do grego *persona*. Com significado de *máscara*, designava personagem representada pelos actores teatrais no palco. O termo é também sinónimo de celebridade.”

Portanto, quando nós agimos, fazemo-lo como um todo, evidenciando as características em perfeita integração com os elementos formadores da personalidade, como explica Estanqueiro (2007, p.50): “A hereditariedade e o meio”, mas não só, “são realidades complementares, que interagem para produzir pessoas originais e únicas, diferentes de todas as outras.”

²⁷ S.E.M.A.S. – Série Educação do Movimento Apostólico de Schoenstatt

A personalidade surge da interação entre diversos aspectos profundamente unidos e harmoniosos que estruturam o indivíduo: a pessoa e o grupo, o sujeito e o objeto, o eu e o não-eu. “A personalidade é o conjunto de normas de conduta, actuais e potenciais, próprias de cada indivíduo, provenientes da hereditariedade e do meio ambiente.” (Rojas, 2007a, p.15). Este conjunto de elementos que abrange os aspectos psicológicos, físicos, culturais e sociais, configuram a maneira original do ser de cada um.

Assim diz Moreira (2003, p. 95): “O auto-conceito refere-se às autopercepções (idéias, imagens e crenças) a cerca de si próprio, ou seja, à forma como nos vemos a nós próprios.”

Vive-se, hoje, num mundo de constantes mutações o que leva as pessoas a ficarem divididas entre o que são e o que a sociedade quer que sejam, isto é, a imagem real e a Ideal. Forma-se uma contradição entre o ‘eu’ projectado e o ‘eu’ executado. É perigoso que se perca a verdadeira identidade por força dos outros e que as pessoas se tornem superficiais.

Existem vários aspectos que se devem observar no conhecimento de si mesmo, pois eles representam uma comunicação não verbal muito importante. São eles: os acontecimentos passados, os acontecimentos presentes, a história pessoal, gestos automáticos, a opinião dos outros, a forma de agir: os temperamentos²⁸.

2.1 Os acontecimentos passados

Os acontecimentos passados marcam profundamente a vida, é claro que uns mais e outros menos, dependendo da etapa da vida e da situação do momento.

Todas as experiências profundas tendem a apagar-se, a desaparecer da mente consciente, mas seus efeitos continuam activos na mente inconsciente.

A criança, ainda que silenciosa, está recolhendo em sua mente, minuto por minuto, a nível inconsciente, o desenrolar dos fatos ao seu redor e arquivando suas experiências profundas. Há momentos da vida, especialmente da infância que são vividos com profunda percepção e intensidade elevada. Momentos que marcam o ser desde as etapas mais primárias de sua existência, levando a produzi-las nas diversas oportunidades da vida.

²⁸ Poderiam ser analisados outros aspectos, e estes de forma mais profunda, o que aqui não nos é possível. Destes, quatro serão referidos de forma sucinta neste capítulo e o último será abordado de forma mais ampla, no terceiro capítulo, em vista da fundamentação necessária para a auto-educação.

Cada experiência profunda vem a ser uma aprendizagem que condiciona respostas futuras. Esta é a razão porque se reage de forma parecida, perante situações semelhantes. Tudo o que aconteceu no passado tem a sua importância nas reacções e na forma de agir hoje ou amanhã: a concepção, amor entre os pais, a gestação, dificuldades da mãe, momentos traumáticos, alegrias, sofrimentos..... No nascimento, condições de nascimento..... O crescimento, desmame, caminhar, ensaio e erro, o falar, o reconhecer das pessoas, amigos, escola, vivências, traumas, o outro irmão, correcções, castigos.... E assim muitas outras coisas que acontecem no decorrer da vida.

2.2 Acontecimentos presentes

O que aconteceria se as pessoas fossem incapazes de tomar decisões e de formular juízos rapidamente diante das diversas situações do dia? Como funcionaria a sociedade se, para tomar qualquer atitude, precisassem examinar detalhadamente todas as suas experiências, influências, vivências, colocar na balança detalhes de seu perfil psicológico? É claro que isto não acontece, pelo contrário, age-se automaticamente, ‘sem pensar’, instintivamente. As experiências armazenadas no arquivo da memória são o conteúdo das atitudes, dando sentido ao mundo em que se vive.

Cada novo acontecimento, une-se a acontecimentos passados, vivências marcantes, propiciando esta ou aquela forma de agir. A atitude varia de pessoa a pessoa pois, depende da personalidade de cada um.

Cada aspecto está presente em cada atitude e dependendo da força de cada um, determinará de que forma a ação será ou poderá ser mudada. A atitude, portanto, expressa a própria identidade do indivíduo e sua posição no mundo. Através dela deixa-se bem claro o que somos tanto em termos individuais como sociais. As atitudes são também expressão dos valores.

2.3 Gestos automáticos

Os gestos também revelam muito das pessoas, da forma e maneira de ser. O andar, a atitude que cada um assume ao pegar um objecto, a forma de sentar e as manifestações psicomotoras normais tem um significado. Um tique ou uma ‘mania’, pode explicar um processo inconsciente da infância, por exemplo. Os gestos ajudam no sentido

de observação da vida sadia ou doente. É claro que os gestos não podem ser observados sem os demais aspectos da personalidade.

A complexidade dos gestos, quer tenham sido apreendidos por imitação-sugestão quer tenham sido herdados, ajudam a revelar a personalidade. É impossível caracterizar uma pessoa, observando-lhe apenas a gesticulação, esta análise gestual mostra apenas o importante papel dos gestos na formação e desenvolvimento da personalidade.

Nierenberg & Calero (1998, p. 18), referem-se à importância da interpretação dos gestos para o maior conhecimento da personalidade: “A compreensão da coerência dos gestos serve de estratagem para interpretar a atitude de uma pessoa e a seguir, para poder achar uma razão para a sua maneira de proceder. Serve também como uma alavanca da antipresunção que nos obriga a refletir mais profundamente, antes de tirarmos uma conclusão.”

O andar também revela a particularidade de cada pessoa. Cada um tem uma maneira própria, característica determinada inclusive pela estrutura do corpo. Por isto, a convivência nos permite conhecer um amigo pelo som dos seus passos.

O passo muda conforme as emoções das pessoas: desanimadas – andam com os pés arrastadas, mãos nos bolsos, raramente levantam a cabeça. As pessoas em momentos de preocupação andam vagorosamente, param, chutam algo no caminho. As que tem uma postura mais pretensiosa andam de queixo levantado, balançam os braços, apresentam passos firmes. “O andar tem os mesmos fundamentos fisiológicos do que a atitude, porque se trata essencialmente da manifestação do temperamento individual.” (Blin, 2004, p. 101).

O punho cerrado pode revelar energia e decisão. Alguém esfrega uma mão na outra o que poderá indicar alegria e expectativa. Já as mãos cruzadas ao peito podem manifestar a humildade e o respeito. Mãos sobre a boca o arrependimento por ter dito algo errado ou magoado alguém.

As mãos também podem demonstrar decisão, expectativa, respeito, humildade. Mãos abertas podem dar idéia de sinceridade e boa fé. Explica, neste sentido o mesmo autor ao dizer que: “Sabemos hoje que a morfologia das linhas da palma da mão não são representações do acaso, mas sim construtores da identidade individual que caracterizam o indivíduo e o definem na sua originalidade.” (Idem, p.61).

Assim, podem-se observar os braços, o sentar, o rosto, o olhar... pois, eles são manifestações importantes do temperamento.

2.4 A opinião dos outros

Quando uma pessoa emite uma opinião a respeito de alguém, sobre a maneira de ser, pode-se ficar surpreso, pois muitas vezes ela diverge da própria opinião. Esta divergência, porém, é bastante útil no processo de auto-conceito. Ela possibilita desenvolver uma consciência real de si mesmo. Aconselha Estanqueiro (2007, p.17) ao dizer que: “Os outros vêem em nós aspectos que não conseguimos ver sozinhos. Devemos, por isso, escutar com atenção as suas opiniões.”

O auto-conceito, portanto, não depende apenas da maneira como a pessoa vê-se, mas também do conceito que os outros têm a seu respeito. Podem haver problemas de ajustamento quando aparecem diferenças entre aquilo que a pessoa julga ser e aquilo que os outros pensam dela. Por outro lado, opiniões positivas contribuem para a valorização do eu. O auto-conceito é muitas vezes impreciso, razão pela qual existem tantas divergências entre a auto-avaliação e a avaliação alheia. “Ninguém se conhece perfeitamente. Para isso, seria preciso ver-se como o próximo o vê, e isso lhe daria um conhecimento imperfeito, pois que o ‘outro’, nunca está em condições de julgar.” (LaHaye, 2007, p.5).

A maneira como os outros vêem é o somatório do que se é e do que eles gostariam que fôssemos.

2.5 História pessoal de vida

O ser humano é original, é um indivíduo, é único e tem uma história original!

A pessoa é um ‘mistério’ e aproximar-se dela é como penetrar num mundo ‘sagrado’. Carmona (2005, p. 07) aborda a questão e diz: “Cada pessoa tem uma história original! Escutar a história de uma pessoa é como chegar a uma janela de onde se descobrem vistas panorâmicas originais. Assim como não há dois temperamentos iguais, também não há duas biografias iguais. Esta conclusão leva a respeitar cada pessoa humana.” Todas as vivências, experiências da vida no passado e no presente armazenam-se no interior e tornam o que a pessoa é.

“Ele (Deus), desde logo, prevê, com sabedoria, todos os fatores e ele os determina, ordena e indica tudo o que ajuda a formar a personalidade. São eles: necessidades do corpo e da alma, os

anseios do coração, situações da natureza e arredores (ambiente), sociedade, acontecimentos do tempo história do tempo disposições e experiências herdadas e conquistadas como tensões entre natureza e graça, um homem e outro, Ideal e realidade, conquista da natureza e limitação pessoal. Pode-se tomar esses fatores isoladamente e em sua totalidade: em sua forma concreta, são emanações da vontade divina que determina, dispõe ou permite simplesmente. Todas estão previstas no plano divino do mundo e todas, sem exceção são ordenadas ao objetivo do divino governo do mundo. Unem-se mutuamente como modelo de um tapete perfeito, ainda que o lado avesso apresente um emaranhado confuso, um novelo que não se pode desembaraçar.” (Kentenich, 1984, p. 24).

3. ‘A ordem do ser’

Crer que Deus tem um projeto de amor pessoal para cada um, estabelecido segundo uma ordem harmoniosa, a ordem do ser, determina a ordem do agir.

“A ordem objetiva do ser, expressão válida universal do plano e querer divino acerca do homem, como ser individual e como ser social, determina a ordem da vida e, assim, também o objetivo e o método da educação.” (Kentenich, 1984, p.8).

A ação tem, neste caso, como base, a ordem do ser, logo, os objetivos e a forma da educação resultam da ordem objetiva do ser.

Diz Toaldo (1990, p.5):

“O que reside no ser de tudo o que foi criado deve determinar nossa ordem de vida e deve, também, ser a medida para a nossa maneira de educar. Nosso procedimento correto consiste, pois, em interrogar-nos a respeito da estrutura objetiva de cada ser concreto, do ser de cada acontecimento, do ser de cada situação. O que é, pois, a ordem do ser? É a natureza do ser, que nos indica como deve ser o nosso agir; aquilo que corresponde ao tipo, à essência do ser. Natureza, aqui, significa a essência do ser. Temos a capacidade de reconhecer a essência das coisas e, por isso, reconhecer o ser frente ao qual nos encontramos e a obrigação de agir conforme se nos apresenta.”

3.1 ‘A ordem do ser’ - a ordem do agir’ na educação

Faz parte da natureza humana a força imutável das disposições. Elas, na percepção de Allport, compreendem as tendências comuns da natureza humana, a hereditariedade, e as capacidades latentes ou potenciais que desempenham um papel primordial na formação e desenvolvimento do Eu.

Conforme refere Mouroux (1961, cit. por Toaldo, 1990, p.118), o impulso que suscita as disposições é a chave da estrutura do ser humano, constituindo seu valor permanente e definindo a lei radical do seu agir.

Então verificamos que o que fazemos de nossas disposições, o que delas tiramos, como as desenvolvemos, configura nosso subjetivo ritmo de vida. Para educar e educar a si mesmo é importante desdobrar essa vida crescente em desenvolvimento e educá-la conforme o seu ser, educar em correspondência a esse ser e o ritmo de vida se mostrará, então, de modo correspondente. (Cf. Toaldo, 1990).

Na concepção de que a ordem subjetiva é determinada pela ordem objetiva, explica o Pe. Kentenich (1984, p.4): "Mais exatamente, o ritmo objetivo do ser determina o ritmo subjetivo da vida e se transforma assim em norma para todo o modo de educar. Mais: a dinâmica do ser determina a dinâmica da vida e da educação. Com isso, reconhecemos uma multiforme lei de desenvolvimento no ser e na vida sem, no entanto, negar um fundamento imutável do ser e da essência."

Na forma de entendimento do Pe. Kentenich a estrutura do ser do homem é como um mundo em miniatura. O ser humano é um microcosmo. Esta explicação dá o Pe. Kentenich ao referir-se ao entendimento da natureza humana. Ele usa a expressão *weltanschauung*, isto significa, visão do mundo.

O macrocosmo²⁹ é o mundo, o grande mundo. Micro – pequeno, cosmo – mundo. Isto é: pequeno mundo, ou mundo no pequeno.

Mas o que significa dizer que o homem é um microcosmo? Significa que na pessoa humana há tudo o que faz parte do “macrocosmo” (macro – grande; cosmo –

²⁹ “O macrocosmo é identificado ora com o Universo, o mundo que é um todo orgânico, ora como o mundo das coisas grandes, das leis magnas, das leis da física, dos conjuntos estelares, planetários, galáticos e do que possa ser considerado grande, maior, enorme, aos conjuntos dos conjuntos, livros de referência de referências, aos conjuntos conhecidos de determinada época etc. Sendo exatamente o oposto de microcosmo.” (Wikipédia, a enciclopédia livre, <http://pt.Wikipédia.org/wiki/cosmovisão>).

mundo), isto é, do grande mundo, do mundo que nos cerca. O macrocosmo é o conjunto de todos os seres, de todas as criaturas. E, dentro de cada um de nós, existe no pequeno, tudo o que existe nesse grande mundo.

Diz o Pe. Kentenich (1912, cit. por Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.4):

“Há um mundo sempre antigo e sempre novo, um mundo – o microcosmo, o mundo em pequeno, o nosso próprio mundo interior – que continua desconhecido e inexplorado. Não existem métodos, ou pelo menos métodos novos, para radiografar a alma humana. ‘Todos os domínios do espírito foram cultivados, todas as faculdades potencializadas, só o mais profundo, o mais interior, o mais essencial da alma imortal é que continua demasiadas vezes a ser um terreno por cultivar’, lamentam até os jornais. É por isso que a nossa época é de uma pobreza e de um vazio interior assustadores.”

Santo Agostinho dizia que: “falar da pessoa humana significa falar de todo o universo.” (s/d, cit. por Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.14). Para poder harmonizar a própria personalidade, é imprescindível conhecer a realidade humana e pessoal, dar ênfase à estrutura do ser que deve ser respeitada. Cremos que o ser humano é formado por elementos de natureza vegetal, animal e sobrenatural e vive porque a alma está unida ao corpo, e que quem dá a vida é Deus.

Na mesma medida em que a árvore, a flor, também o ser humano cresce, alimenta-se e tem a capacidade de reprodução... Do reino vegetal possui nascimento, crescimento, capacidade de reprodução, além de todos os vegetais, proteínas que diariamente servem como alimento. A árvore, a flor, o arbusto, também vivem e possuem uma alma, diferente da alma humana, uma alma vegetativa.

Assim, o reino vegetal diferencia-se do reino mineral. Eles nascem, crescem, reproduzem e morrem, embora não possuam movimentos próprios. Assim que participa da alma vegetativa do reino vegetal.

O corpo, possui do reino mineral: ferro, água, fósforo... possui ainda volume, um peso, uma forma, que são características do reino mineral.

Os animais também nascem, se alimentam, se reproduzem, morrem, eles se movimentam, possuem sensibilidade. O animal tem um certo sentido, uma memória, pois

ele aprende, sente... Os seus sentidos possuem vida, percebem as coisas e ele possui uma alma sensitiva.

O homem, além de tudo isto, possui também a sensibilidade, uma alma sensitiva. A escala do ser humano, porém, não pára aí... Se assim fosse, o homem seria apenas um animal como os outros animais.

O ser humano participa de outra escala, da escala dos anjos! Os anjos são espíritos puros e sua vida não está ligada à matéria, uma vez que eles pensam e amam, assim como os homens. É neste sentido, que o ser humano participa da escala dos anjos como ser vivente racional.

É também importante o conhecimento da escala dos seres³⁰ (cf. verificamos no anexo nº 1), para melhor identificar a posição e atuação do ser humano no desenvolvimento da sociedade. Conhecendo esta realidade, isto é, o seu *mundo interior* torna-se muito mais fácil usar de suas capacidades, forças e tendências na construção de um mundo novo, mais humano e fraterno.

A viagem ao mundo interior do próprio ser humano é árdua e exige coragem para a mudança, para desinstalação e auto-educação. É necessário, sem sombra de dúvida, trabalho constante para chegar a conhecer o desenvolvimento da personalidade conforme as tendências e características para a qual cada um foi criado. Entretanto, para que isso realmente aconteça, é necessário colocar fundamento sólido e firme. É necessário que corpo e alma estejam em sintonia e vivam unidos para que se ande de cabeça para cima (cf. analisa-se no gráfico do anexo nº1), para chegar a ser uma pessoa humana íntegra e conforme com aquilo que Deus ideou para o ser humano.

“O corpo aperfeiçoa a alma e esta vivifica o corpo e, em certo sentido também lhe dá forma exterior, pois muitas vezes se pode conhecer o estado da alma através das expressões corporais, principalmente, nas feições do rosto.” (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.16).

O corpo do homem participa na dignidade da imagem de Deus. O corpo é corpo humano precisamente por ser animado pela alma espiritual. “A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual.” (Catecismo, 1993, p.93). O ser humano é também ser instintivo, para tanto é capaz de atuar segundo um objectivo. Ele possui tendências psico-biológicas, isto é, de auto-conservação.

³⁰ Pode-se verificar, como complemento, o gráfico no anexo 1

Além disto é também um ser sensitivo, possui sentimentos, emoções, reações, vida. A unidade da alma e do corpo é tão profunda que se deve considerar a alma como a ‘forma’ do corpo; quer dizer, é graças à alma espiritual que o corpo, constituído de matéria, é um corpo humano e vivo.

No homem, o espírito e a matéria não são duas naturezas unidas, mas a sua união forma uma única natureza. O homem é um ser intelectual, pois tem a capacidade de conhecer (pensar, reflectir, raciocinar, discernir) e é também o ser volitivo: capacidade de querer (eleger, decidir) tem liberdade e capacidade para agir.

O homem, participante da vida divina, pelo Baptismo, torna-se nova criatura, membro de Cristo e co-herdeiro com ele, Templo do Espírito Santo. Ele possui em si o ser sobrenatural, pois a Santíssima Trindade dá ao batizado a graça santificante, que o torna capaz de crer em Deus e esperar n’Ele.

3.2 O homem - um ser global

O ser humano é um ser global, integrado, com diversas faculdades e necessidades humanas. Projeta-se para além de si mesmo e reconhece-se como ser que é pelo sentir e pelo viver sua própria riqueza. Seus sentimentos revelam sua forma de ser e de viver, revelando traços de sua própria identidade individual.

González (2001, p. 41) faz referência a este aspecto da natureza humana quando diz que: “Os sentimentos são como o espelho da personalidade. Explicam quem sou muito mais profunda e autenticamente que qualquer descrição que eu próprio tenho. De facto, se queres saber quem és, o melhor que podes fazer é deter-te e ver o que sentes ‘aqui’ e ‘agora’. Porque não é tanto o que de ti dizes como o que sentes aqui e agora que revela quem és na realidade.”

Tornar-se um homem íntegro e equilibrado é tarefa de toda a vida, pois significa reger seus próprios sentimentos e coordenar as suas forças para que, conhecendo-se a si mesmo, seja capaz de orientar a sua história. Precisa, para tanto, aprender a gostar de si mesmo e respeitar-se. Além disto, é importante aprender a acreditar em si mesmo e nas suas possibilidades.

Ternes (2003, p.153) diz neste contexto:

“Construir sua personalidade, formar-se como homem total e harmonioso é a tarefa mais importante que temos. ‘Encontrar-se com a própria identidade e aceitar-se no que se é, a fim de

tornar-se no que se pode e deve ser, na autenticidade da própria natureza, sempre será o princípio fundamental de partida de nossa formação e realização global! Só um conhecimento real de si possibilita uma construção pessoal sólida, profunda e florescente.’ (Chiappin,1979, p.19). Por isto é tão importante o conhecimento de nossa estrutura e o esforço na auto-educação para amadurecer e tornar-se responsável pelo futuro. Este é o segredo dos santos!”

As perguntas: Quem sou eu? Por que existo? Qual é o sentido de minha vida? Qual é minha identidade? Inquieta e faz a pessoa deparar-se consigo mesma.

No templo de Delfos, na antiga Grécia, está esculpida a recomendação: “Conhece-te a ti mesmo.” Este é um princípio que contém em si profunda sabedoria.

No coração do homem manifesta-se desde todos os tempos o desejo de conhecer a verdade. Na medida em que vai conhecendo a verdade, as leis da natureza, a história...o homem aprende a conhecer-se e a entender-se a si mesmo, é isto que constitui a sua identidade humana e que o distingue de todos os outros seres. É conhecendo-se a si mesmo que o ser humano descobre potencialidades, fraquezas, capacidades e limitações em si e nos outros.

Assim se refere Estanqueiro (2007, p. 15):

“O filósofo Sócrates, um dos grandes sábios da Humanidade, adoptou um lema de vida que serve de desafio para cada um de nós: *Conhece-te a ti mesmo!* Apesar das dificuldades, é fascinante a aventura de descobrir-se a si mesmo e tomar consciência das nossas capacidades e limitações.

Uma pessoa que se conhece poderá, mais facilmente, superar os seus pontos fracos e desenvolver os seus pontos fortes. Deste modo, dará um passo decisivo na construção da auto-estima e da autoconfiança, atitudes facilitadoras da comunicação interpessoal.”

A história de todos os tempos mostra como os homens começaram a colocar-se simultaneamente, nos diferentes contextos culturais, em todos os pontos da terra as mesmas questões, fundamentais para todos: Quem sou eu? De onde venho e para onde vou? O que acontece depois da morte? São questões fundamentais, profundas, talvez, fácil de responder – mas difíceis de convencer, pois o ser humano encerra um grande mistério.

Cada pessoa é o que é! Mas, mais do que ser é reconhecer como se é e trabalhar para ser o que se deve ser! Diz Fedeli (1997, p. 7): “Se a pergunta ‘Quem és?’ – dirigida às profundezas da pessoa humana – ainda aguarda resposta segura, há, porém, outras perguntas que podem ser colocadas com resultados satisfatórios: ‘Como és?’, ‘Como te comportas?’”.

Asmolov (1993, cit. por Agustin, 2002, p.12) mostra a importância das decisões e opções pessoais: “Ser personalidad significa tener una posición activa en la vida, hacer elecciones que envergan de la necesidad interna, ser capaz de evaluar las consecuencias de una decisión una vez tomada y aceptar la responsabilidad de ellas delante de uno mismo y de la sociedad en la que uno vive.”

Este trabalho torna-se mais urgente ainda se considerarmos os incontáveis factores que estão em desarmonia com a formação pessoal, e exigem o uso perfeito da liberdade como capacidade de decisão perante as diversas possibilidades que se apresentam. Exige aceitação de si mesmo, auto-domínio, confiança e formação permanente ao longo da vida.

Massa (1997, p. 13) diz entre outros, que: “Para a nossa vida, como para qualquer realidade que se transforma e desenvolve, é essencial saber para onde nos dirigimos e aonde queremos chegar.”

O avanço da técnica e as novas formas de comunicação, longe de haver conduzido a humanidade a uma maior dignificação do homem e a uma sociedade mais humana, acabaram por converter a pessoa humana em escrava da máquina. O mundo de hoje com toda a tecnologia, a ciência, na era virtual em que vivemos arrancou os alicerces do ser humano tornando-o despersonalizado e desumanizado.

Quoist (1995, p. 25) refere-se ao mundo em que o homem hoje está inserido e o mundo pessoal que está quase esquecido: “Embora o homem, cada dia domine um pouco mais o universo material, parece que, inquieto por múltiplas solicitações externas, se possui e se dirige cada vez menos. Se quiser viver e agir, terá de fazer a sua própria síntese.”

Foi por esse motivo que, desde o início, a proposta do Pe. José Kentenich foi levar os jovens, em fase de mudanças e de grandes questionamentos interiores à busca de sua própria identidade e de sua realização.

Siegel (2001, p.75) refere-se a esta dinâmica apresentada pelo educador e sociólogo, Kentenich e mostra sua visão do homem dentro do contexto global no qual se insere a pessoa como atuante e transformante da sociedade:

“Los esfuerzos estaban orientados a una nueva comprensión del hombre. Era inevitable. Si se quiere renovar el mundo en libertad, es necesario captar al hombre desde el núcleo de su dinamismo motivacional. Para él, los efectos de la crisis de la civilización no había que buscarlos sólo en las estructuras sociales o en las ideologías, sino en el quebrantamiento emocional del hombre contemporáneo y la consecuente incapacidad para establecer vínculo, y, en último término, con Dios.”

A educação pessoal vai muito longe, ela abrange todo o ser, todas as faculdades da alma. May (1999, p.98) mostra a evolução neste sentido e diz: “...A evolução do ser humano é um processo de diferenciação partindo da ‘massa’ para a liberdade individual!” Muitas vezes surgem perguntas que questionam as raízes da própria existência: que sentido tem a vida; como estou a aproveitá-la; de onde venho e para onde vou?

O ser humano é um projecto em construção, forjador do seu próprio Eu. Não faz-se do nada: desenvolve-se a partir das condições físicas, da estrutura psicológica herdada e adquirida, da realidade social, cultural e económica. Constrói-se e realiza-se na dinâmica da sua realidade histórica.

É neste contexto que a auto-educação tem um papel primordial. Ela toca o âmago, o centro da personalidade, pois dá sentido a própria existência. “Julgo que o homem deve ‘provar a experiência de si mesmo’ de construir sua personalidade para vitalizar a real educação.” (Chiappin, 1979, p.91).

Isto porque a educação vai além dos conhecimentos teóricos e precisa estar coordenada com a existência concreta, com a vida e configurar a vida. Descobrir quem se é, para onde vai, o que quer construir, enfim descobrir a própria personalidade!

Talvez este seja o anseio de cada pessoa no íntimo do seu ser! Porém, conforme refere Engelhardt (2000, p.24), muitas vezes, o ser humano sente a sua estrutura pessoal e as circunstâncias que o rodeiam como um limite que o impede de ser mais ele próprio. Há muitas ameaças, há múltiplos riscos e forças que tendem a ser obstáculo à própria realização, mas também existe a ameaça à partir do próprio interior. Estruturalmente a pessoa é um ser complexo, já que reúne no seu ser as esferas da realidade material, espiritual, e sobrenatural. O homem é um ser global e não pode ser desfacelado.

3.3 O ser humano integrado

O homem possui faculdades que se unem entre si: a razão, a vontade e emoções. Estas três facetas de sua natureza precisam estar equilibradas entre si, em harmonia, e assim o homem chegar à maturidade e equilíbrio emocional. Cada uma das faculdades integradas permite a harmonização da personalidade.

As emoções são importantes no contexto da vida humana, de forma especial no que se refere às relações interpessoais. Pisani (1985, cit. por Bonfante 1988, p.11) faz a relação entre emoção e razão:

“Certamente, o comportamento humano deve ser guiado pela razão e pela emoção em conjunto. A ênfase demasiada ou exclusiva a qualquer um dos dois aspectos gera deformações da personalidade. O homem contemporâneo, perdeu muito de sua sensibilidade, particularmente em certas culturas e sociedades. Tomou-se frio, calculista, incapaz de comover-se, de sentir compaixão, de socorrer um amigo que está sendo assaltado.”

A autora ainda ressalta a importância da expressão das emoções quando diz: “Não é saudável negar a expressão emocional de impulsos genuínos e naturais. Embora não se possa dar total liberdade para todo e qualquer impulso, é possível haver controle emocional sem necessidade de negarmos a nossa emocionalidade.” (Ibidem).

A emoção não está sob o domínio da consciência, uma vez que trata-se de um impulso forte, independente da própria vontade. Muitas vezes as pessoas tomam atitudes cujo significado é muito mais forte do que a manifestação dos mesmos. A explicação de tudo isto está sob a raiz das profundezas da alma humana, isto é nas camadas mais profundas do subconsciente e do inconsciente.

Eles porém, são essenciais na vida pessoal e social. “Todos sentimos o impulso para criar e manter relações de afecto com os outros.” (Estanqueiro, 2007, p.48).

Scharfetter (1999, p. 171) designa a afetividade como “o conjunto da vida dos sentimentos (estado de humor) da pessoa, de acordo com as suas características mais evidentes (qualidade essencial do estado de humor), com a sua intensidade, expressividade e duração.” Isto explica a diferença entre os diversos temperamentos das pessoas uma vez que a afetividade é característica essencial da personalidade. O

que é comum, isto sim, pela afetividade a pessoa encontra-se consigo mesma e “ dá conta da modificação interior que em si se opera.” (Rojas, 2007b, p.141).

Pelos sentimentos a afetividade se manifesta, dando assim, cor e vida às emoções! Eles são, como diz Estanqueiro (2007, p.41): “como o espelho da personalidade.” Através dos sentimentos pode-se conhecer a natureza das pessoas, pois eles revelam mais do que as muitas palavras.

Estímulos positivos são importantes para desenvolver afetos que ajudam as relações pessoais a tornarem-se mais fortes e favorecerem o sadio desenvolvimento da personalidade. O verdadeiro estímulo positivo condicional é aquele que apela para a generosidade que aponta o projeto de vida, que desperta o que há de bom no interior de cada um e que está latente. O estímulo de uma palavra de encorajamento, um elogio pelo esforço e sucesso.

Mas a afetividade precisa estar unida à inteligência e vontade. O próprio Kant já explicava que os afetos estão unidos ao conhecimento (inteligência) e ao desejo (vontade), e que juntas, estas faculdades compõe a alma humana. Rojas (2007b, p.146), explica ainda que “a inteligência ilumina o caminho dos sentimentos e a vontade dispõe-nos para o seu melhor ordenamento.”

A inteligência é uma aptidão e deve ser entendida como tal, uma aptidão que favorece a aquisição de conhecimentos, de compreensão, de raciocínio e de ordenação dos saberes adquiridos. É pela capacidade intelectual que se adquire o conhecimento da lógica formal, do pensamento numérico, da capacidade de expressão, da compreensão da linguagem. Ela é a “aptidão para uma correta aquisição de conhecimentos para a compreensão dos estados das coisas e das suas inter-relações...” (Idem, p.162).

A super-valorização do conhecimento faz sombra à verdadeira formação intelectual e a formação de saberes práticos. Hoje falta às pessoas tempo e vontade para pensar, para desenvolver seus próprios conhecimentos, não só saberes teóricos, mas aqueles que desenvolvem o ser integral da pessoa humana.

Para que a inteligência seja bem orientada, é preciso oferecer-lhe fundamentos, objetivos, princípios, valores que possam ajudar a desenvolver um verdadeiro reconhecimento do mundo e da vida pessoal.

A vontade é o que move o ser humano para a decisão livre da razão, torna-se assim, responsável por seus atos. Para que a vontade seja conquistada para a realização do que se quer, é necessário o domínio pessoal e o autocontrole. É necessário formar hábitos, isto é, lutar contra si mesmo, praticar o autodomínio, começar sempre de novo e se cair, levantar-se

outra vez.

O homem imagem e semelhança de Deus, decide livremente e de forma equilibrada quando é capaz de decidir-se e realizar o que decidiu.

“Pela razão o homem penetra na essência dos seres, de onde depreende a verdade ontológica; pela vontade escolhe, selecciona os objectivos apresentados pelo intelecto. Da consonância da vontade com a razão resulta o que chamamos de consciência. A consciência é uma espécie de possessão do ser pelo ser, o tomar consciência de si e dos seus actos. A possessão ou consciência realiza-se plenamente quando, além do conhecimento, houver a adesão da vontade. O conhecimento é o primeiro degrau para a posse de si, porque a vontade pode resistir-lhe.” (Bonfante, 1988, p.9).

Toda educação da vontade exige sacrifício e é fruto de uma ascese diária. Refere Rojas (2007b, p.10):

“A educação da vontade tem, toda ela, um fundo ascético; por isto é feita de pequenos esforços, tenazes e pacientes, que se vão somando uns aos outros, dia após dia. Não só teremos uma vontade forte se soubermos superar os problemas momentâneos, mas se perseverarmos em não deixar correr. Há que começar por dar um passo, a seguir ao outro e depois fazer ainda mais um esforço. É assim que se forjam os homens íntegros, aqueles que sabem triunfar do cansaço, das dificuldades, das frustrações, do tédio, e dos mil e um avatares que a vida traz consigo.”

Aprender a renunciar a si e à sua vontade resulta no desenvolvimento das boas relações. A pessoa deve adquirir a consciência que está constantemente superando a si mesma.

Explica Estanqueiro (2007, p.59) que as emoções precisam se dirigidas e trabalhadas: “As emoções dão cor e sabor à vida. Uma vida sem emoções seria um deserto. Sem dúvida. (...) Na vida social, uma pessoa equilibrada procura gerir os seus impulsos.”

O Pe. Kentenich aplica à realidade concreta a desintegração que se dá entre a emoção, a inteligência e a vontade:

“Em total caminhada no vazio comprometeu o homem no seu todo: o seu intelecto, a sua vontade e o seu coração. Uma vez que essas faculdades espirituais já não encontram o seu objecto correspondente, pode comparar-se a alma a uma máquina que trabalha no vazio. Privou-se do intelecto da verdade; a vontade, do que é bom; privou-se o coração de pessoas a quem amar. Dir-se-ia podermos tocar um cancro até às suas mais finas ramificações. À partir desta realidade, compreendemos porque razão a pessoa carece de consistência: falta-lhe vida, plenitude, profundidade, interioridade e riqueza.” (Kentenich, s/d, cit. por Fernández, 2002, p.25).

A desintegração, porém, irrompe também nas relações interpessoais. Fernández (1992, p.7), refere a esta problemática, fazendo a constatação: “Qualquer Sistema Pedagógico, que pretenda responder às necessidades contemporâneas, deve enfrentar a profunda crise de vínculos pessoais que aflige nossa cultura.”

O Pe. Kentenich, consciente desta realidade uniu a teoria, de forma muito harmoniosa, à prática. Como educador, visando a realização do homem de forma pessoal, reconheceu a possibilidade real de colaborar e igualmente agir como facilitador no processo do conhecimento pessoal e de grupos.

4. O Eu

O conceito do Eu é muito amplo. O Eu está sempre se renovando, vai se desenvolvendo e solidificando com o decorrer da própria vida.

Referimo-nos ao ser Eu como o saber-se ‘si mesmo’. Encontrar este ser ‘eu’ realiza e faz crer em si mesmo. Refere a esta realização Rojas (2007a, p.12): “A primeira coisa que o ser humano tem de conseguir, é encontrar a si mesmo; encontrar as peças do quebra-cabeças da sua maneira de ser e ordená-las.”

O Eu é, por assim dizer, o centro da personalidade, ou o aspecto integrador da personalidade. É o que diferencia uma pessoa da outra. É o ser próprio de cada ser humano. É o “princípio unificador e de consciência de todo o ser.” (Chiappin, 1979, p.33).

Conhecendo a sua originalidade e aceitando o que faz parte de sua estrutura, a pessoa reconhece o claro e escuro do seu ser pessoa humana. Diz Scharfetter (1999, p.73): “O ‘eu’ faz com que a pessoa vígil e lúcida, conhecedora de si mesma, se sinta de uma

forma harmoniosa e orientada, percebendo, desejando, carecendo, impulsionada, solicitando, sentindo, pensando, actuando na continuidade da sua trajectória vital.”

O ‘eu próprio’ da pessoa humana representa seu ser como indivíduo no mundo. É filosófico o que diz Feuchtersleben (1845, cit. por Scharfetter, 1999, p.74): “Não podemos compreender o Eu, porque nós somos ele mesmo.”

Realmente é ilusão compreender, porém, o que se pode é, sem sombra de dúvidas, discorrer sobre ele e conhecer seus mecanismos e formas de equilíbrio.

É muito claro o desenvolvimento do processo de conhecimento pessoal e o descobrimento do mundo na vida de uma criança. Ela nasce em absoluta carência e sente, com todo o seu ser, os perigos que a ameaçam de todos os lados. Sente-se pobre e indefesa. Sai de sua tranquilidade para a insegurança. Não é em vão que sente o medo: sua vida está nas mãos dos que a rodeiam. Perto dela está a mãe e o pai, depois mais longe irmãos e parentes. Mais distante está o mundo com seus mistérios, ruídos, conversas, luzes...

Inicia-se então, um processo de relação entre o EU da criança e o mundo que a cerca.

No início da vida, a criança forma uma unidade com a mãe, um dueto, o nós constitutivo ou originário. Se ela sente segurança na mãe, esta unidade se firma, sente-se confiante e segura. Inicia-se um crescimento psíquico sadio.

A criança em todos os planos só recebe. No plano do pensamento – recebe conhecimentos, aperfeiçoa a inteligência, ... No plano afetivo ao receber amor, desenvolve suas capacidades, pois os interesses pessoais ainda estão à frente. Lentamente se desenvolvem as capacitações sociais.

No plano social, pouco a pouco, o eu e o tu, passa para o nós. Para atingir esta fase é preciso superar todos os enganos do eu e deixar que o ser pessoa apareça. Ela ainda precisa aprender a sair de si...tudo o que se passa a sua volta, porém, tornar-se-á importante para o futuro.

No plano físico, ela recebe cuidados e atenções necessárias ao seu desenvolvimento e crescimento. Sem isto, ela perece. Não sabe defender-se por si mesma. A criança está voltada para si mesma, para o seu ‘eu’. Tudo o que recebe, o que está a sua volta, todas as pessoas e coisas, estão para lhe ‘servir’. Ainda não está despertada para o outro, pois que, é em tudo dependente e necessitada.

O adolescente não apenas recebe, mas também passa a descobrir o seu mundo e o que o cerca. O seu pensamento desenvolve-se rapidamente. Reconhece o mundo de pensamentos e conhecimentos que traz dentro de si, só não sabe como geri-los. Preocupa-se com o futuro e seu afeto está em busca de amadurecimento. Descobre o mundo de seus

sentimentos, a riqueza de seu coração. Procura meios para partilhar sua afeição e sentimentos com os outros, com amigos e colegas. Busca contatos. Reconhece os seus valores e qualidades, mas reconhece também nos outros. Partilha também pensamentos com amigos íntimos, seus anseio e sonhos. Vai aos poucos se socializando... O físico desenvolve rapidamente e ele dá a isto muito valor e preocupa-se bastante com a aparência. Está ‘desperto’ para muitas coisas. Pratica esportes para desenvolver e aperfeiçoar o seu físico. Embora ainda voltado para o ‘seu mundo’ e os seus anseios, o adolescente inicia a vida social.

O adulto, embora ainda receba em todos os campos e sentidos, presenteia muito mais. Ele dá e recebe. O seu ‘eu’ está em pleno enquadramento. O seu pensamento é original. Tem um modo próprio de pensar baseado nos conhecimentos da vida. Destes pensamentos, idéias, ideais, valores, ele presenteia os que o cercam através do diálogo, no trabalho, no círculo familiar.

Suas emoções desenvolve-se pelas forças interiores, por isto, ele pode presentear amor, amizade, carinho, alegria... Sabe dar tanto quanto precisa receber.

Rojas (2007a, p.25) engloba toda esta análise ao dizer que:

“A criança em pleno processo de formação, vai descobrindo o mundo que se abre a seus olhos, carente de informação e com tudo por fazer. Perante o adolescente, no entanto, abre-se um caminho de possibilidades: tudo pode acontecer quando se está na idade em que se começa a enfrentar a vida. Na realidade do adulto, por seu lado, há já dados objectivos para investigar e valorizar o seu percurso.”

O Eu, portanto, é original em cada pessoa. Ele desenvolve-se à medida em que as etapas da vida transcorrem, porém, é sempre o Eu próprio de cada um.

Estanqueiro (2007, p.19), fala das quatro dimensões do eu explicadas por Luft e Ingham, quando de suas apresentações em relação à comunicação inter-pessoal:

“Eu aberto, é a área da personalidade conhecida pelo próprio e pelos outros. São as dimensões que conhecemos em nós e damos a conhecer aos outros. (...) Eu secreto é a área da personalidade conhecida pelo próprio e vedada aos outros. São as dimensões que conhecemos em nós e não revelamos aos outros. (...) Eu escondido é a área da personalidade conhecida

pelos outros e ignorada pelo próprio. São as dimensões que os outros vêem e nós não podemos e não queremos ver. (...) Eu escondido é a área da personalidade desconhecida pelo próprio e pelos outros. São as dimensões mais profundas que, pela dificuldade de acesso directo, permanecem ocultas, ignoradas, inconscientes, como se não existissem. Segundo alguns investigadores, esta área do inconsciente será maior que as outras.”

Conhecer o Eu, quem se é, é de mais valia para aprofundar o conhecimento pessoal, descobrir as potencialidades, as aptidões, fortalecendo a auto-estima e a auto-confiança. Estes processos ajudam no desenvolvimento e no suprimento das necessidades pessoais. Fernández (2005a, p.12), expõe de forma simples mas coesa seu entendimento da personalidade, quando diz:

“O conhecimento do nosso Eu, assegura-nos a autenticidade e evita-nos o ‘construirmos’ um Ideal ou ‘imaginarmos’ uma chamada que não corresponde à nossa natureza.”

O Pe. Kentenich analisa o processo de amadurecimento do Eu, através de quatro passos que designa como fases: A confusão do Eu, a descoberta do Eu, a conquista do Eu, e a posse do Eu. Estas fases seriam como uma escada que facilita à pessoa a compreensão do “seu eu real, completo e sem máscaras...” (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007. p.25).

Ele explica que na primeira fase há a confusão do eu - o eu está confuso! Sim muitas coisas se desenvolvem no interior de cada pessoa. Tantas vivências, experiências, acontecimentos dos mais diversos, frustrações... Tudo se une dentro de si e torna-se um novelo com muitos fios emaranhados. Nem a pessoa mesma se conhece a fundo. Não sabe compreender seus atos, mágoas, angústias, onde está a ponta do novelo?

Procura de todas as formas a ‘cura’ para seus pequenos e grandes problemas, chora, procura ajuda, conselhos.... Esvazia-se em busca de soluções.

Necessita conhecer-se, aceitar-se e educar-se.

É a fase da adolescência e poderíamos dizer que, “...nos tempos atuais, a humanidade toda vive em fase da adolescência e já não encontra um sentido para explicar a sua vida.” (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.25).

A Segunda fase é designada por Kentenich, como a descoberta do Eu. A pessoa reconhece e sabe que tem uma missão, procura descobri-la, busca uma explicação para a sua postura, as suas atitudes.

Não é mais um na história da humanidade, mas um. Alguém capaz para algo de grande, pois recebeu dons, talentos, capacidades para desenvolver-se e realizar o seu projeto de vida.

Qual é a vida que sou chamado a viver? Pergunta-se, questiona, busca. Para descobrir o seu próprio Eu, é preciso procurar nas profundezas da alma e encontrar tudo o que está escondido lá. Reflitar sobre a vida, as vivências, as experiências, os talentos, o temperamento, as qualidades...tudo o que recebeu no decorrer da vida.

“Sou pessoa humana, sou único, inconfundível, insubstituível. Todo o homem pode e deve afirmar isso. Por mais aleijado e lesado que tenha nascido e por mais miserável que se tenha desenrolado sua vida – sempre terá essa grandeza, é pessoa humana, um ‘eu’ único e inconfundível, e por isso pode dar algo a Deus que ninguém mais pode dar: o louvor desta sua vida única!...” (Tepe, 1983, p.51).

A terceira fase é a conquista do Eu. Não basta o conhecimento pessoal, ou o reconhecimento no processo de toda a vida. Não basta apenas reconhecer qual o projeto a percorrer, mas é preciso agora conquistá-lo. Esta conquista é lenta e gradual.

É preciso empreender a batalha da conquista do interior, assim como os jovens seminaristas, impulsionados pelas palavras do Pe. Kentenich, iniciaram o trabalho da auto-educação: “Por isso, avante! Avancemos nas pesquisas e conquistas do nosso mundo interior, através da auto-educação consciente. Quanto mais progresso exterior, tanto mais aprofundamento interior.” (1912, cit por Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2006, p.13).

Em muitas situações a pessoa sente bem de perto como é importante conquistar o Eu, para poder controlar e tomar posse de si mesma.

O enriquecimento do Eu é a quarta fase. Ele leva à integridade e maturação da pessoa. “O enriquecimento do eu corresponde à fase da maturidade afetiva, intelectual, social e que vai acontecendo à medida em que nos desprendemos de nós mesmos e nos doamos aos outros. (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.25).

As grandes personalidades, foram capazes de unir belamente todos os aspectos de sua vida, mesmo os mais difíceis, pois o equilíbrio os levou a organizar a vida de forma coerente com o projeto pessoal e em busca de sua autonomia e harmonia.

“Todos os seres humanos são mobilizados e motivados a agir de alguma forma no mundo, graças às suas necessidades e potencialidades.

‘É a tendência à auto-realização tendo como efeito dirigir o desenvolvimento do organismo no sentido da autonomia e unidade’, segundo Rogers.” (Chiappin, 1979, p.27).

5. O homem novo contraste ao homem velho

Pelo constante exercício da própria vontade, pelo domínio pessoal é possível a conquista de uma conduta mais harmoniosa e equilibrada nas relações. O Pe. Kentenich procurou organizar o Sistema Pedagógico de Schoenstatt para ajudar as pessoas a encontrarem uma forma concreta de possibilidade de educação onde o homem velho fosse renovado para tornar-se um homem novo, por tanto, o homem novo é o contraste ao homem velho.

O homem velho é o homem interiormente desordenado. Esta desordem configura a sociedade, a cultura em que hoje se vive, a política, a economia... O homem velho é o homem que encontramos presente no egoísmo reinante, na injustiça social, na exploração do ser humano, na violência, no ter sempre mais, na mentira, na ganância... enfim, no próprio interior, à medida em que o ser humano sente-se incapaz de superar, em si mesmo as fraquezas de sua natureza humana.

São Paulo (Cl. 3,9) já dizia que é preciso ao homem despojar-se do homem velho e revestir-se do homem novo. Este homem novo é para São Paulo, o homem semelhante a Cristo, o verdadeiro Homem. E por que São Paulo caracteriza esta imagem do homem global em Cristo? Por que é ele a figura e a grandeza do verdadeiro homem novo, íntegro, harmonioso e equilibrado.

Assim refere Fernández (1986b, p.3) ao explicar como Schoenstatt compreende o homem novo em Cristo: “Schoenstatt nos convoca para sermos homens novos, porém, homens que possam ser reconhecidos como tais. O homem novo é o oposto ao homem velho. Em Cristo somos chamados a ser homens autenticamente novos, que superam em si ao homem velho.”

Ele é revestido de algo novo, que se renova constantemente e assim alcança a plenitude no reconhecimento de si, de suas potencialidades, mas também em suas fraquezas e afastamento do Ideal de Cristo.

Para surgir este homem à semelhança de Cristo, é necessário que o ser humano renasça do alto. (cf. Jo.3,6). Isto é, nascer do alto, nascer de Deus, nascer de novo.

Ao dizer isso, Jesus, revela que precisa acontecer um novo nascimento e diz que ele é mesmo necessário: "É que outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor. Procedei como filhos da luz – pois o fruto da luz está em toda a espécie de bondade, justiça e verdade - procurando discernir o que é agradável ao Senhor. E não tomeis parte nas obras infrutuosas das trevas; pelo contrário, denunciái-as. Porque o que por eles é feito às escondidas até dizê-lo é vergonhoso." (Ef. 5, 8-13). Se é vergonhoso é porque não corresponde à dignidade do ser humano, é por que se trata de uma conduta de homem velho, oposto do homem novo.

Jesus vem trazer vida nova, Ele é a vida. Ele apresenta à humanidade uma nova possibilidade de felicidade que é Ele mesmo. Bento XVI (2007, p.49), diz: "Esta luta (do homem amarrado ao pecado e o homem livre) é a viragem do ser, que produz uma nova qualidade do ser, prepara um novo céu e uma nova terra."

O Pe. José Kentenich, ao referir-se à imagem de Cristo como homem e Deus, refere que Ele é a imagem do ser humano que identifica plenamente a pessoa humana. Quando Pilatos pronuncia a palavra 'Ecce homo', isto é, "Eis o Homem!" (Jo,19-5), ele anuncia esta verdade. Eis o homem no qual todo o ser humano devia espelhar-se. (cf. Kentenich, 1947, p.45).

Cristo vem instaurar a nova criatura, ele configura uma nova imagem de homem. Ele é quem nos traz a plena redenção e liberta-nos da morte que arrasa com o ser humano. É ele quem resgata e restaura cada criatura. "Com a sua graça Ele renova o ser humano no mais íntimo do seu ser." (Fernández, 1986b, p. 18).

Com o pecado original, isto é pela separação de Deus, a humanidade inteira submergiu num mar de misérias e pecados. Adão e Eva foram os primeiros 'homem velho', "esse homem que sentimos dolorosamente em nosso próprio interior e que o vemos presente na realidade social, econômica e cultural." (Ibidem).

O HN³¹, ao contrário, é o homem autenticamente cristão que vive e anuncia a novidade do evangelho de Cristo. Cristo vem anunciar um 'homem novo' que é Ele mesmo. Ele é o homem novo por eminência, pois Ele, com a Sua Redenção liberta da miséria e da morte, é Nele que há vida. É Ele quem resgata e restaura, pagando na cruz a desobediência dos homens, Ele toma sobre Si as culpas dos homens. Com a Sua graça Ele

³¹ HN abreviatura de homem novo

renova tudo e todo o homem no mais íntimo do ser. Deus, porém, não obriga o homem a aceitar a redenção, pois, Ele continua considerando os homens livres. Reveste o ser humano do ‘homem novo’. O homem “Porque nós fomos feitos por Ele, criados em Jesus Cristo para vivermos na prática das boas obras...” (Ef. 2,10), feito nEle “Purificai-vos do velho fermento, para serdes massa nova...” (Cor.5,7), por isto, somente à luz de Cristo se esclarece o mistério do homem. (cf. Fernández, 1977a).

Para o Pe. Kentenich, a configuração de um mundo novo só será possível se homens novos forem protagonistas de uma sociedade nova. Tudo o mais é utopia. Somente o homem renovado em seu próprio interior, movido pelo amor, tem condições de fecundar as mudanças na estrutura da sociedade.

Conhecendo Cristo, o homem novo, o homem conhece-se a si mesmo, renova-se pela raiz e redescobre o fim último de vida: Deus. “Para conhecer o homem, o homem verdadeiro, o homem integral, é preciso conhecer Deus”, assim dizia Paulo VI (1965, nº58, cit. por João Paulo II, 1991, p.117, nº55).

O homem novo traz ordem em si e pode reordenar a sociedade porque é reorganizado pela força do amor, visto que o dinamismo da nova criatura é o amor. O homem velho é o homem separado de Cristo, que vive do egoísmo, da injustiça, da mentira; é o homem que não ama nem a Deus nem aos homens. O homem novo é o homem que vive do amor, no amor e para o amor. Ele é renovado e renova com a força desse amor, até que chegar à plenitude, ao equilíbrio que caracteriza o homem novo. “Não teremos um continente novo sem homens novos” (Medellin s/d, cit. por Fernández, 1977a, p.23).

O Pe. Kentenich, na estruturação do seu Modelo Pedagógico salienta a importância de definir a imagem deste novo para, assim, alcançar o objetivo a que se almeja chegar. A imagem que orienta esta visão de homem novo não é outra senão, o homem novo cristão. O homem novo já existe em definitivo. Ele está presente e rege a história.

Ele é esta novidade cristã que dinamiza e orienta a história. Cristo é o homem novo! Cristo é a criação renovada que exerce sua influência na história, atraindo tudo a Si, renovando tudo, até que haja um céu novo e uma terra nova.

Este homem novo vai tomando formas variadas nas diversas épocas da história. A riqueza de Cristo não se esgota em determinadas épocas. E assim no correr da história vão se realizando os diversos tipos de homem cristão, que revelam os aspectos da vida de Cristo, como resposta e presença do Senhor na história. É o que vemos concretizado no

tempo e no decorrer dos anos, quando Deus faz suscitar novos tipos e novas modalidades da riqueza do Ideal de Cristo de formas cristãs diferenciadas. Por exemplo, vemos concretizado na forma franciscana, ou beneditina, ou Jesuítica e tantas outras que seguiram.

Cada época trouxe um determinado tipo de homem cristão, idêntico aos outros no essencial, porém diferente no carisma, nas acentuações, no estilo próprio e na forma de vida original. Cada forma de revelar Cristo, no entanto, tem também um original relacionamento com Deus, com o trabalho e com as coisas. (cf. Fernández, 1977a).

CAPÍTULO III – O PROCESSO DE EDUCAÇÃO EM SCHOENSTATT

1. O Processo Educativo

O Pe. Kentenich, consciente da realidade atual de desintegração do ser humano, estruturou uma nova forma de educação e uniu a teoria, de forma muito harmoniosa, à prática. Como educador, visando a realização do homem de forma pessoal, reconheceu a possibilidade real de colaborar e igualmente agir como facilitador no processo do conhecimento pessoal ou comunitário.

A desintegração, irrompe nas relações interpessoais, assim se refere Fernández (1992, p.7), a esta problemática, fazendo a constatação: “Qualquer Sistema Pedagógico, que pretenda responder às necessidades contemporâneas deve enfrentar a profunda crise de vínculos pessoais que aflige nossa cultura.”

A visão do homem novo fez que o Pe. Kentenich percebesse a realidade humana como um enigma e mistério em si mesmo, porém capaz, para crescer e reconhecer-se, se encontrar ambientes acolhedores e capazes de despertar a criatividade, a originalidade e as possibilidades, por vezes intrinsecamente escondidas ou veladas.

Para o educador social é importante levar em conta este lado da realidade que o envolve, uma vez que lida constantemente não só com suas potencialidades, natureza pessoal, fraquezas mas também depara-se com a diferenciação e originalidade dos que o cercam. Portanto, as exigências são vastas e os anseios múltiplos.

Na educação, é essencial ter-se em conta que ela é um processo contínuo e harmonioso. A expressão educação vem do latim e compõe-se de duas palavras: ex e ducere. “Ambas querem dizer que, de dentro, se faz sair algo para fora com a ajuda de um terceiro. É algo assim como tirar água de uma fonte.” (Fernández, 1993, p.4).

O ser humano é fruto, também das suas relações, pois que é no relacionamento com Deus e com o outro que ele realiza o ser criatura. “E a doutrina social hoje especialmente visa o homem, enquanto inserto na complexa rede de relações das sociedades modernas. As ciências humanas e a filosofia servem de ajuda para interpretar a centralidade do homem dentro da sociedade, e para o capacitarem a uma melhor compreensão de si mesmo, enquanto ser social.” (João Paulo II, 1991, p.116, nº 54).

O educador precisa ser um bom conhecedor da alma humana. “Para educar deve levar em conta a grandeza do que chamamos educação: ajudar a por para fora o que reside no interior de uma pessoa, as perfeições que estão potencialmente presentes”. (Fernández, 1993, p.3). O educador, precisa, acima de tudo, ser coerente consigo e com os seus educandos: “O segredo da verdadeira educação e da verdadeira personalidade educadora radica nesse misterioso e singular ‘fluido’ que emana do educador e se dirige para a personalidade do educando.” (Pe. José Kentenich, s/d, cit. por Strada & Pontes, 1998, p. 109).

Há muitas coisas que penetram lenta mas gradativamente na estrutura pessoal, como costumes, valores, anseios, inquietações.... “Não é possível fugir desta realidade, e menos ainda, no nosso tempo em que os meios de comunicação de massa penetram os ambientes mais recônditos. É assim, então, que a um bom educador se lhe exigirá que, além de ser um conhecedor da alma humana em sua transcendência, seja um conhecedor do tempo atual em todo seu dinamismo.” (Fernández, 1993, p.4).

Na visão social do P. Kentenich, o educador acima de tudo, ama. Isto é algo tão profundo que ultrapassa todo o entendimento humano, pois é um amor de doação que vê o bem do outro acima de tudo. “Mas cada verdadeiro educador sabe que para educar deve doar algo de si mesmo e que só assim pode ajudar os seus alunos a superar egoísmos e a tornar-se por sua vez capazes de amor autêntico.” (Bento XVI, 2008, www.opusdei.).

O amor pastoral do educador se caracteriza por ser um amor pessoal respeitoso, compreensivo e um amor capaz de abrir os corações. Um amor cuja arte consiste em escutar e intuir o que não se expressa com palavras, pois sua maior alegria é servir a vida, sem impor normas nem esquemas pré-concebidos, alheios à realidade, nem forçar nada. “Ao mesmo tempo, com fidelidade pastoral, ama integralmente cada pessoa, preocupando-se pelos interesses vivos de cada uma...” (Fernández, 1990, p.19).

Kentenich (1984, p.38), na sua profundidade, pode dar ao leitor a base e o fundamento do seu pensar orgânico, quando se refere ao educando como objecto e fim da educação: “E nós gostaríamos de tornar-nos mestres no campo da educação...”.

O verdadeiro educador está consciente de quanto é importante que o educando descubra a respostas às suas perguntas e questionamentos, sobretudo quando se trata de sua própria existência, de sua felicidade e de seu futuro.

O verdadeiro educador sabe abrir-se para o outro, para o educando. Diz Rogers (1980, p.260): “Uma outra consequência para o educador é que a aprendizagem significativa é possível se o professor for capaz de aceitar o aluno tal como ele é e de

compreender os sentimentos que ele manifesta.”

Os princípios que elaborou o jovem sacerdote Kentenich ao assumir o cargo de Diretor Espiritual dos jovens seminaristas é algo extremamente importante para compreender como deveria ser o processo educativo em que acreditava.

O Pe. Kentenich redigiu assim:

“Como professor, sê para teus alunos amigo paternal. ~

a) Nas aulas: Traço fundamental: seriedade digna, moderada, mas inexorável nas exigências. Não és apenas professor, mas educador. Terás maior autoridade se fores exato no saber, claro no expor, conseqüente em tuas exigências e no tratamento. Por isso:

1. Preparação exata;
2. Quanto possível, expor a matéria de memória;
3. Nada de prediletos, não receber ninguém no quarto;
4. Tratamento individual: por isto, estudar muito, observar, rezar. Convence-te de que, ao menos metade das faltas cometidas se devem a ti;
5. Em hipótese alguma, troças e observações sarcásticas.

b) Fora das aulas:

1. Desce até eles, mas de modo que sempre estejas acima.
2. Não te envolvas em discussões científicas se não tiveres certeza do assunto.” (Kentenich, 1911, cit. por Monnerjahn, 2004, p.53).

1.1 Educar pela confiança, liberdade e autonomia

Na educação é essencial a liberdade, autonomia e segurança para que os educandos possam desenvolver-se integral e socialmente.

O educador precisa ter sempre uma atitude positiva e enaltecadora diante de cada pessoa, ajudando a despertar o melhor que há em cada um e não hesitando em confiar-lhes tarefas e responsabilidades, pois estas são necessárias para crescer.

É essencial, também, que o educador confie sempre nos seus educandos e desperte neles a auto-confiança.

A confiança “é o sentimento de repouso psicológico, que uma pessoa experimenta, baseada na garantia de segurança que se lhe oferece. Esta definição nos mostra a confiança como um sentimento de repouso psicológico e, por sua vez, nos recorda

que esse sentimento de repouso, essa tranqüilidade interior se dá em razão de que, de fora, se lhe oferece uma garantia. É ‘outro’ a causa de minha segurança.” (Fernández, 1994, p.6).

Esta confiança mútua educador-educando desperta forças para crescer e superar-se. Ajuda a formar pessoas que aprendam a julgar e decidir por si mesmas, se decidam livremente pelo que compreendem como o melhor, libertando-se de tudo.

Na metodologia pedagógica do Pe. Kentenich, a liberdade ocupa um lugar central, pois a formação de pessoas livres, isto é, pessoas que aprenderam a julgar e decidir por si mesmas e que são capazes de pôr em prática aquilo que decidiram, torna-se a raiz da prática da auto-educação.

O educador, para tanto, apenas conduz, impulsiona, dá estímulos e ajuda a desdobrar o que está no mais íntimo e que é o anseio da pessoa para descobrir o seu potencial e realizar-se. A educação assim pensada ajuda a afirmar a auto-valorização e consciência da própria dignidade; capacita para a vida e fomenta uma sã autonomia pessoal.

O educador, no modelo da pedagogia de Schoenstatt, delega responsabilidades dentro do âmbito de uma autêntica pedagogia de liberdade e de confiança. “Apoia e incentiva a actividade e as iniciativas dos outros, de acordo com o lema que o P. Kentenich aplicou desde os inícios de Schoenstatt: ‘Educar para a autonomia através da própria atividade.’” (Fernández, 1990, p.19).

Para que o educador possa realizar da melhor maneira a sua ação educativa, precisa estar disposto a ajudar só quando for necessário, pois de outro modo não se favorece o desenvolvimento de personalidades autônomas. “Diz o P. Kentenich: ‘É preciso tornar-se desnecessário’. O êxito do educador consiste justamente em constatar que os seus são capazes de fazer as coisas sem ele. A aplicação deste princípio de condução gera verdadeiras personalidades de dirigentes e apóstolos, capazes, elas mesmas, de transmitir vida e exercer uma ação fecunda na Igreja e na sociedade.” (Ibidem).

A educação sob este pano de fundo não é possível sem a educação à verdadeira liberdade interna, pois, o educando deve sempre decidir-se livremente para aquilo que o impulsiona a realizar. A liberdade tem um sentido teológico, um sentido sociológico e um sentido filosófico. No sentido teológico a liberdade é estar livre de tudo o que não é de Deus para ser livre para Deus. São Paulo, na Carta aos Romanos, diz: “Vós não recebestes

um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo, mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adoptivos. É por ele que clamamos Abbá, ó Pai!” (Rm. 8, 15).

Esta liberdade é uma luta constante para desprender-nos de nós mesmos e dedicar-nos a Deus, à sua vontade e aos seus desejos. A verdadeira liberdade interna consiste no desprendimento e na dedicação por amor.

No sentido filosófico a liberdade inclui duas dimensões: A capacidade de decisão e a capacidade de realização. A capacidade de decisão, isto é, a capacidade de decidir-se, com certa independência, para ou contra uma coisa, apesar da opinião dos outros, mesmo que temendo preconceitos ou suscetibilidades. A capacidade de decisão deve tornar-se docilidade de decisão, pois, muitas vezes a vontade não se decide pelo bem, resistindo ao reconhecimento da razão. “Quando alguém assume a responsabilidade pelos seus atos, pelos seus sucessos e pelos seus fracassos, todos sabem que se trata de pessoa de confiança.” (Izquierdo, 1999, p. 92).

No sentido sociológico, a liberdade é o espaço social no qual o indivíduo, por livre decisão, pode realizar aquilo que considera certo e cumprir a sua missão em favor do bem comum.

Liberdade implica sempre capacidade de dispor de si mesmo, a fim de construir comunhão e participação. A liberdade, vista neste prisma, favorece as relações do homem com o mundo, com as pessoas e com Deus.

Deus criou os homens livres e deu a liberdade para ser administrada pelo próprio ser humano. É preciso recompor o verdadeiro sentido da liberdade interior. A verdadeira liberdade interna consiste na capacidade de decidir-se, livre e espontaneamente, para aquilo que a razão reconhece por bem e na capacidade de realizar aquilo pelo qual se decidiu. Decidir-se por algo, portanto, depende da vontade livre e pessoal.

Rojas (2007b, p.24) faz a ligação entre vontade e liberdade: “...orientar a vontade para a cultura, para os valores, é uma tarefa a que será preciso prestar atenção, pois é o caminho para a liberdade pessoal e para o crescimento interior.”

O educando deve conquistar a prontidão para realizar aquilo, aquele bem, pelo qual a vontade se decidiu. Ambas as capacidades quase já não existem.

“Com efeito, na busca da caracterização da alma do homem de nosso tempo, chega-se necessariamente a descobrir como seu fator mais decisivo e penetrante, a ânsia ou o desejo de liberdade. Já a partir do Renascimento se vai gerando mais que um movimento libertário, uma autêntica mentalidade de liberalismo político, econômico e religioso que se foi entrando

em todos os campos do social e individual. Definitivamente o homem atual quer ser livre. Sem dúvida, muitas vezes entenderá mal a liberdade e cairá num afã de libertinagem, contudo, temos que admiti-lo, o mais característico de seu espírito é o desejo de ser livre. E, então como um educador moderno, terá necessariamente que defrontar-se, muito mais conscientemente que em outros tempos, com a liberdade, não só como meta da educação, mas como caminho pedagógico”. (Fernández, 1993, p.4).

O homem novo se distingue pela verdadeira liberdade, pela independência das influências do ambiente, pela atitude de doação, pela inteireza de todo o seu ser e pela coerência quer no pensar quer nas acções. Mas, não só, ele precisa encarnar a força e unir ambas pelo espiritual. Sem este harmonioso conjunto não há resistências para vencer o pensar individual e egoísta do homem atual.

“A vida acelerada, trepidante, vertiginosa, torna a convivência muito difícil, sobretudo porque as pessoas andam cada vez mais longe de si mesmas, ao sabor da corrente, constantemente absorvidas em muitas coisas que lhes prendem a atenção.” (Rojas, 2007b, p.119).

1.2 As estrelas condutoras

A pedagogia que o Pe. Kentenich Idealizou, para estruturar a personalidade e formá-la, está fundamentada no que ele chamou de ‘estrelas condutoras’.

Elas são idéias guias que devem orientar todo o processo pedagógico de Schoenstatt: a pedagogia do Ideal, a pedagogia das vinculações, a pedagogia da aliança, a pedagogia da confiança e a pedagogia do movimento.

A Pedagogia de Schoenstatt visa educar o homem todo a este princípio unificador, o Ideal. O Ideal orienta e unifica todas as forças que existem na pessoa, atua sobre todas as faculdades e realiza-as. O Fundamento da Pedagogia do Ideal é a própria idéia que Deus tem do homem como ser individual e comunitário. Toda a criatura humana é a realização de uma idéia divina, que aspira por isso a sua forma final que irá corresponder a idéia original de Deus.

Descobrir o Ideal Pessoal significa definir o tipo original de pessoa que cada um deve tornar-se e a missão específica que lhe foi destinada. O Ideal Pessoal é o núcleo

de todo o processo de auto-conhecimento e auto-educação. Todo o esforço de auto-formação tem por objetivo a realização deste projeto pessoal de vida. Ao mesmo tempo, o Ideal Pessoal encerra um grande estímulo e a grande meta de toda a trajetória de crescimento para a perfeição pessoal e para dar sentido à vida.

Fernandéz salienta o pensamento de Franklin sobre o sentido da vida como um encontro com a felicidade: “(...) a felicidade não é o mesmo que facilidade, ou seja, que a felicidade é uma construção humana, fruto da busca de sentido para a vida. Baseio-me muito nas reflexões do psicólogo austríaco, Victor Franklin, fundador da Logoterapia. Ele afirma que as enfermidades humanas psicológicas provêm da perda do sentido da vida; já ao contrário, com o sentido da vida, adquirimos saúde e também felicidade.” (2008, www.avemaria.com.br).

A felicidade é, ao mesmo tempo, revelador do sentido da vida de cada pessoa e do sentido da existência humana em geral: a realização do projeto de Deus que acreditamos ser um projeto de amor, segundo o qual somos convidados a atingir a plenitude da vida e a felicidade perene.

Fernández (2002, p.64) diz que: “Cada pessoa é original, com tendência a se desenvolver. Deus dá-nos a liberdade de assumir, ou não, essa missão dada por ele. A pedagogia do Ideal mostra e entusiasma pelos valores que cada um tem para desenvolver.”

A Pedagogia das Vinculações consiste em educar através do vínculo orgânico a pessoas, a lugares e a idéias. Ela dá uma resposta à falta de abrigo do homem moderno. Através da Pedagogia das Vinculações é possível “formar homens capazes de amar e de ligar-se afectiva e estavelmente com a realidade; que estabeleçam vínculos com as pessoas, a família, as idéias, com Maria e as pessoas do mundo sobrenatural.” (Idem, p.67).

A Pedagogia da Aliança de Amor consiste no laço de unidade que a pessoa estabelece com Nossa Senhora, como Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt, e, por Ela, com Deus. Esta Aliança de Amor torna-se a norma, a forma e a finalidade da vida dos membros. A Pedagogia da Aliança quer aproximar a pessoa de Deus, não como simples idéia, mas como pessoa, como o Deus do amor infinito, que revela o seu rosto na pessoa de Jesus Cristo.

A vinculação a Maria forma a atitude mariana de serviço a Deus e aos semelhantes até formar um estilo próprio de vida que, por semelhança a Nossa Senhora, leva a pessoa a apropriar-se de suas atitudes e dos seus valores. “A Pedagogia da Aliança se fortalece através da pedagogia mariana.” (Strada & Pontes, 1998, p.52).

A Pedagogia da Confiança ensina a crer no bem, nas boas disposições que nós possuímos e os outros também. O clima de confiança favorece o desenvolvimento sadio da personalidade psíquica, gera sinceridade, desejo do bem, interesse pela causa comum, facilita o esforço e o progresso. Desta forma, pode-se desenvolver a confiança em si e nos outros e desperta-se mais o auto-valor.

Rojas (2007b, p.155) refere-se a Rousseau (s/d) e explica a importância do despertar do educando para ele próprio, a fim de que ative, no seu interior, o que lá dentro o impulsiona para a aprendizagem: “Rousseau dizia que o mestre é como um jardineiro: não é o autor das flores, mas o seu estímulo, o seu ajudante, a testemunha do seu crescimento. A autêntica pedagogia deve facilitar que a criança venha a ser o que realmente deve ser; deve incrementar tudo o que de bom e positivo tem dentro de si.”

A Pedagogia da Confiança ajuda a crer no bem existente no outro e na vocação de cada um, e gera assim, uma confiança mútua, base de toda a educação. A confiança relaciona educador e educando. Na medida em que o educador confia no educando e acredita, no bem existente na sua alma, o educando confiar-se-á a ele e à sua condução.

Pires (2007, p. 64) explica a importância da pedagogia da confiança no relacionamento entre educando e educador: “O educando deve sentir-se sempre acolhido na pessoa do educador. Confiar nele: sentir-se seguro com a sua orientação, os seus conselhos, recorrer a ele em momentos de crise ou, apenas, para confrontar um problema pessoal. Aceita a sua autoridade como expressão desta relação afectiva que os une. Mesmo quando esta significa exigência.”

A Pedagogia do Movimento ou das Correntes de vida desperta na pessoa as capacidades para unir as diversas realidades da vida num organismo vital. Neste sentido, o ‘mundo sobrenatural’ torna-se mais vivo e concreto. É na Pedagogia do Movimento, que as idéias, a vida e a graça inter-complementam-se eficientemente. Desta forma, entende-se que Schoenstatt não é apenas um Movimento de Educadores e de Educação, mas também um Movimento essencialmente religioso, moral e social.

1.3 A auto-educação

Se a educação visa despertar a criatividade, a autonomia e a confiança que conduz ao uso da liberdade aí, então, realmente pode-se referir que a auto-educação está sustentada em três aspectos importantes: a necessidade de aprender a educar-se através de

constantes exercícios de auto-educação, colocar as idéias em prática e tomar pontos concretos, aqueles que se reconhece como os mais falhos.

Importante também, procurar conhecer-se a si mesmo. É preciso que o ser humano ‘descubra’ quem é e o que tem a realizar na vida. Com tudo, para vivê-la, necessita da aceitação e compreensão do meio social em que vive.

“O modo como os outros reagem em relação a nós funciona como um espelho, aonde vemos reflectida a nossa imagem. ‘Nós somos espelhos uns dos outros’, afirma a sabedoria popular. A verdade a nosso respeito está, provavelmente, no meio-termo entre os dois extremos das opiniões simpáticas e opiniões antipáticas.” (Estanqueiro, 2007, p. 18).

A percepção do outro faz a pessoa perceber-se a si mesma e configurar a própria personalidade. Assim será possível a formação do ser humano como ser íntegro: novo, comunitário e social. Somente o conhecimento real de si mesmo possibilita a construção pessoal sólida, profunda, do homem social. Esta realização tornar-se-á global quando for unida ao conhecimento do outro e à confrontação do modo de ser pessoal e comunitário.

Diz Marpeau (2002, p.97):

“Também precisa se reconhecer, por meio da comparação com os outros, como diferente deles, enquanto desenvolve a sua capacidade de diferenciação. Por meio destas diferenças pode se constituir como ser único e singular. Em múltiplos aspectos, pode se reconhecer como outro e descobrir cada um como radicalmente outro. A alteridade reside na importância da diferença na constituição da identidade de cada ser humano. À partir destes dois pólos, de identificação e diferenciação, o indivíduo constrói-se como sujeito único, mas pertencente à comunidade humana.”

Estanqueiro (2007, p.19) acrescenta ainda um aspecto importante que se refere ao conhecimento global que a pessoa tem de si mesma. Ele diz: “O homem vai se descobrindo na relação com os outros. Mas há muitas dificuldades no autoconhecimento. Ninguém vê, exactamente, todas as dimensões de sua personalidade.”

Para Marpeau (2002, p.157) o autoconhecimento obedece a uma dinâmica. Nele “o indivíduo constrói-se como sujeito humano em uma dinâmica de autocomplexidade, passando de um modo de relação indiferenciado, de fusão, confusão

com o outro, para múltiplos modos de relações possíveis, nos quais marca o seu lugar como sujeito dos seus atos e responsável por suas consequências.”

O homem é um mistério, que poderá ser desvendado. É o que diz Chiappin (1979, p.23):

“Mais do que todas as realidades universais, o homem se percebe como o maior enigma e mistério em si mesmo. Busca assim, autodescobrir-se. Identificar-se. Configurar mais a própria natureza, essência e dinâmica. Qual é a origem razoável de si? O sentido de sua vida? Existe uma finalidade plenificante para a qual vale lutar e vencer ou tudo se esvairá no nada total? Como age o homem e por que age de tal maneira? Como constrói o homem a sua personalidade, desde o despertar de sua existência, percorrendo em sua evolução as fases da infância, adolescência, idade adulta e velhice até o declinar da vida?”

Chiappin (Ibidem) lança uma pergunta importante neste contexto da formação ao longo da vida que pode nortear as reflexões que estamos a desenvolver neste trabalho: “Estruturando a personalidade com determinadas condutas e conteúdos, poderá reestruturar-se para novas atitudes e para novos comportamentos mais felizes?”

Estanqueiro (2007, p. 25), cita alguns casos conhecidos da história, onde o esforço e o auto-conceito ajudaram na conquista de grandes ideais: “Conhecem-se casos célebres na História. Demóstenes, apesar de tímido e gago, transformou-se num dos mais destacados oradores da Grécia Antiga. Beethoven, já surdo, compôs algumas das suas melhores sinfonias. Helen Keller, cega e surda-muda, foi uma notável escritora do Século XX.”

O esforço em não desanimar, a persistência e o pensar positivo tornam-se grandes armas, e ajudam a recomeçar cada dia de novo. “”Quem deseja ser autoconfiante, precisa de aprender a pensar como se já fosse autoconfiante. Quando uma pessoa acredita que é capaz, age de acordo com esta crença.” (Ibidem).

O exemplo clássico de Demóstenes (+322A.C.) caracteriza esta busca incessante do homem em ser mais!

Ele foi o maior orador grego.

Quando se apresentou pela primeira vez numa reunião em Atenas, foi vaiado pelo povo. Ele era gago, tinha voz fraca e ao falar, encolhia um ombro. Suas frases eram longas e usava uma linguagem muito figurada.

Apesar do primeiro fracasso, Demóstenes não desanimou, mas procurou vencer as próprias deficiências. Foi criativo e com a força de vontade derrubou as barreiras das usas incapacidades pessoais.

Para fortalecer a voz tão fraca, esforçava-se por superar o ruído das ondas na praia. Com pedrinhas na boca, exercitava a voz, pronunciando as vogais e consoantes do alfabeto, a fim de dominar a gagueira. Fazia também discursos em frente ao espelho para melhorar a postura. Por cima do ombro que encolhia, pendurava uma faca bem afiada para machucá-lo quando nela tocava. Assim procurava manter parado, o ombro. Para aperfeiçoar o estilo de linguagem, copiou oito vezes uma grande obra literária.

E foi assim que Demóstenes se tornou o maior orador grego.

“Os discursos de Demóstenes, cuidadosamente compostos, evitam o supérfluo e aparentam tal espontaneidade que parecem improvisações veementes. Demóstenes, de estilo impetuoso, administra sabiamente os contrastes: as razões morais sucedem às reflexões políticas, as ironias alternam com o patetismo, os períodos longos e harmoniosos são seguidos por frases incisivas e cortantes. Demóstenes foi, em suma, o orador mais brilhante da Antiguidade. Pela força da vontade hercúlea, separou-se a si mesmo, pois tinha uma voz fraca a conseguiu torná-la poderosa; pronunciava mal as palavras e obteve uma dicção perfeita através de seguidos exercícios, articulando as palavras com pedrinhas dentro da boca e vencendo a gagueira. Depois que ouviu Calistrates, ficou empolgado com a oratória daí partiu para ingentes exercícios.”
(Souza, 2004, www.mundodosfilosofos.com.br/direito.htm).

Confirma a colocação de Saint-Laurent (2003, p.10): “Convence-te profundamente desta verdade: sem o domínio de ti mesmo, nada conseguirás na vida.”

Já em 1912, o Pe. Kentenich advertia que se o grande progresso exterior, fruto dos avançados da ciência e da técnica, não fossem acompanhados por uma nova conquista do mundo interior, isto conduziria o ser humano a um profundo vazio dentro de si mesmo.

“Esta análise sócio cultural levou-o a propor aos seus educandos um programa de auto-educação. Ele via nisso, o melhor remédio para uma época em que a pessoa era considerada como uma a mais no meio da massa anônima, ou como uma simples peça na engrenagem do sistema produtivo. Tornou-se um apaixonado defensor do respeito à identidade pessoal. Esta mesma paixão fez com que se opusesse a todo tipo de pedagogia massificadora.” (Fernández, 1977a, p. 15).

2. As tendências ou impulsos fundamentais da personalidade

Conhecer-se significa descobrir-se, reconhecer qualidades, defeitos, vivências, formas de agir.... O conhecimento ajuda a aceitar a nossa forma de ser, isto é, a reconhecer o auto-conceito. Diz Ferreira (2007, p.92): “A constante luta que os diferentes ‘eus’ travam entre si pode gerar tensões e conflitos nem sempre fáceis de gerir.”

Por isto, a importância da construção pessoal, de um projecto de vida, de um sentido pessoal de existência, de construção de um caminho individual e único que marca o rumo e a direcção de cada indivíduo. O homem – diz Ortega: “É uma história por fazer.” “Só um conhecimento real de si possibilita uma construção sólida profunda e florescente.” Chiappin (1995, p.19).

Esta construção pessoal necessariamente é precedida de compreensão intrínseca da profundidade e inesgotável potencialidade pessoal.

“O homem desde sua origem até hoje, sempre porfiou em conhecer a si mesmo. Como base do aperfeiçoamento. Caminho fluente da perfeição. Identificar-se para melhor aprimorar-se. Configurar-se essencialmente para uma real construção pessoal e plenificação mais harmoniosa e integrativa. Conhecer-se para conduzir-se mais adequadamente na vida.” (Chiappin,1995, p.19).

As pessoas são diferentes e possuem reações diferentes e isto se deve a uma força interior que chamamos de impulso ou tendência. Existem duas tendências ou forças que impulsionam a nossa vida e uma predomina sobre a outra.

Desta forma, podemos conhecer o traço característico da personalidade. As tendências são forças que influenciam o desenvolvimento da personalidade e levam a prática de certos atos. Elas não são nem boas nem ruins, podendo ser enobrecidas. Enobrecimento significa plenitude, consiste em unir tais faculdades a um objeto nobre e bom que conduza a pessoa a decidir por valores que correspondam à dignidade do ser.

Os impulsos ou tendências da personalidade e os temperamentos dão o colorido para a formação do eu pessoal de cada um. Ao referir-se à força que impulsiona a pessoa para a ação, Kentenich, usou a expressão: *paixão*. Há autores, como por exemplo, Rojas (2007a, p.18) usa a palavra *traço* quando explica que ele é "a propensão para ter um comportamento estável, semelhante, perante as mais variadas circunstâncias da vida." Preferimos usar a palavra *tendência*.

A tendência é uma força fundamental da alma que em si não é nem boa nem ruim, ou seja, ela é indiferente. Através dela a pessoa é inclinada a praticar certos atos. O termo impulso, tendência ou inclinação designa afectos ou sentimentos. Através das suas emoções, o homem pressente o bem e suspeita do mal. As principais tendências são o amor e o ódio, o desejo e o medo, a alegria e a tristeza. Nas tendências, enquanto movimentos da sensibilidade, não há bem nem mal moral mas, na medida em que dependem ou não da razão e da vontade, nelas há o bem ou o mal.

A perfeição do bem moral está em que o homem não seja movido para o bem só pela vontade, mas também pelo seus sentimentos (Cf. C. I. C., 1993, p.392, nº 1771-1775).

As tendências são persistentes manifestações das nossas faculdades sensitivo-afetivas (afectos e inclinações). Disposições fundamentais, enquanto formam a nossa personalidade. Verifica-se a presença da tendência quando uma inclinação manifesta-se intensa, absorvendo, ao menos em parte, a cooperação de mais aptidões. Elas são muito importantes e "servem de base para os que desejam conhecer-se melhor e iniciar um caminho de formação da própria personalidade." (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.30).

São Tomaz fala de duas espécies de tendências. Duas principais às quais facilmente conseguimos subordinar as restantes.

Distinguimos duas espécies de tendências predominantes. Sendo que nos faltam termos mais adequados, denominamo-las: *afetividade e combatividade*.

As demais tendências unem-se a estas. De conformidade com a tendência predominante, há, no homem, a capacidade receptiva diversa em relação às aspirações

individuais. Uns colocam o alvo de suas ações e desejos na honra e estima, outros no amor e na dedicação... Ambas as tendências existem em cada pessoa, porém uma se impõe com maior veemência que a outra, exercem influência no agir e caracteriza o modo de sentir. Neste predomina a força afetiva e naquele, a força combativa. Daí o nome de tendência predominante.

A Afetividade, também se pode definir como impulso ao amor. A pessoa cuja estrutura emocional é marcada pela afetividade tende a se deixar guiar em seus atos pelo amor e pela doação. Sua personalidade é marcadamente afetiva e emotiva.

O maior valor para a pessoa afetiva está na doação e preocupação pelo próximo.

O afetivo não vê dificuldades, pois é levado pelo amor, enfrenta tudo, supera-as, persevera com firmeza. No amor busca sempre a sinceridade, age com desinteresse próprio, esquece de si mesmo para ajudar e servir. Compreende o outro, se compadece com as aflições e privações dos outros.

A pessoa que tem a afetividade como o traço forte em sua natureza se deixa dominar pela compaixão e facilmente age por impulso de simpatia e antipatia. Não ousa ser exigente consigo mesma.

Maria Madalena pode ser um bom exemplo. Após o seu encontro com Jesus inflamou o seu coração e deixou a vida sem sentido para seguir o Mestre. Ela foi tocada pelo amor a Jesus e despertou em seu interior toda a compaixão e doação.

São os aspectos positivos da natureza cuja incidência temperamental incide na afetividade o anseio pela doação, a compaixão, a bondade, a compreensão, a força sacrificial e a adaptação a novas situações. Os aspectos a serem trabalhados que designamos como negativos são a forte aversão, a covardia, a indisciplina, a dependência dos próprios sentimentos e a auto-compaixão.

A Combatividade, também pode definir-se como impulso de conquista.

A estrutura de personalidade de uma pessoa combativa apresenta como traço característico o espírito de conquista, de luta e de poder. Sua força de vontade é firme e decidida, em sua natureza há um grande anseio na busca constante de realização. O combativo possui condições especiais para ser um bom guia e lutador.

Impelido por intensa energia realizadora e forte impulso para a luta, enfrenta tudo para alcançar o seu fim. Possui ousadia, decisão firme e presteza no agir. Tem coragem para enfrentar a vida e tudo o que aparece em sua frente com coragem, iniciativa e heroísmo.

Desejoso por uma vida agitada, com sede de conquistas, busca incessantemente o que anseia. Nada abate o seu ânimo, não tem medos, mas preza a sua honra.

São Paulo, o apóstolo de Jesus Cristo, com ousadia e coragem, anunciou a mensagem de Cristo. Seu ardor pelos ensinamentos de Jesus levou-o a lutar incansavelmente para que em muitos se acendesse a luz da fé. Seu lema: ‘Tudo posso naquele que me conforta!’, é símbolo do combate que ele enfrentou neste anúncio.

O combativo, se não viver a solidariedade pode torna-se egoísta, ambicioso, cruel, rude, duro e impetuosos. Sua honra está em primeiro lugar, é capaz de acabar com as amizades para alcançar seus objetivos.

São muitos os aspectos positivos que dão brilho à sua pessoa como, por exemplo, o empenho total por uma idéia, a generosidade, a força, a coragem, a criatividade, a organização e a capacidade de realização. Porém, as sombras também se fazem sentir: o orgulho, a ambição, o egoísmo, a dureza de coração, a auto-suficiência, o interesse pessoal, a impetuosidade.

Nunca encontraremos as tendências fundamentais ou impulsos da nossa natureza de forma ‘pura’, isto é, sem mistura ou melhor, diferenciada. É a mistura, ou o ‘tempero’ destas manifestações que dá o sabor, a beleza da natureza, isto é, o que somos.

Dissemos que as tendências são forças que nos inclinam a praticar certos atos determinados. Assim, a afetividade nos inclina à dedicação, ao amor, ao sacrifício, e a combatividade, ao espírito de grandeza, de luta, de conquista.

Por isso, estudando nosso temperamento chegamos a conhecer a nossa paixão predominante. Não encontramos numa pessoa apenas uma tendência, mas uma mistura destas inclinações. E a mistura, o ‘tempero’, chamamos de temperamento.

3. Os temperamentos

Por temperamento entendemos a maneira como o homem se dá em relação às diversas situações e influências do meio em que vive. Ele nos indica a disposição fundamental de uma pessoa, revela sua forma de agir. É o somatório de todas as suas atitudes frente às manifestações de sua fantasia e, ao mesmo tempo, aos estímulos do meio em que vive:

“Por temperamento entendemos, em geral, a relação da ‘atmosfera’ anímica de uma pessoa a qual depende em grande parte de sua constituição física e se manifesta

também no modo como a pessoa reage diante dos diversos estímulos e na duração e profundidade das mesmas” (Fernández, 1980a, p.20).

O temperamento é herdado, ele constitui uma soma de qualidades e defeitos, isto é, de características congênitas que unidas a diversos fatores como nacionalidade, raça, sexo, ambiente, formam o conjunto da personalidade que exteriormente revela o eu próprio do ser humano. Por temperamento entendemos a atitude que uma pessoa toma frente às representações da fantasia e os estímulos do ambiente em que vive.

Rojas (2007a, p.18) diz que o temperamento "é a parte herdada, aquela que está directamente relacionada com padrões de comportamento hereditários e, portanto, tem uma raiz neurobiológica."

Juntamente com o carácter, o temperamento forma a maneira própria de ser! O temperamento está sempre unido ao carácter que é o 'eu' próprio da pessoa. O carácter é o desenvolvimento do temperamento e as vivências, motivações e influências do meio ambiente em que se vive.

A atitude que uma pessoa toma diante de certos acontecimentos, notícias, sentimentos, fantasia, depende muito do temperamento de cada um.

"O carácter é a parte adquirida da personalidade, aquela que se foi formando ao longo da vida devido às influências psicológicas, sociais e culturais." (Ibidem).

O carácter é fruto das relações interpessoais, das vivências e condicionamentos do meio ambiente em que se vive. Ele engloba uma gama de aspectos relacionados entre si. "O carácter é o conjunto de formas comportamentais mais elaboradas e determinadas pelas influências comportamentais, sociais, culturais, que o indivíduo usa para adaptar-se ao meio." (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.24).

O carácter é dependente da vontade do eu e pode ser transformado e enobrecido pela prática do autocontrole, da aprendizagem de atitude e fruto das relações no meio cultura e social. "O carácter depende de nossa vontade e, ao mesmo tempo, forma-se pelo meio cultural, pela educação, pelas amizades, pelas influências positivas e negativas que vamos sofrendo." (Ibidem).

O carácter, em outras palavras, é o eu verdadeiro! LaHaye (2007, p.12) faz a análise do carácter como um 'embelezamento do temperamento'.

O carácter:

"É o resultado do temperamento natural burilado pela disciplina e educação recebidas na infância, pelos comportamentos básicos, crenças, princípios e motivações.

É algumas vezes denominado a *alma* do homem, que é composta de razão, emoções e vontade."

O médico e psicólogo Fedeli (1997, p.13), explica de forma científica quando diz que: "Tradicionalmente, o temperamento é entendido como especial combinação de caracteres físicos e funcionais, capaz de imprimir no indivíduo uma particular reação perante o ambiente."

O temperamento revela-se de forma diferenciada pois, em dadas ocasiões, se impressiona, se excita rápida e fortemente, de sorte que essa impressão perdura por longo tempo.

Outros há que se excitam fácil e rapidamente, mas que não guardam por muito tempo essa impressão.

Outros há que excitam fácil e fortemente, de sorte que essa impressão perdura por um tempo mais prolongado.

Há outros que só se impressionam lentamente mas também profundamente e de maneira mais ou menos duradoura.

"O temperamento é a forma típica de reagir e de impressionar-se ante estímulos, que vem das representações da imaginação, da fantasia ou que vem diretamente do exterior dos sentidos." (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.39).

O temperamento, pois, é o modo como se manifestam as tendências diante dos acontecimentos da vida, conforme a maior ou menor impressão que estes produzem na pessoa, é a maneira própria de agir. "Conhecer o próprio temperamento é fundamental para canalizar de modo positivo todas as reações, desdobrar as suas qualidades para enobrecer a personalidade." (Ibidem).

Existem várias formas de classificação dos temperamentos. Faremos referência, neste trabalho aos quatro temperamentos básicos, conforme classificação dada pelo filósofo grego Hipócrates. São eles:

O colérico ou o impetuoso - esforçado.

O sangüíneo ou o vivaz - jovial.

O melancólico ou o tristonho - pensativo.

O fleumático ou o tardio - imperturbável.

O conhecimento de cada um dos temperamentos será muito valioso, pois assim pode-se conhecer melhor, descobrir as belezas e valores que Deus presenteou a cada indivíduo, reconhecer as falhas da estrutura e educar os aspectos negativos da personalidade.

(no anexo nº 4 pode-se verificar a diferença nas situações bem concretas da vida).

O *colérico* se entusiasma fácil e fortemente. Está inclinado a reagir no mesmo instante e essa impressão permanece por muito tempo, durante o qual, por qualquer razão, surgem motivações que o empolgam.

O *sangüíneo*, à semelhança do colérico, entusiasma-se rápida e fortemente. Também é impelido a reagir no mesmo instante. Essa impressão, porém, ao contrário do primeiro, apaga-se logo, não permanece por muito tempo.

O *melancólico*, empolga-se muito pouco. Não reage ou sua reação se dá depois de passado algum tempo. As impressões, entretanto, se gravam nele profundamente e por longo tempo.

O *fleumático* não se entusiasma tão facilmente, não sente-se inclinado a reagir e as impressões se apagam rapidamente.

Cada temperamento tem um modo diferente de se ‘comportar’ diante dos acontecimentos, conforme se deixa impressionar mais ou menos por eles. É raro encontrar um indivíduo que tenha só um temperamento sem mistura. Na maioria dos casos, os temperamentos são mistos, sendo que um deles predomina sobre os demais. A divisão dos diversos tipos de temperamentos é apenas didática, para que se possa entender e compreender qual é o temperamento básico da personalidade, quem se é e como se dão as diversas relações.

É importante, para melhor compreender os temperamentos ver a história no anexo e a ilustração.

A explicação de como pode reagir diferentemente uma pessoa colérica, melancólica, fleumática ou sanguínea, diante por exemplo, de uma situação em que levou uma bofetada, ajuda a esclarecer a diferença entre um e outro:

"A alma se estimula (irrita) rápida e fortemente, ou ao contrário, de modo lento ou fraco? Sob as mesmas impressões, a alma é impelida a agir de imediato e a reagir com rapidez, ou então, inclina-se a contemporizar e a deixar-se ficar tranquila? Age com ardor ou antes, permanece num estado de passividade? A irritabilidade perdura na alma por longo ou pouco espaço de tempo? As impressões permanecem gravadas na alma por muito tempo, de sorte que com a primeira recordação se renovam as impressões, ou a alma sabe dominá-las logo e com facilidade, assim que a lembrança de uma impressão não chegue a provocar outra?" (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.41).

3.1 O temperamento colérico

O colérico tem como força predominante a combatividade. Caracteriza-se por ser uma pessoa de ação, fascinante. É ativo, cativa e arrasta por sua vivacidade. Sua alma se excita rápida e fortemente diante de um acontecimento. Está inclinado a reagir no mesmo instante. A excitação permanece na alma por muito tempo e, sempre que ele se recorda do fato, excita-se mais uma vez.

As reações do colérico são rápidas e de forma impetuosa: responde às influências que recebe. A impressão dos acontecimentos permanece por muito tempo em seu interior.

Em geral se entusiasma por tudo o que é grande, não tem interesse por coisas comuns, ordinárias, mas as diferentes, grandiosas e que aparecem na publicidade. Tende sempre ao maior, busca o grande e eleva tudo ao alto.

Em sua vida e empenho ambiciona postos de destaque: montar uma grande indústria, realizar uma grande missão, chegar ao mais alto cume da perfeição. É pessoa de grandes idéias, ideais e ação. Porém, muitas vezes pode prejudicar os outros, pois seu anseio de conquista é imenso.

“Extremamente sociável, deseja comunicar-se conversar, comandar; gosta de sentir-se importante” (Fedeli, 1997, p. 154).

É sempre perseverante e ousado, realiza o que se propõe. Gosta de fazer tudo aquilo que leve ao heroísmo.

O colérico tem uma inteligência aguda e penetrante, se entusiasma por tudo o que é nobre e elevado. É pessoa esforçada, decidida e executa seus projetos com energia, destreza e aplicação. Sua força cresce com a grandeza de sua tarefa. Quanto mais difícil mais vontade ele tem de lutar e dominar a situação. Não tem sentimentos de inferioridade, mas confia demais em si mesmo, em suas forças e capacidade. O que faz, ele o faz inteiramente; não é medíocre, nem desordenado. Tudo o que faz deve ser ‘bem feito’. Sua perseverança não o deixa desistir de algo, sendo sempre rápido, aplicado e seguro.

Na vida espiritual e de oração o colérico é breve, conciso e firme. Porém, seus defeitos de orgulho e prepotência o levam a sentir-se auto-suficiente perante Deus ou a prescindir de sua graça e condução. “Seu espírito de auto-eficiência pressiona o campo espiritual e ele presume não necessitar de ninguém e nem de Deus” (Lahaye,2007, p.47).

Por considerar-se o melhor em tudo, em sua auto-confiança, o colérico se torna insensível e orgulhoso. Costuma desprezar os outros por achá-los incapazes de realizações, pois se considera muito bom e está satisfeito com suas capacidades. Além disto, possui tendência a ser egoísta, prepotente, teimoso, grosseiro, invejoso, intrigante e desleal. Falta-lhe a caridade e amor, pois vê somente a si mesmo e os seus interesses.

"A forte tendência do Sr. Colérico em relação à independência e à autoconfiança o torna um indivíduo muito auto-suficiente". (Lahaye,2007, p.47).

A pessoa colérica, sente-se ferida profundamente quando é envergonhada ou humilhada, preferindo a morte à humilhação. Além do orgulho é levada pela ira. Quando se excita, fere os outros, com palavras duras; a ira conduz às vezes até ao ódio.

Se os seus projetos fracassam, finge e acaba por mentir. Se é castigado, não se corrige, mas, ao contrário, oculta suas falhas.

Sua aparência física é de um olhar resolutivo, firme e enérgico, mas sedutor e ardente. Em geral, caminha com firmeza e decisão, avançando sempre depressa.

Para tornar-se nobre de espírito e grande, o colérico precisa aprender a doar-se e a aceitar cada pessoa em sua originalidade, sendo respeitoso e cultivando a delicadeza. Procurar orientar a sua iniciativa e capacidades e pôr-se a serviço dos outros. Precisa reconhecer-se pequeno, humilde, aceitando seus limites e tornando-se dependente de Deus. Se conseguir renunciar ao próprio eu, Deus se tornará o centro de sua vida pelo qual tudo ele poderá empenhar.

O colérico precisa dominar o orgulho que toma conta do seu coração, dominar a raiva e a sua prepotência que o torna desagradável. Com simplicidade e abertura, o colérico poderá canalizar sua capacidade de luta e otimismo diante das dificuldades colocando-se à serviço dos outros, educando-se assim, na caridade serviçal.

Se o colérico procurar cultivar afectos, buscar a sensibilidade nas relações, o respeito e a delicadeza poderá tornar-se mais atento com as necessidades dos outros, mais humilde e, assim, vencerá o orgulho, a prepotência e a auto-suficiência.

“É importante para o colérico cultivar sentimentos de afeto, amabilidade, cordialidade e compreensão para com os outros, para que o seu coração não se torne frio e indiferente; procurar elogiar os outros, deixar que fiquem com a última palavra, enfim que o outro esteja diante dele como uma pessoa que espera sua atenção e delicadeza.” (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.49).

Aprendendo a alegrar-se com as pequenas coisas, descontraí-se torna-se mais flexível e maleável, mais brando, menos rígido e teimoso. Se puder abrir-se, ver os valores dos outros, com paciência e tato poderá tornar-se um elemento valioso na sociedade.

3.2 O temperamento sanguíneo

Sua tendência dominante é a afetividade, por isto reage com rapidez e impetuosidade diante das situações e impressões que recebe.

O sanguíneo tem um sentido especial para tudo que é exterior, que ele pode abranger com os sentidos. A sua inteligência trabalha vivamente e depressa, mas ele tem dificuldades na concentração em assuntos sérios e no dirigir a sua vontade com perseverança e objetivo firme. Ele vê tudo e ouve tudo, gosta de participar em todas as conversas. “Trata-se de um tipo extrovertido (...); é agudo, esperto, espirituoso, cético; adapta-se maravilhosamente bem às circunstâncias, à realidade, e sabe ‘manobrar’ as pessoas, revelando-se hábil diplomata.” (Fedeli, 1997, p.156).

Por ser superficial, o sanguíneo não penetra até o fundo das coisas e razões. Contenta-se com a superfície. É amigo de trabalhos fáceis, vistosos, e que não exijam muita força intelectual. É muito difícil convencê-lo deste defeito porque sempre crê ter entendido todas as coisas.

É amável, jovial, comunicativo, leal, social, obsequioso, dócil, fácil de reconciliar quando ofendido. Não fica muito tempo com raiva e zangado e não guarda rancor em seu coração. A sua raiva passa depressa. Por isso, não se afasta por muito tempo de Deus e também não permanece no pecado. O seu sentimento o leva à reparação. Desta forma, torna-se fácil reconduzi-lo ao bom caminho depois de seus passos errados.

O sanguíneo supera bem a crítica e tem aptidão para censurar os outros sem que estes fiquem aborrecidos. Na comunidade ele é obsequioso, sempre pronto a ajudar e muito amável. Por apresentar uma natureza descontraída, sabe divertir os outros com grande facilidade, sabe gracejar, rir, consolar e alegrar. É franco, ingênuo e não leva nada a mal.

Presta favores com alegria. Trata bem o próximo e sabe consolá-lo. Sabe transmitir aquilo que é necessário às pessoas: uma notícia triste ou alegre... Possui inclinação para "dedicação e amor ao próximo e a si mesmo." (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.52).

Devido ao fato de ser superficial e subjetivo, o sangüíneo encontra dificuldades em concentrar-se em seu trabalho ou estudar seriamente. Esta superficialidade se manifesta também na dispersão e infidelidade na execução de suas tarefas. Distrai-se facilmente no que está pensando ou fazendo.

Outro aspecto que precisa ser trabalhado no sangüíneo é sua inconstância que depende do seu ‘estado de ânimo’.

“Desanima facilmente e pode deixar-se levar a uma norma de desculpar suas fraquezas ou sentir pena de si mesmo. Sua natureza ardente pode originar uma ira espontânea e numa explosão repentina pode ‘perder o controle’. Entretanto, após ter explodido esquecerá tudo. (...) Esta instabilidade emocional o faz sentir-se arrependido de seu rompante explosivo, e prontamente se desculpará.” (Lahaye, 2007, p.45).

A fim de equilibrar seu temperamento e poder colocar toda a sua potencialidade a serviço dos outros, o sangüíneo precisa aprender a dominar-se, “tornar-se mais consciente em sua vida particular, até mesmo a ponto de ficar mais organizado e dependente. Aprenderá a dizer não a algumas oportunidades preferindo cumprir satisfatoriamente as responsabilidades que já tem.” (Lahaye, 2007, p 170).

O sangüíneo deve determinar-se por princípios claros, aos quais ele se vincule. Aspirar a maior profundidade, e em tudo procurar a totalidade e genuína seriedade na vida moral. Outro aspecto importante é que não se deixe levar por sentimentos de antipatia e simpatia e procurar canalizá-los para amar a todos em caridade sobrenatural e ser tudo para todos em amor alegre e desinteressado. Por sua característica alegre e jovial, o sangüíneo pode animar os grupos de convivência, servir desinteressadamente e acolher os outros, suavizando as asperezas da vida.

“Se desdobrar seu modo de ser prestativo, a generosidade do seu coração, poderá dar uma grande contribuição à vida dos grupos, aos Movimentos. Pelo seu ser compassivo e sua capacidade de empatizar e sentir com os outros, de consolar, de falar e ajeitar situações(...), poderá se tornar para muitos, um instrumento de unidade nas mãos de Deus.” (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p. 56).

É importante que o sanguíneo lute contra a superficialidade e busque sempre fazer bem o que faz, terminar o que começa, buscar a constância e a responsabilidade. Deve pensar e reflectir antes de falar e fazer as coisas. Deve agir com propósito e não só com espontaneidade. Educar-se para a ordem: nas suas coisas pessoais, na casa, no trabalho, no estudo,... Deve aprender a dominar-se, a fazer um esforço metódico e contínuo na sua aspiração; deve procurar vencer a sua tendência à sensualidade e à sensibilidade, educando-se para o sacrifício. O optimismo não deve ser cego. O sanguíneo tem de aprender também a calcular, prever e comprometer-se com a realidade, não se deixando levar apenas pelos seus impulsos...

3.3 O temperamento melancólico

O melancólico apresenta como força intrínseca dominante a afetividade, mas esconde, por detrás de sua natureza tímida e retraída, a ambição.

O melancólico tem um sistema nervoso muito sensível. Ele mostra uma certa indiferença para todos os acontecimentos exteriores. Tem-se dele a impressão de que sempre esteja ocupado interiormente. Este temperamento é muito difícil para ser entendido, pois tem em si muitas contradições.

Busca a solidão, o silêncio e a oração interior. Um dos grandes valores do melancólico é sua aptidão para a piedade. A propensão de sua natureza é uma profunda saudade dos valores eternos, do abrigo em Deus e da vida eterna.

O melancólico fica muito infeliz depois de ter errado e esta tristeza pode aumentar a sua desconfiança em Deus até levá-lo ao desespero.

Por seu grande coração, ele pode tornar-se um bom conselheiro, prudente e merecedor de confiança. Possui profunda compaixão pelas necessidades dos outros, sendo muito pronto a prestar favores e fazer sacrifícios. Ele trabalha devagar, mas bem e com exatidão e perseverança.

Por seu temor diante das dificuldades, por suas intermináveis reflexões, por medo do fracasso e da humilhação, por timidez diante dos outros, o melancólico nunca sabe como decidir-se. Muitas vezes é o homem das oportunidades perdidas e por isso é preciso que alguém o atire na água para que ele aprenda a nadar.

“Ele é, de fato, um indivíduo meditativo, introvertido, fechado, melancólico; diante das dificuldades da vida, refugia-se no passado, escapando do mundo em que vive.” (Fedeli, 1997, p.155).

Profundamente orgulhoso, não suporta o fato de às vezes fracassar, por isso pensa e mede demasiadamente os seus atos.

Facilmente perde a confiança no próximo, principalmente quando suspeita que caçam dele; ele é muito desconfiado e tímido. Muitas vezes ele quer falar, expandir-se, mas não encontra as palavras certas.

Quando tem insucesso, o melancólico logo fica desanimado.

Ao melancólico se pode confiar qualquer tarefa, que ele as desempenhará muito bem; mas ele mesmo, não confia em si. Sofre muito sob um orgulho escondido; pois tem muito medo da ‘fazer feio’, porque é muito sensível. Ele também tem uma certa desconfiança de Deus; é indeciso, implacável nas injustiças e muitas vezes avarento.

O melancólico,

“Certamente é o mais egocêntrico do que qualquer dos outros temperamentos. É inclinado àquela espécie de auto-análise complacente. Aquela benévola auto-contemplação que lhe paralisa a energia e a vontade. Está sempre a se dissecar e a analisar suas próprias condições mentais, retirando camada por camada como uma cebola é descascada, até que não haja em sua vida nada natural e sincero; resta apenas sua eterna auto-análise. Esta auto-análise não é apenas inadequada, mas nociva.” (Lahaye, 2007, p.48).

O melancólico precisa descobrir a alegria da vida, quebrar o muro que o fecha em si mesmo, ser simples, humilde e dócil. Ao sair de si e ver Deus nas situações da vida, terá forças para vencer nas dificuldades e sofrimentos.

“O que poderá ajudar muito ao melancólico a vender os sentimentos de desânimo e desconfiança é o cultivo da alegria.” (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.64).

A amargura e o pessimismo poderão ser vencidos se buscar ver o positivo nas coisas e nas pessoas. Isto só será possível, no exercício da confiança em Deus, em si mesmo e nos outros. Deve aprender a extroversão física e psíquica, a alegrar-se com tudo o que há de bom na vida. O contacto com outros, a realização de actividades poderá ser de

grande valia para o melancólico. Uma coisa muito importante é que aprenda a decidir-se, mesmo com o risco de não acertar, tomar responsabilidades, mesmo se crê que não é capaz.

O amor complacente, isto é, que se preocupa com o outro, poderá ajudar o melancólico a suportar e até a carregar alegremente as suas dificuldades. O esforço em dominar o desânimo, a desconfiança e o medo, será o grande remédio para o enobrecimento do temperamento melancólico e o conduzirá no caminho do enobrecimento do seu caráter.

Ao melancólico é importante “Educar-se para criar uma mente sadia, afastando o pessimismo, ‘tirar os óculos escuros’, vendo o lado positivo das pessoas, dos acontecimentos e das coisas. Dar asas a sua natureza criativa para desenvolver iniciativas, seus dons, habilidades e seu forte anseio de perfeição”. (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.64).

3.4 O temperamento fleumático

O fleumático tem como traço característico a lentidão, a passividade e a calma. A tendência predominante do fleumático é a afetividade ou a dedicação.

O fleumático é capaz de dedicar-se incansavelmente ao trabalho; ele trabalha devagar, mas com reflexão. Nas situações difíceis, não se perturba facilmente, ficando calmo e tranqüilo. É conservador e comodista por natureza. Seu raciocínio, é sóbrio e prático. É pacífico e despretenhoso.

O que o caracteriza também é seu completo desinteresse pelo que se passa externamente. É indiferente a tudo e a todos e pouco se irrita com insucessos e ofensas. Sua reação é muito lenta, é quase incapaz de reagir. Age mesmo, quando animado por outros.

Como nada o aborrece e perturba, tudo o que ele pensa é firme. Tem boa memória. Seu pensamento é muito equilibrado e devido a sua calma e lentidão, ele tem possibilidade de organizá-lo e chegar a resultados compensadores.

O fleumático possui hábitos, tem respeito pelos princípios, é merecedor de confiança e ponderado.

Vendo os sucessos dos outros, fica com inveja que pode aumentar até a sede de vingança, particularmente quando sente-se pouco estimado. Em seus atos de vingança age com sabedoria. Não é capaz de guardar o silêncio, o recolhimento.

O fleumático possui muitos valores que o poderão tornar um grande líder e pessoa de confiança. Para isto, ele precisa orientar-se pela razão, tomar iniciativas e esforçar-se por vencer a comodidade. Deve habituar-se a desenvolver interesse pelos outros e a sair de si.

Educando-se com mais energia, mais responsabilidade, vivacidade, alegria e ânimo, ele poderá servir os outros por sua natureza calma e refletida. O fleumático precisa também fortalecer sua fraca sensibilidade e agir sempre com bondade e compreensão.

Um dos pontos essenciais para crescer sua força de vontade poderá ser: “Fortalecer a vontade, tomando decisões, sem preocupar-se ou medir os esforços que precisa fazer para cumprí-las.” (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.69).

A frieza é um grande defeito do fleumático, pois o torna insensível com os outros e consigo mesmo. A participação na vida familiar é essencial para que o fleumático possa fazer amizades e desabrochar o afeto escondido em seu interior.

A oração e o esforço na conquista do que lhe falta, poderá irromper toda a riqueza de valores escondidos no interior do fleumático.

“A mudança não se processa de um dia para o outro, mas pouco a pouco, seu interesse pelo próximo e seu desejo de compartilhar sua fé vence seus temores. Quando discursa, geralmente o faz de maneira excelente, porque é bem preparado e tem pensamentos bem concatenados. Jamais será extrovertido. Mas possui uma mensagem tranqüila, tão plena de fatos e lógica que é bem recebida por alguns, a quem extrovertidos loquazes não conseguiram cativar”. (Lahaye, 2007, p.185).

Em anexo (anexo nº3) apresenta-se um teste para a descoberta do temperamento dominante da personalidade.

4. O homem à luz do Ideal Pessoal

Para que o ser humano possa trabalhar na educação do seu temperamento de forma concreta e unificadora, é necessário a descoberta e o desdobramento do seu Ideal Pessoal. Isto é, precisa caminhar de acordo com o projecto de vida que possui. Para muitas pessoas, ele é o desconhecido! Muitos não o sabem e outros não conseguem definí-lo,

formulá-lo e fazer dele o critério para as suas opções. “Não devido à sua dificuldade, mas porque não se deram ao trabalho de procurá-lo.” (Carmona, 2005, p.10).

O Ideal é a imagem de si mesmo que se almeja alcançar. O projeto, o sonho, que se quer realizado. É, na verdade, a idéia original e única da pessoa que Deus já contempla como realidade. E esta idéia pode tornar-se realidade quando unida à força da vontade e da decisão pessoal. Ele é uma idéia assumida pela vontade. Ele é único, é um pequeno segredo pessoal. Um segredo que impulsiona à ação, que gera vida, que nutre as emoções e faz lutar pela ‘perfeição’, pelo equilíbrio do próprio ser.

Pelo Ideal, são orientadas e unificadas todas as forças que existem no homem, Ele atua sobre todas as suas faculdades, sobre todas as disposições de sua personalidade e realiza-o.

Poder-se-ia dizer que o fundamento da Pedagogia do Ideal é a própria idéia que Deus tem do homem como ser individual e como ser social. Toda a pessoa é a realização de uma idéia divina. Através dele, nas mais variadas situações na vida concreta, cada um torna-se capaz de decidir-se para o que o ajuda a realizar o seu IDEAL PESSOAL³².

“É preciso vencer o homem sem um eu definido: que carece de continuidade na sua vida interior e na sua actividade. É necessário encontrar um centro, um ‘princípio de síntese pessoal’”. (Quoist, s/d, cit. por Fernández, 2006, p.21).

Por sua vida interior, o homem excede a universalidade das coisas. Ele penetra nesta intimidade profunda quando se volta ao seu interior.

E somente assim é que poderá ser e actuar de verdade como ser humano íntegro.

“Saberemos quem somos e o que queremos fazer da nossa vida. O Ideal Pessoal centra justamente a nossa personalidade, capta e canaliza essa tendência fundamental que vibra em nós; faz com que esse germe, que se encontra na vivência que nos identifica, adquira forma e se projecte em todas as esferas do nosso ser e actuar. Desse modo, o Ideal Pessoal é um factor unificador do nosso eu, ‘uma idéia-força’ à volta da qual a nossa vida adquire coerência.” (Fernández, 2006, p.21).

Ter uma meta para a própria vida “põe em movimento todas as forças do nosso ser e as potencia, canalizando-as.” (Idem).

³² IP – Ideal pessoal

O Ideal ajuda a descobrir a própria identidade, a conhecer sua própria originalidade. Ele é uma força que faz desabrochar todas as capacidades do homem, as suas possibilidades. O fundamento da Pedagogia do Ideal é a própria idéia que Deus tem do homem como ser individual e como ser social. Toda a pessoa humana é a realização de uma idéia divina, isto é, faz parte do plano de amor de Deus. Esta idéia é a norma para todas as atitudes e ações do ser humano.

Tudo o que existe, foi criado segundo uma idéia de Deus, que dá sentido à sua existência. O Ideal Pessoal é, portanto, a idéia de Deus a respeito de cada um, é o pequeno segredo, a pequena verdade a respeito de si mesmo.

A importância da Pedagogia do Ideal está no fato de que por ela a educação tem o seu ponto de equilíbrio, pois que, ajuda no desenvolvimento integral da personalidade de forma que todas as camadas do ser devem, por meio dela, ser integradas no homem. Pela vinculação ao Ideal, o homem deve reencontrar de novo, o seu centro pessoal e chegar à posse de si mesmo. O seu Eu integra, pois, o pensar, o agir e o viver que se unem a partir deste centro pessoal.

O ser humano maduro cuja personalidade se desenvolveu em plenitude e equilíbrio, pode dar e receber, torna-se capaz de permuta e de enriquecimento nas relações. Quem tem uma personalidade harmoniosa pode doar-se à sociedade, sem perder-se a si mesmo, sem ser 'homem massa'. A educação pelo Ideal deve estabelecer a relação do ser humano com o ambiente social em que vive, possibilitando verdadeiras relações com responsabilidade e solidariedade.

Nenhum Ideal visa apenas a realização pessoal, mas visa para além da satisfação individual, o bem social, pelo cumprimento da missão de cada um. Por isso, a educação pelo Ideal há de promover a responsabilidade por todos, conduzir a uma autêntica solidariedade que se comprova no um-no-outro, com o outro e para o outro. A educação ao Ideal também capacita o ser humano para dominar a própria vida e sentir-se responsável por si mesmo e pelo mundo.

Desde o início do Movimento, o Pe. Kentenich, com os seus dons pedagógicos, passou a trabalhar com o Ideal Pessoal, ou seja, desde que assumiu como Diretor espiritual. Em 1912, propõe aos jovens seminaristas como Ideal: "Sob a proteção de Maria, queremos aprender a educar-nos para sermos livres e sólidos caracteres sacerdotais." (Kentenich, 1912, cit. por Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2006, p.3). Guiando-se pelos sinais da Divina Providência, o Pe. Kentenich iniciou este trabalho em comum com os jovens,

apontando como uma necessidade do tempo a auto-educação. Mais tarde este objetivo toma o aspecto de um princípio pedagógico e ascético na busca da santidade.

Um dos jovens da Congregação Mariana, guiado pelo Pe. José Kentenich, entusiasmado por este Sistema Pedagógico que passou a configurar a sua vida e os seus atos por ele, procurando direcioná-lo para o Ideal de ser ‘Tudo para todos e propriedade particular de Maria’. Este jovem, chamava-se José Engling³³ e destacou-se entre os congregados marianos por seu entusiasmo vibrante e seu empenho eficaz na conquista do Ideal de ser o homem novo.

No caminho que percorreu em busca de se formar nesta escola de santidade, trabalhou com muita dedicação na sua própria educação, reconhecendo suas limitações e buscando a perfeição nos seus atos. Sua ‘batalha espiritual’, como assim identificara, foi a ofensiva que empenhou na conquista do homem novo, o qual almejava alcançar.

José Engling tornou-se um modelo de homem íntegro, convicto, corajoso, veraz e fiel. A busca incessante na conquista dos seus propósitos fez dele um esteio para fortificar a Congregação e dar-lhe uma vida nova, profunda e elevada. Por seu heroísmo e grande amor a Maria, por quem tudo empenhou, mesmo no tempo de guerra, levou-o a uma atitude de entrega generosa pelos ideais que acreditava.

“O sentimento de José Engling eram sentimentos de compaixão, de fato. Esses sentimentos iriam traduzir-se em dedicação e sacrifício pelo próximo. Por isso, ‘Tudo para todos’. Escrevia em seu diário: ‘Pudesse eu levar a toda a Ásia à luz da fé (...) Pela segunda vez sinto-me empolgado por este desejo e entusiasmado por Cristo e tomado de compaixão pelo próximo.’” (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 1998, p.44).

O que foi a conquista do Ideal para José Engling, pode ser também para aqueles que empreendem a ‘luta’ pela santidade. Cada um, ao encontrar o seu Ideal de vida, encontra o que é original em si. O que é pessoal, o selo original, o traço individual, é o Ideal. Ele dá à natureza do ser e do agir o seu cunho pessoal.

O Pe. Kentenich ao dirigir-se aos jovens mostrava sempre a importância de ser cada pessoa original: não existem formas nem moldes e, tão pouco, cópias, por que o Ideal é a forma bem pessoal de amar. É preciso reconhecer esta forma original de amar inscrita no interior de cada um e desenvolvê-la até a sua plenitude. Em Cristo, está resumido o projeto

³³ “Engling, como um mestre na arte da construção espiritual, começou os trabalhos de medição e planejamento do seu caráter; escavou, esboçou e fez as marcações de acordo com seu ideal pessoal.” (Cesca, 1978, p.72).

de Deus para cada pessoa. O Ideal consiste no seguimento fiel a Cristo, em dar-Lhe uma resposta de amor segundo a própria identidade. Pela Pedagogia do Ideal, o indivíduo pode chegar ao desenvolvimento integral da sua personalidade.

A Pedagogia do Ideal, parte do interior e ajuda a que o ser humano sinta a necessidade de aspirar a “ser mais”. Suas próprias energias criadoras o impulsionam para uma crescente identificação com sua vocação pessoal.

Numa definição filosófica poder-se-ia dizer que o Ideal é a idéia original e pessoal que, desde a eternidade, Deus tem de cada homem. Ele é único e irrepetível.

Na visão psicológica, pode-se dizer que o Ideal Pessoal é um impulso ou disposição fundamental depositada por Deus, no mais íntimo do ser humano.

Teologicamente, poderíamos referir-nos ao Ideal como uma representação e imitação original das perfeições divinas. Estas definições contêm a meta final, a atitude fundamental e a vivência central religiosa do Ideal Pessoal. O Ideal Pessoal não é algo de abstrato, não é imaginação, mas sim uma realidade e produz um efeito.

“No aspecto científico, o Ideal Pessoal pode ser apresentado sob o ponto de vista teológico, filosófico e psicológico. Teologicamente podemos defini-lo assim: o Ideal Pessoal é uma representação e imitação original das perfeições humano-divinas de Cristo. Somos criados à imagem e semelhança de Deus, na ordem natural e sobrenatural. Representamos, pois, em toda a nossa estrutura e concretização de uma perfeição divina. E, porque Deus é infinitamente admirável em suas criaturas, somos uma representação original de uma perfeição que, em sua nota pessoal, não se repete em outros.” (Bonfante & Dotto, 2006, p.109).

O Ideal Pessoal existe em Deus como uma idéia de perfeição pessoal e no ser humano como disposição. Tudo o que existe é idéia e desejo encarnado de Deus. Deus fundamentou esta idéia original nas disposições, faculdades, forças naturais e sobrenaturais de cada indivíduo, sobretudo através da tendência dominante, enfim, em toda a estrutura pessoal.

As disposições e direções divinas na vida das pessoas, assim como também inspirações da graça, revelam a idéia de Deus a respeito de cada pessoa, pois, tem a finalidade de levar o ser humano à realização desta idéia.

Existe hoje uma verdadeira crise de identidade, em última análise, pela falta de adesão aos valores transcendentais, pela exaltação das forças instintivas, dando prioridade ao *'ter'* e *'aparecer'* sobre o *'ser'*. O Ideal Pessoal é uma forma prática de descoberta da própria identidade. Através dele, o ser humano tem o seu pleno e original desenvolvimento.

Não é absolutamente necessário que se reconheça, claramente, o Ideal Pessoal. Porém, ele é muito importante e valioso pois, por ele, pode-se crescer como pessoa e formar-se como homem novo. Os homens que conseguiram algo de grande na sua vida possuíam também, uma certa receptividade de valores, uma disposição e atitude espirituais, o fundamental para lutarem pelo seu Ideal Pessoal. O Pe. Kentenich diz que:

“O nosso Ideal Pessoal vincula a nossa personalidade e, até de uma maneira muito fácil, forma autênticas ‘personalidades’ porque ajuda a que o amor ao próprio Eu seja um amor pessoal, (...) desperta o cerne da personalidade, no meio das atuais dificuldades e agitações em que vivemos.” (Kentenich, 1937, cit. por Toaldo O. & M. Toaldo, 1990, p.21).

O Ideal Pessoal apreende o âmago da personalidade do homem e une-o a Deus, dando-lhe assim condições de se desenvolver, integral e organicamente. Para o Pe. Kentenich, é isto que faz do Ideal Pessoal, ele é como ‘mola mestra’ para a formação do homem novo, capacitando-o a vencer o homem ‘massa’.

Num Curso Pedagógico para Educadores, em 1950, ele comenta sobre o papel do educador e diz que eles precisam empenhar tudo por sua tarefa na educação e não podem parar enquanto não tiverem formado homens que tenham como atitude fundamental: a clara e firme decisão pessoal. Dela deve emanar a vida e também formar e educar, por auto-atividade. Ele refere também que não se pode alcançar o fim da educação sem a busca e o empenho pelo Ideal Pessoal. (Kentenich, 1950, cit. por Irmãs de Maria de Schoenstatt, 1984).

Cada Ideal atua primeiro como idéia e depois, com o tempo, como função. Por isso, primeiro fala-se da conquista do Ideal, isto é, o Ideal descoberto e reconhecido deve tornar-se posse pessoal na vida prática e, como tal, influir e determinar todas as ações da vida. O Ideal representa uma grande idéia ou um conjunto de idéias. Pode-se conseguir que as idéias se transformem em Ideal por meio da constante repetição da idéia central, ensinando e estimulando o educando a unir todas as ações do dia, renovando e estimulando a prática da idéia.

A idéia dominante precisa tornar-se um valor dominante. Para conseguir isto é importante salientar o valor, estimular a emoção e a vontade e também, o intelecto.

A palavra, a verdade e o valor formam uma unidade. É necessário haver uma ligação vital entre a palavra ou a expressão, a verdade que ela contém e o valor que representa e que inflama a emoção. Além disto, é preciso cuidar da contínua associação entre o valor parcial e o valor central. O educador deve procurar ligar este valor sobrenatural ao valor central do Ideal. Tudo o que o educando ouve e experimenta deve-se ligar a este valor.

5. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt

A auto-educação só é possível se, por meio de um sistema prático, for possível organizar o hábito diário do que se almeja alcançar. Só um controle sistemático e persistente poderá ajudar na concretização deste ‘sonho’. A auto-educação visa alcançar o Ideal e o sistema favorece o ‘treino’ para a busca da perfeição.

Com os M.P.S.³⁴ forma-se um hábito que aos poucos passa a fazer parte da rotina do dia. “Conseguindo o Ideal ou atualizando a capacidade receptiva de tal valor no homem, veremos que, mediante sistemática e valorizada repetição deste Ideal, se criará mais depressa e mais facilmente o respectivo hábito.” (Movimento Apostólico da Schoenstatt, 1998, p.3).

O Pe. Kentenich estimulou a prática dos meios que o S.P.S. oferece para uma concretização permanente e planificada do Ideal Pessoal. Acredita ele que só desta forma é possível tê-lo à frente como uma motivação principal e permanente, uma estrela luminosa que indica o caminho. O Ideal deverá tornar-se o critério de base a orientar as decisões e realizações pessoais. Mais do que ter um Ideal é importante aspirar a vivê-lo e convertê-lo num sentido importante de vida. E, isto, só é possível se ele for convertido em vida.

Na antiga ascese orgânica já se falava da importância de se ter um Ideal pelo qual a pessoa busca a perfeição de estado e a harmonia dentro de si mesmo e nas suas relações. “A pedagogia moderna, como dissemos, estabelece a educação pelo Ideal como princípio e norma fundamental. E com razão, pois, o Ideal atua poderosamente sobre todas as faculdades e disposições do homem. Foi observado precisamente que os grandes ideais

³⁴ M.P.S. – Meios Pedagógicos de Schoenstatt

formam as grandes almas.” (Ascese Orgânica, 1959, cit. por Movimento Apostólico de Schoenstatt, 1998, p.5).

Os meios que o Sistema Pedagógico de Schoenstatt. oferece para a conquista do Ideal, são: *o Exame Particular, o Propósito Particular, o Horário Espiritual, o Controle por escrito e a confissão regular.*

Cada um dos meios ajuda a pessoa a vencer suas debilidades e imperfeições e ‘embelezar’ a própria natureza, além disto, “faz-se necessário incorporar em nossa auto-educação, não só o atuar conforme os sadios impulsos de nossa natureza mas, também, empreender uma luta generosa contra os desvios e imperfeições de nosso caráter e temperamento.” (Fernández, 2005b, p.131).

O Pe. Kantenich (s/d. cit. por Toaldo & Bonfante, 1990, p.67) explica que o Exame Particular é “um método de batalha que atravessa todo o dia...; a melhor arma nas pequenas lutas quotidianas contra os impulsos desordenados do amor próprio...Um método de batalha que atravessa todo o dia com o objetivo de sublimar a paixão dominante.” Através do exame particular é possível alcançar a conquista do Ideal Pessoal, dominar a vontade, enobrecer o caráter e aperfeiçoar qualidades e defeitos inerentes à personalidade.

“Obtendo a clareza do Ideal Pessoal pode-se iniciar um trabalho mais sistemático para atingi-lo através do Exame Particular. Ele é como uma arma de combate, o fim parcial para se alcançar a concretização do Ideal Pessoal. O termo Exame Particular quer significar que, examinando a consciência, toma-se uma parte, um ponto nevrálgico da natureza, que se gostaria de combater, mudar, a fim de alcançar o Ideal Pessoal.” (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.86).

O facto de cumprir e renovar o Propósito Particular pelo menos duas vezes ao dia vai torná-lo mais consciente, além de que, ajuda a cumprí-lo com maior eficácia e a tornar realidade, o grande Ideal para o qual Deus criou a pessoa.

Na escolha do Exame Particular deve estar presente o Ideal que se pretende alcançar e impulsos, qualidades e defeitos que é preciso aperfeiçoar ou extirpar. Precisa ser objetivo para que possa ser melhor controlado no final do dia. José Engling, compreendeu

profundamente como exercitar na prática, o Exame Particular. Neste sentido, organizou um campo de luta e combates bem concretos para ser analisado no final do dia.³⁵

Pode-se listar todos os pontos positivos e negativos da personalidade e ter assim, na frente uma lista de pontos para melhorar ou aperfeiçoar e, então, por em prática. É preciso cuidar de escolher uma coisa de cada vez; escolher um ponto concreto (Propósito Particular) para concretizar o Exame Particular e escolher uma ‘fórmula’, isto é, algo que ajude a lembrar-se.

O Pe. Kentenich explica que o êxito do Propósito Particular se encontra na sua renovação diária: na oração da manhã, ao meio-dia, se possível e à noite. Esta renovação é, de facto, a segurança para o seu cumprimento. O Propósito Particular é o instrumento de luta. Por isso, é importante fazê-lo por escrito e controlá-lo, se possível, duas vezes por dia. Assim, conquista-se esta e aquela atitude até que o Ideal Pessoal se vai transformando em vida. E mesmo que o Ideal Pessoal não esteja já formulado, pode-se ir trabalhando por meio de propósitos, que serão os instrumentos de ‘luta’ no processo de auto-educação.

Para poder acertar na formulação dos propósitos, é necessário conhecer os aspectos positivos e os negativos da personalidade. É preciso conhecer-se a si mesmo e pouco à pouco organizar o projeto pessoal de vida. Só assim, conhecendo um pouco a meta pessoal e sabendo o que será preciso aperfeiçoar para chegar mais perto da meta sonhada, é possível iniciar um trabalho de auto-formação e auto-educação.

Para poder concretizar o Exame Particular, sugere-se que a pessoa procure um propósito bem claro e prático que poderá ser positivo ou negativo, pode procurar superar um defeito ou aperfeiçoar e enobrecer uma atitude boa que já possui. O Padre Kentenich adverte que, para que o propósito seja realmente uma arma de luta na conquista do Ideal Pessoal, deve possuir algumas características como, em primeiro lugar estar intimamente unido ao Ideal. Ele deve ser concreto, claro e bem determinado. O Propósito Particular exige esforço, renúncia e deve levar a tomar decisões. E acima de tudo precisa atravessar todo o dia.

³⁵ “José Engling não era nenhum teórico, e sim um prático incansável. Desde logo compreendeu que só o conhecimento e formulação do ideal pessoal não era suficiente. Para que esse viesse a traduzir-se em realidade, exigia um trabalho minucioso e permanente, tenaz e fiel. Neste sentido tratou de elaborar um plano de luta, pois estava convencido que a melhor defesa é o ataque. Sabia também que todo o ser humano é por si fraco e, se não trabalha continuamente em si, acontece com ele o que se dá com as águas: correm sem rumo.” (Cesca, 1978, p.72).

“O propósito deve ser claro, determinado. Devemos sair do devaneio, sair do apenas ‘desejar’. O propósito deve ser renovado de modo claro e com decisão de cumpri-lo custe o que custar.” (P. Kentenich, 1937, cit. por Toaldo O. & M. Toaldo & Bonfante, 1990, p.78).

O Propósito Particular. visa formar atitudes positivas, superando o que está mal na natureza psicológica, afetiva, pelo que, convém que ele seja mantido por um tempo mais prolongado, pelo menos para poder assim conquistá-lo. Não se trata de somente vencer os defeitos e as suas manifestações para o exterior, mas importa chegar ao mais profundo do próprio ser, nas dimensões interiores para assim procurar um meio concreto de ‘curar’ as próprias falhas. O Exame Particular deve ser inspirado na realidade que é importante atingir, e por ele, pode-se extinguir defeitos como rispidez no falar, falta de caridade, de respeito, de paciência com os outros, mau humor, preguiça, desonestidade, desconfiança, indelicadezas, e muitos outros.

Logo, é função do Exame Particular. enobrecer de forma inspirada e eficiente a paixão predominante para alcançar a concretização do Ideal Pessoal.

Para uma conquista mais profunda da santidade e a descoberta do Ideal Pessoal é preciso ter tempo, ou melhor, dar-se tempo. Para este fim, a pedagogia de Schoenstatt propõe que as pessoas tenham um Horário Espiritual pessoal.

O Horário Espiritual não se trata propriamente de horas determinadas, mas de um conjunto de propósitos bem objetivos e claros para a garantia e organização da vida e de forma especial da vida espiritual. O Horário Espiritual visa uma crescente harmonia do relacionamento de cada um com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo que o rodeia.

Por meio do Horário Espiritual é garantida a vida interior, as contribuições ao Capital de Graças e a aspiração concreta à santidade. Também pode-se dizer que o Horário Espiritual é um meio ascético para cooperar com a graça, para vencer a negligência, o subjectivismo, o esquecimento e a mudança de estado de ânimo. É um método prático para evitar ficar apenas na boa intenção e partir para a ação concreta.

“A prática de um horário na vida espiritual é um excelente meio para cultivar a união com Deus e para progredir na conquista do Ideal Pessoal.” (Movimento Apostólico de Schoenstatt, 2007, p.88). Por meio dele a pessoa se predispõe a tirar tempo e entrar em diálogo com Deus e a ouvir o que Ele tem a dizer ao longo do dia. Ele é uma garantia para a vida espiritual. O Horário Espiritual precisa ser a expressão do cotidiano, do dia a dia da vida, para assim, tornar-se uma segurança para o caminho de santidade.

É importante que o H.E. contemple a relação com Deus, com o mundo, consigo mesmo e com os outros; como a oração da manhã, por exemplo; como a conservação da natureza, ou o esforço num bom ambiente no trabalho, ou ainda uma palavra delicada na vida familiar, talvez um ato concreto de caridade por dia, ou também a pontualidade nos compromissos. São pontos concretos que podem ser praticados ao longo do dia.

O Horário Espiritual é uma forma de viver em íntima união com Deus. São atos concretos que auxiliam no combate ao Exame Particular. Ele, como a palavra mesmo indica, é um horário de encontro com Deus que a pessoa traça para o dia todo. Ele alimenta a vida espiritual e objetiva a conquista do Ideal.

“... Por meio dele (Horário Espiritual) nos predispomos a parar, a entrar em contato e a ouvir o que o bom Deus tem a nos dizer ao longo do dia. Por este motivo torna-se uma segurança para a vida espiritual” (Toaldo O. & M. Toaldo, Bonfante, 1990, p. 81).

Todo este trabalho de auto-educação precisa ser feito por escrito, anotado diariamente para que se possa assumir conscientemente e com convicção interna, o que se assumiu. Ao registrar à noite como foi o dia, a pessoa toma consciência das suas ações, faz a sua reflexão pessoal e analisa de forma crítica os próprios atos. É o Horário Espiritual que ajuda a que o Ideal, isto é, a grande idéia da nossa vida chegue até às pequenas coisas e se torne realidade.

Bezler (s/d, cit. por Toaldo O. & M. Toaldo & Bonfante, 1990, p.84), refere uma consequência importante da prática do Horário Espiritual que é a tranquilidade, harmonia e paz interior:

“Se tomarmos tempo para todas estas coisas, nós nos preservaremos de nervosismos, ou seremos libertados dele. E isso é algo importante, é uma necessidade decisiva.”

Um outro fator positivo da anotação sistemática do Propósito Particular e do Horário Espiritual., é que, de tempos em tempos, pode-se olhar o que já passou e fazer uma auto-avaliação da caminhada espiritual e ascética, reconhecendo melhor e de forma bem objetiva o conhecimento de si mesmo e assim, traçar novas metas. Pode-se também perceber onde incidem as maiores falhas da natureza, onde se encontram os desequilíbrios da vontade, das emoções e da razão.

Há várias maneiras de fazer a anotação dos pontos concretos. A anotação é bem pessoal, cada um o faz com liberdade. Pode-se somente anotar, ou pontuar com valores e/ou notas, de acordo com a forma como foi cumprido. O importante é que ao

anotar seja feito realmente um exame de consciência e uma avaliação pessoal das atitudes, a forma é original de cada pessoa.

O Pe. Kentenich ainda propõe que cada um apresente na confissão ou ao diretor Espiritual se cumpriu ou não os seus propósitos, para que, por meio do controle alheio, seja assegurado e objetivado o esforço pela santidade. O auto-controle consiste em tomar por escrito apontamentos sobre os resultados do Exame Particular e do Horário Espiritual. O controle alheio consiste em dar contas do auto-controle ao confessor ou ao diretor espiritual. O importante é que, por eles, a pessoa possa ser estimulada no sentido dos seus progressos e também dos seus fracassos espirituais, além de que, diariamente seja motivada a novo e rigoroso incentivo no caminho da santidade.

Além dos meios concretos no alcance da santidade, o Movimento de Schoenstatt usa os meios que a Igreja oferece aos fiéis, que são os Sacramentos. Dentre eles, o sacramento da confissão é um privilegiado momento de graça e de auto-educação. A confissão frequente e de forma regular é um dos meios que a Pedagogia de Schoenstatt estimula como forma de controle para a prática educacional. É recomendada a confissão mensal, visto que, após um mês é importante uma parada e um recomeçar.

Na busca da santidade é preciso pausas onde se reflete sobre a caminhada e depois de algum tempo de trabalho e de esforço na auto-educação, orientando-se no Ideal a alcançar, traçam-se novas metas e renovam-se as forças interiores.

CAPÍTULO IV - A VIDA POR UM GRANDE IDEAL

1. Reflexão Inicial

Este capítulo, que contém a parte empírica da dissertação, está solidificado na vida de pessoas que buscaram³⁶ e que buscam³⁷, no dia a dia, viver segundo o projeto de vida que optaram.

Primeiramente analisamos, com o material que nos foi fornecido, a pessoa e a missão de um pai de família, um homem de visão ampla e ao mesmo tempo muito enraizada na vida. Trata-se de João Pozzobon, um homem que, pela força de sua convicção interior, na doação sem limites ao que reconhecia como a sua missão e, no desprendimento pessoal, vendo em tudo a condução de Deus, respondeu generosamente aos planos da Divina Providência.

A escolha na apresentação da pessoa e da missão de João Pozzobon deve-se ao fato de que, por opção pessoal, queremos dá-lo a conhecer a muito mais pessoas, como um modelo concreto de homem novo, enraizado em Deus e fiel aos ensinamentos recebidos pelo P. José Kentenich. Retratamos aqui resumidamente a sua vida, o seu carisma, o empenho e a dedicação no resgate da dignidade dos mais necessitados.

Ao apresentarmos João Pozzobon queremos ainda tornar conhecida a sua aspiração séria e original na concretização do seu projeto pessoal e na conquista do Ideal. Referimo-nos também, com os dados de que dispomos, à sua persistência na auto-educação e o seu esforço na prática dos Meios Pedagógicos de Schoenstatt.

Analisaremos também algumas entrevistas feitas a pessoas que usam, há mais ou há menos tempo, o Sistema Pedagógico de Schoenstatt.

Foram realizadas entrevistas a pessoas que pertencem ao Movimento de Schoenstatt e que utilizam os Meios Pedagógicos de Schoenstatt na auto-educação.

³⁶ Referimo-nos ao Diácono João Pozzobon.

³⁷ Refere-se às entrevistas realizadas com alguns membros do Movimento.

2. História de vida

Afirmar de uma pessoa que ela é um homem novo., significa admitir que ela viveu como tal e é um luzeiro a indicar para além de si mesmo! E se reluz para além de si é porque transpõe a barreira do eu e transforma sua vida numa doação para outros.

João Luiz Pozzobon é, sem dúvidas, este homem novo. Ele marcou a história, fez história e traçou a história. Sua vida o comprova, seu testemunho encanta e seu exemplo arrasta. Pozzobon descobriu a força do amor interior que trazia em si e soube desdobrá-la para o bem da sua família, da Igreja e da sociedade. Encontrou, como se diz, o tesouro no campo e por ele empenhou a sua própria vida. Não o escondeu para si mesmo, mas deu a outros para que esse pudesse tornar-se propriedade de muitos.

Sustentado pela força do amor a Nossa Senhora, trabalhou incansavelmente na busca do Ideal da perfeição, da santidade de todos os dias, da entrega serviçal para o bem do próximo. Refere Rubin (2006, p.47): “Nesse caminho espiritual da consagração a Maria, João Pozzobon, de forma maravilhosa, com invejável sensibilidade de sua parte, foi sempre conduzido por Maria, a grande educadora da fé.”

Na convicção de que Maria o conduzia e o educava como homem novo, na comunidade nova, João ousou o trabalho profundo e incansável da auto-educação para viver e ensinar outros a viver a santidade.

João Pozzobon descobriu no seu Ideal Pessoal o dinamismo e a vivacidade que abrange a personalidade e a missão. De uma forma clara e concisa, a interação de um entra em sintonia com o outro. Por um lado, há o empenho em realizar a missão; do outro lado, a entrega e o esforço no cumprimento da missão ajuda na concretização do Ideal.

2.1 João Luiz Pozzobon - escolhido para uma missão.

João Pozzobon, nasceu em 1904, no Rio Grande do Sul, Brasil. Filho de camponeses, criou-se numa família profundamente religiosa. Era um homem simples, aberto e sensível aos outros, sempre atento aos mais necessitados. Pai de 7 filhos e marido exemplar, sustentava a sua família com um pequeno comércio.

Ao conhecer o Movimento de Schoenstatt em 1947, sentiu que o anseio que levava na sua alma se tornava realidade, deixando-se impressionar, sobretudo, pela

heroicidade³⁸ dos primeiros heróis fundadores³⁹ que haviam oferecido a sua vida pela missão de Maria a partir do Santuário de Schoenstatt.

O Santuário tornou-se para ele o seu lar espiritual e foi descobrindo aí a sua vocação missionária e a sua admiração e adesão ao Padre José Kentenich, ao qual permaneceu sempre incondicionalmente fiel.

Foi no ano mariano de 1950, que compreendeu qual seria a sua missão específica; como poderia contribuir na nova evangelização. Com efeito, estimulado por um retiro para homens, onde se falou da importância do terço e dum apostolado concreto com as imagens de Nossa Senhora de Schoenstatt no formato do Santuário, ele sente-se estimulado pessoalmente a colocar-se ao serviço d'Ela e contribuir para a missão. No dia 10 de Setembro de 1950 foram abençoadas três destas imagens, das quais uma delas ficaria ao cuidado de João, com o compromisso de a levar de casa em casa, embora não fosse necessário - como lhe foi dito por Irmã M. Teresinha Gobbo⁴⁰ - que rezasse o terço todos os dias. À partir daí percebe que deve assumir esta responsabilidade e decide rezar o terço todas as noites com as famílias. Este foi o início da grande Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt.

O Diácono João Luiz Pozzobon, desde então, até o fim da sua vida, andou mais de 140.000 Km a pé, levando Nossa Senhora às famílias, aos hospitais, às escolas, às prisões. Com os anos, João foi descobrindo que a sua missão mariana de serviço à Igreja estava também intimamente ligada a sua vocação ao Diaconado, sendo ordenado diácono no ano 1972.

Em 1994, realizou-se a abertura oficial do processo de beatificação de João Pozzobon. Pode-se considerá-lo como modelo duma santidade possível em nosso tempo. Ele soube unir as exigências da vida familiar e social com a prática da fé. “A sua vida foi o testemunho de uma relação filial com Maria, numa confiança e entrega total. Com o seu testemunho muitas pessoas transformavam-se, convertiam-se.” (Moro, 2006, p.97).

³⁸ A heroicidade é a vida exemplar e harmoniosa de pessoas que viveram como homens novos. São modelos ou faróis que indicam como é possível viver a santidade na vida diária.

³⁹ Os heróis fundadores são os primeiros integrantes do Movimento de Schoenstatt com os quais o Pe. José Kentenich inciou a Obra de Schoenstatt. Eles foram exemplos de vida e de entrega à missão, para os que mais tarde ingressaram na Obra de Schoenstatt ou irão ainda pertencer ao Movimento.

⁴⁰ Irmã Terezinha Gobbo, pertencente ao Instituto das Irmãs de Maria de Schoenstatt. No dia 10 de Setembro de 1950, ela entregou pessoalmente ao Diácono João Pozzobon uma imagem de Maria no formato do Santuário para que ele levasse de casa em casa e rezasse com as famílias o rosário.

João Pozzobon nutria, desde criança, o amor terno e profundo a Maria. Este amor foi a preciosa herança da cultura dos colonos italianos⁴¹, a qual vivenciou desde a infância.

Pela Aliança de Amor, ele foi educado como ‘aluninho’ (Pozzobon, s/d, cit. por Uriburu, 1985, p.25) na escola da Mãe e Rainha a quem chamava carinhosamente de Mãezinha. No sentido do ‘nada sem Ti, nada sem nós’, João se ofereceu a Cristo, por meio de Maria, como o seu ‘burrinho’⁴². Ele a carregava, ele mesmo testemunha: “Coloquei-me como um pequeno instrumento, como um menino. Que Ela me levasse aonde quisesse. Eu iria aonde Ela me indicasse, mesmo estando doente.” (Pozzobon, s/d, cit. por Uriburu, 2003, p.58). Mas, por outro lado, conforme o Diácono Pozzobon referia, Maria que o «carregava», que lhe dava forças, que lhe indicava o caminho. Ele vivia na vida prática a Aliança de Amor. Entregava tudo a Ela como contribuição ao Capital de Graças. (Ibidem).

João Pozzobon foi um marido e pai exemplar, homem de oração e de trabalho, simples, justo e honesto, atento aos mais necessitados e um apóstolo da Mãe e Rainha. A sua vivência da Aliança de Amor com Maria no Santuário tornou-o um modelo de santidade da vida diária, totalmente dedicado à família, aos mais necessitados e à missão mariana de que fora incumbido. “Após o seu ingresso no Movimento Apostólico de Schoenstatt e a ‘criação da Campanha do Terço’, João Pozzobon costumava assinar as suas correspondências, assim: ‘O pobre Peregrino e Diácono João Luiz Pozzobon’. Este é sem dúvida, um sinal de sua humildade, mas também, do seu sentimento solidário com as pessoas atingidas pelo infortúnio social.” (Schneider, 2006, p.189).

Graças à sua fidelidade e ao seu espírito de sacrifício, milhares de pessoas no mundo inteiro recebem, hoje, a visita da Mãe Peregrina, portadora de Cristo e das graças do Santuário de Schoenstatt.

Ao empenhar tudo pela Campanha, o Diácono João, tinha em mente a salvação das famílias, dar possibilidades de que estas encontrassem o seu caminho de felicidade, de dignidade e de harmonia familiar.

Vassoler salienta este aspecto de entrega e empenho do Diácono João. Ela diz que:

⁴¹ A família do Diácono João Luiz Pozzobon era de imigrantes italianos e de grande devoção à Maria. “Las prácticas de devoción mariana constituían muy arraigada en el seno de aquellas familias de inmigrantes.” (Uriburu & Tubert, 1999, p.19).

⁴² Expressão do próprio João Luiz Pozzobon. Ele indicava a si mesmo como o *burrinho de Maria*. Para o Diácono João, carregar Maria era uma honra, por isto, sentia-se como um instrumento Dela, à fim de levá-La aos lares.

“João Luiz Pozzobon, em sua sabedoria simples, (...) e capacidade extraordinária de perceber intuitivamente a vida e responder às solicitações da vida, cria um método pastoral, a Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt cujo objetivo, elaborado por ele, constitui o seu programa de pastoral familiar: ‘Salvar a família.’ Este objetivo atual aparece duas vezes em seu testamento: ‘O objectivo atual é salvar a família com as nossas forças de santificação, imitar Maria; ser um reflexo da justiça cristã, (viver) um pelo outro, para uma nova conquista da dignidade da pessoa humana, do respeito perante ela e seus valores, ir ao encontro dos mais necessitados e colocar-se à disposição de Deus.’” (2006, p.142).

2.2 Um pequeno caminho para uma grande missão!

A Campanha da Mãe Peregrina é um meio, um caminho pequeno para realizar uma grande missão. E esta missão é a renovação do homem e da sociedade. Ela possui uma Pedagogia própria, uma organização singular que a torna única.

Atualmente, a Campanha da Mãe Peregrina está presente no mundo inteiro, “através de pessoas que se responsabilizam por levar Nossa Senhora aos lares e às pessoas que A querem receber.” (Irmãs de Maria de Schoenstatt, 2006, p.15).

A Campanha da Mãe Peregrina é uma Pedagogia original: A Mãe Três Vezes Admirável tornou-se um ‘Santuário Peregrino’! A sua forma lembra o Santuário de onde ela parte para visitar as famílias e desperta todos a uma participação sempre maior na vida social, na preocupação pelo outro e leva a uma atuação apostólica concreta na comunidade.

A vida e o apostolado do Diácono João são testemunho disto. O seu amor caridoso e desprendido fez dele um homem totalmente voltado para os outros.

João Pozzobon doou-se sem medidas e heroicamente às pessoas da sua comunidade, distinguiu-se pelo servir desprendido, pelo contato pessoal e através de outros. Os lemas que formulava a cada ano testemunham a sua entrega ao próximo e a sociedade. Um dos lemas de ano por ele formulado dizia: “Fazer tudo para o bem de todos”.

O zoológico espiritual⁴³ que compôs para exprimir a sua espiritualidade revela também a sua abertura de alma. “Gostaria de ser uma corruíra para levar migalha de alimento aos pobrezinhos”⁴⁴ (Pozzobon, 1982, Uriburu, 2003, p.205), ou ainda, “Gostaria de ser um quero-quero: quero ajudar!” (Ibidem).

Recebia donativos de diversas pessoas que confiavam no seu trabalho caridoso e no seu exemplo, que estimulou outros a empenharem-se também, desprendidamente, pela Campanha da Mãe Peregrina.

“Homem de grande sensibilidade, percebeu que não apenas carregava a imagem de Nossa Senhora. Entendia que essa era a oportunidade, também, de conhecer e de transformar para melhor a realidade daqueles que o cercam. Era a oportunidade de, como bom cristão, promover o exercício das suas virtudes que, aliás, não eram poucas. Ele não apenas ajudava às pessoas, mas as incentivava na busca por maior inclusão social e dignidade.” (Pereira, 2007, www.tabormta.org).

Na vida do Diácono João é visível a verdadeira atitude de serviço desprendido, de amizade, de fidelidade e de ardor apostólico. Seu grande desejo era ajudar a salvar as pessoas e dar-lhes oportunidade de organizarem a sua vida para ter uma postura digna e credível na sociedade. Nesse sentido sacrificava-se, preocupava-se com cada pessoa, porque o amor a Deus deve ser transmitido ao próximo. Muitas eram as necessidades e aflições das famílias como a falta de habitação adequada, falta de remédios, de trabalho, de escola...

Para Pozzobon estas problemáticas tornaram-se um impulso sério e uma missão a cumprir, sentia que Deus e Nossa Senhora o tinham chamado para exercer este apostolado e empregar suas forças para viver e agir com verdadeira cidadania.

“Todos conhecemos o espectro do crescente empobrecimento e da marginalização do homem no campo e nas cidades de nosso país. Pozzobon apresenta uma verdadeira experiência sócio-pedagógica para a solução destes graves problemas de ordem

⁴³ O Diácono João Pozzobon, como homem simbólico, elaborou um zoológico espiritual para expressar a sua fé. Explica Uriburu (2000, p.205), na biografia do diácono que “Nos longos anos de sua Campanha, carregando a ‘Peregrina’, o Sr. João pôde observar os animais que compõem a variada fauna rio-grandense.”

⁴⁴ “Com alguns deles(...) revela sua capacidade de unir o mundo natural com o sobrenatural.” (Uriburu, 2000, p.205).

econômica e cultural, religiosa e moral que afligem a sociedade.” (Schneider, 2006, p.181).⁴⁵

Desde o início da Campanha da Mãe Peregrina, Pozzobon dedicou especial atenção aos pobres. Em 1954, funda a ‘Vila Nobre da Caridade’⁴⁶ para dar condições às pessoas de terem a sua casa, viver em comunidade e tornarem-se uma família de famílias. Para isto, com a ajuda de benfeitores e pessoas influentes empenha-se na execução do seu projeto. Seu desejo é que todos tenham um lar e possam ter a dignidade a que todas as pessoas têm direito. Ele explica: “Morada gratuita para os pobres, para educar, formar cidadãos e, também, para que tenham conhecimento da religião”. (Pozzobon, 1954, cit. por Uriburu, 2003, p.70).

Numa homenagem realizada em Porto Alegre, no Brasil, na Câmara dos Deputados a 13 de Dezembro de 2007, o Diácono João Pozzobon é apresentado como homem de fé e caridade, aberto e sensível às necessidades dos outros.

Assim refere o Deputado Fabiano Pereira:

“A criação da Vila Nobre da Caridade, porém, não se deu apenas sob o argumento de proporcionar a essas pessoas uma moradia decente. Como bem assinala o padre Ottomar Pedro Schneider em seu artigo ‘Educador dos Pobres’, Pozzobon buscava, sim a promoção integral da dignidade da pessoa humana. Assim, alinhado à Doutrina Social da Igreja, Pozzobon, com serenidade e perseverança, exercia um humanismo integral e solidário através de seu método pedagógico de educação sócio-cultural em combinação com uma verdadeira espiritualidade social.” (Pereira, 2007, www.tabormta.org).

Poderíamos identificar João Pozzobon como o homem da caridade. Sua preocupação por todos e por cada um, de forma especial, pelos mais carenciados, tornou-o modelo para aqueles que se empenham em trabalhar pelo resgate da dignidade das pessoas.

⁴⁵ O autor, refere-se à realidade de marginalização, sempre mais crescente, no Brasil.

⁴⁶ “(...) Vila Nobre da Caridade, une de los emprendimientos a los cuales João dará su especial dedicación y su amor durante más de treinta años, hasta el día de su muerte.” (Uriburu & Tubert, 1999, p.112).

A C.M.P.⁴⁷ tornou-se para João Pozzobon um caminho de santidade da vida diária e neste caminho ele foi crescendo. Ele era criativo, tinha iniciativas e revelava por seu ser e na doação à missão o grande amor que tinha por Deus e pelos outros.

A Campanha está unida a realidade da Aliança, da corrente formada por todos os que, unidos pelos laços do amor, empenham tudo pelo Capital de Graças. Portanto, a visita da imagem da Mãe Peregrina é um momento especial de graças, de bênçãos e de oportunidade de encontro muito pessoal com Deus, por meio de Maria. “O Santuário... foi onde houve a minha grande descoberta... ali me foi confiada uma grandiosa missão santificadora, a Campanha... Entendi a missão e por ela a minha entrega foi total”. (Pozzobon,1985, cit. por Uriburu, 1985, p.168).

Nesta visita, a Mãe Peregrina, que vem na forma de pequeno Santuário, quer transformar o lar num ‘santuário da vida’, num pequeno oásis de amor. Ela conduz, como grande Missionária, a vida e a sorte de cada família, mostrando caminhos, indicando atitudes, ajudando a tomar decisões, educando para uma vida de integridade e de prática do amor.

A Campanha da Mãe Peregrina teve novo impulso em 1985, quando foram enviadas 25 imagens para as Américas. Desta forma ela tomou rumos sempre mais abrangentes e foi espalhando-se pelo mundo inteiro, em diversos países. João Pozzobon viu ainda em vida concretizar-se o que tanto desejava, que a a Campanha fosse mais conhecida.

Assim, expressou-se ele: “A Campanha do Santo Terço forma uma forte corrente para uma irradiação pelo mundo inteiro.”⁴⁸ (Pozzobon, 1984, cit por Uriburu, 1985, p.108).

João Pozzobon sentiu-se chamado, a oferecer tudo, a própria vida para que a fluorescência da Campanha fosse abundante: “Dou a minha vida para que esta Campanha, com este princípio forte daqui, possa tornar-se mundial. Não retiro esta palavra!” (Idem, p.162).

Também em Portugal, a Campanha encontrou o seu espaço. Algumas pessoas, a exemplo de João Pozzobon, ousaram levá-la a muitos lares no país. Outros missionários

⁴⁷ C.M.P. – Campanha da Mãe Peregrina

⁴⁸ O Diácono João Pozzobon deu à Campanha da Mãe Peregrina o nome de ‘Forçada Campanha do Santo Rosário’. Anos depois, no Congresso Internacional da Campanha, no ano de 1991, num estudo feito pelos congressistas e após a reflexão no intuito de responder às exigências do tempo e da época, surgiu um Documento de Consenso. A partir de então, a Campanha passou a ser chamada de Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt.

hoje sentem-se chamados a semear e a Campanha expande-se em muitos lugares e é alimentada pelas graças que parte dos Santuários de Schoenstatt.

2.3 “O amor supera tudo...”

João Pozzobon possuía um profundo amor a Deus, a Maria e aos outros. Certa vez expressou-se: “O amor supera tudo...” (Pozzobon 1973, cit. por Uruburu, 2003, p.138).

A exemplo do pastor que vai ao encontro da ovelha tresmalhada, João Pozzobon ia em busca das famílias para ajudá-las a encontrarem o caminho à prática da fé, da oração, da alegria, da harmonia, da paz em seus lares.

Vassoler (2006, p. 143), refere-se à pastoral de João, dizendo:

“Procuro situar João Luiz Pozzobon no contexto das mudanças de valores e de modelos de família, o cenário inicial que despertará sua atenção, suas forças e o empenho total da sua vida à serviço da família. Sinalizo as tendências da família do futuro, para onde a Campanha se projeta, ganha atualidade e urgência. ‘Esta família salvará o mundo’ (D. Luiz Victor Sartori, 1952)”.

Quando necessário, Pozzobon, realizava batizados, legitimava matrimônios, encaminhava para a Paróquia, ajudava a arranjar moradia, alimentos e remédios. Foi sempre o ‘pastor’ de coração aberto e atento às necessidades de todos os que visitava.

O Santuário é a expressão concreta de um mundo de idéias e de vida que faz ‘vibrar as cordas’ no interior dos que selam a aliança de Amor com Maria. Para o Diácono João, o Santuário e a missão que recebera de Deus era toda a sua vida: “Ao Santuário me entreguei, pelo Santuário andei, pelo Santuário morrerei. Não é fácil, mas fácil é: Vontade e amor!” (Diácono João Pozzobon, 1981, cit. por Uruburu, 1985, p. 181).

O impulso para o grande que tinha em si irrompeu quando lhe foi narrada a vida do Fundador e dos primeiros seguidores de Schoenstatt, considerados ‘heróis fundadores’, sobretudo de José Engling, com quem procurou identificar-se.

Ele conta, (Pozzobon, s/d, cit. por Uruburu, 2003, p.47):

"Então pude compreender que eu também tinha de despertar em mim o heroísmo. Não só o cumprimento do dever, pois todos temos a obrigação de realizá-lo, mas o heroísmo total de entregar-se (...) Desde que entendi isso, fiquei sempre unido à Fonte Original, imaginando esses heróis e o Fundador. Eu me senti como um pequeno aluno, um aluninho, lá junto ao Fundador, o Padre José Kentenich, mesmo sem conhecer o lugar e o Santuário Original. Sentia-me como se sempre tivesse estado lá, como se fosse um aluninho naquela escola. E assim me mantive. Foi isso que me deu muita força, muita coragem e segurança, porque sempre permaneci unido à origem... Para mim isto foi muito importante, e hoje ainda continuo. Recebi tudo aqui no Santuário e tive a graça de entender a origem."

O Diácono João Pozzobon compreendeu que em Schoenstatt tudo está relacionado com a Aliança de Amor que o Pe. José Kentenich e os jovens selaram com a Mãe de Deus no Santuário Original.

A fecundidade da Mãe Três Vezes Admirável, no seu Santuário, depende, em grande medida, da colaboração das pessoas que em Aliança trabalham na sua auto-educação e se comprometem com o bem dos outros.

João Pozzobon tornou-se um homem novo, formado ao estilo mariano apostólico, serviçal, totalmente doado! Foi este estilo adquirido à sombra do Santuário que o tornou capaz de levar adiante uma grande missão!

João Pozzobon entregou-se totalmente à Mãe e Rainha na Aliança de Amor e Ela transformou-o em verdadeiro apóstolo e missionário. Só assim pode ser usado como instrumento para a renovação do mundo em Cristo.

Na Aliança de Amor e na prática dos Meios Pedagógicos de Schoenstatt descobriu um caminho seguro para o crescimento orgânico da fé que o levou a prática da santidade de todos os dias. Ser cristão é ser apóstolo, mas, só isto, não basta! Ele deve ser um apóstolo que dê um testemunho verdadeiro, isto é, precisa ser um apóstolo santo! O Missionário não só proclama a mensagem daquele que o enviou, mas encarna e vive a mensagem! Este foi o Ideal que norteou o Diácono João Luiz Pozzobon. Ele é exemplo para o missionário!

2.4 “Herói hoje, não amanhã!”

A harmonia e o equilíbrio do homem novo, podia-se verificar na vida pessoal de João Luiz Pozzobon. Ele mesmo descreve este enriquecimento de alma em si: “Qué felicidad se despojarse del hombre viejo e revertirse del hombre nuevo en una vida sobrenatural. Me gusta recordar los años pasados; todo lo considero milagros de la Madre y me siento cada vez más feliz, cada vez más próximo al seno de la familia schoenstattiana.” (Uriburu & Tubert, 1999, p.171).

Pozzobon, desde criança possuía uma grande abertura para o que mais tarde veio a concretizar-se em sua vida como Ideal: Herói hoje, não amanhã!

Seu Ideal foi desenvolvendo-se na ‘Escola de Maria’: o Santuário de Schoenstatt. Nela descobriu a sua missão e empenhou-se na conquista da santidade.

O Primeiro Postulador da Causa de Canonização do Diácono João Pozzobon, Pe. Esteban Uriburu, relata:

“Pozzobon reconoció el modelo ofrecido por el P. Kentenich, porque en él, tal como vimos, ya existia una disposición similar. La toma de contacto con las propuestas de Schoenstatt es inmediata y profunda.” (Uriburu & Tubert, 1999, p.59).

Para o Diácono João Luiz Pozzobon a fidelidade aos mínimos deveres da vida cristã foram crescendo e se desenvolvendo lentamente. Cresceu e nutriu, desde menino, um amor pessoal a Jesus não apenas por palavras, mas pelo seu exemplo de vida e de ação sacrificial. Não recusava o sacrifício para poder colaborar com a salvação do mundo. Foi assim que buscou sempre o heroísmo e não se poupou.

Relata o seu desejo de ser herói a cada dia: “Por amor à Campanha, ser herói hoje mesmo. Não devemos cumprir apenas nosso dever. Isto é o mínimo que se exige. Devemos ir mais além do dever. Mais de uma vez me disseram que eu estava louco(...) No mundo existem duas espécies de loucos: os que acabam num hospício e os que são loucos de amor.” (Pozzobon 1984, cit. por Uriburu, 1989, p.141). Este amor, João Pozzobon praticou em todos os aspectos de sua vida familiar, social, entre amigos e colegas de grupo. O que aspirava não era pouco, conforme refere, mas a ousadia de quem se doou por Deus e pelos seus irmãos. Ao cumprir fielmente o seu Horário Espiritual, os propósitos tomados por ele mesmo e a prestação de contas do seu Exame Particular ao seu Diretor Espiritual, reafirma a sua fidelidade. (Cf. Uriburu & Tubert, 1999).

Sua abertura para os valores éticos e cristãos identifica a índole da sua personalidade, sua nobreza e dignidade de homem novo. Seu falar, seu comportamento, seu trajar e pensar, podia-se reconhecer e identificar a fineza de sua educação familiar e social. O que viveu pessoalmente foi capaz de passar também aos filhos na educação de uma vida familiar nobre e cristã, no cultivo do que chamamos de ‘pequenas virtudes’: como a alegria, a gratidão, a solidariedade, a caridade, a honestidade, a veracidade. Uma das suas filhas testemunha: “Papai era: sério, correto, alegre, espontâneo, organizado, trabalhador, perseverante, amigo, leal, puro e sobre tudo muito bom.” (Souza, 2006, p.119).

O Diácono João Pozzobon desejava ser herói, mas hoje, isto é, a cada dia de novo, por isto, o esforço de vencer diariamente os seus defeitos e buscar no seu Exame Particular o domínio das imperfeições. Dizia ele: “Por eso, éste es un tiempo para educar nuestro interior.” (Pozzobon, 1955, cit. por Uriburu & Tubert, 1999, p.122).

O seu Horário Espiritual era para ele um meio valioso para cumprir fielmente os seus propósitos e era, acima de tudo, a expressão do amor, o empenho filial e o compromisso que fizera ao selar a sua Aliança de Amor com a Mãe de Deus. “Pozzobon mantiene com fidelidad su contacto com el Padre Celestino, informándole de su vida espiritual. (...) Su propósito es ser siempre más paciente (...)” (Uriburu & Tubert, 1999, p.123).

O próprio Pe. Kentenich havia educado o Diácono João neste sentido. Ele havia sugerido a Pozzobon que fizesse um horário e ordenasse os seus trabalhos, pois deste modo, teria mais tempo para a sua vida familiar e social. Com este estímulo do Fundador, o P. Kentenich, Pozzobon fez um programa do dia, da semana, do mês e do ano. Organizou de forma ordenada e metódica um programa de vida que era até bem preenchido.

O Diácono João lutava contra as imperfeições do seu caráter no domínio de suas atitudes. Por sua índole calma e serena era capaz de suportar ofensas, sem responder com dureza. Mesmo tendo motivos para irritar-se, era capaz de reagir e exercitar-se na virtude da paciência. Sofria quando injustiçado, pois possuía uma natureza muito sensível, mas não se deixava dominar pelo rancor.

Pode-se notar que na sua vida, o esforço pela educação do próprio caráter era constante e sério.

“Esforçava-se também para vencer limitações físicas. Diziam-lhe que ele falava de tal modo que não se entendia a sua oração.

Esforçou-se por melhorar neste ponto, assim que até o fim da vida ele conseguia se comunicar melhor e tornar mais auditível a sua oração. Não enxergava bem e mais tarde também teve dificuldades no andar, mas não se deixava dominar pelas fraquezas físicas da idade. Continuou até o fim da vida, com suas caminhadas até a Vila Nobre da Caridade, mesmo com bengala, e a cumprir o programa o quanto lhe era possível.” (Irmãs de Maria de Schoenstatt, 2004, p.11).

A prestação de contas ao seu confessor fazia parte da vida do Diácono João, assim que, sempre ao voltar de uma viagem dirigia-se ao seu Pároco, e dava-lhe um relatório da sua vida de aspiração à perfeição, mas também do seu trabalho apostólico.

Para João Pozzobon o amor a Deus e ao próximo estava acima de tudo, não desejava nada para si mesmo, mas empenhou-se por dar tudo por seu lema: “Herói Hoje, não amanhã!”

Deste modo, viveu o impulso à doação, à entrega e o impulso para a luta e a conquista. Nele as tendências temperamentais estavam em constante harmonia. (cf. Irmãs de Maria de Schoenstatt, 2004, p.11).

O Diácono João Pozzobon acreditava que, pela visita às famílias, a Mãe Peregrina, transformava cada lar num ‘santuário da vida’, num pequeno oásis de amor. Ela, como a grande ‘Missionária’, tomava sob seus cuidados a vida e a sorte de cada família, despertando e educando para a prática de verdadeiras atitudes de cidadania e ajudando a tomar decisões; e formando cada membro para a descoberta e a prática de uma vida íntegra e solidária. “(...) Assim logrou levá-las a uma auto-ajuda e libertação. Como o almeja o Movimento de Schoenstatt e a Doutrina social da Igreja. Ali, na Vila Nobre da Caridade, em contato com a realidade das famílias carentes e marginalizadas, Pozzobon soube investir no ser humano de forma cristã e eficaz, dando a sua contribuição pessoal e original, para uma solução adequada da questão social ainda que em pequena escala.” (Schneider, 2006, p.188).

Este é o homem que descobriu o tesouro escondido! Convicto do seu Ideal: ‘Herói hoje, não amanhã!’, foi e será um luzeiro a indicar aos irmãos a possibilidade de encontrar-se a si mesmo, realizar-se como pessoa e dar-se aos outros, sem entretanto, perder-se. É este perfil de homem novo e harmonioso que faz história e configura a história!

3. Estudo

Para a recolha de dados concretos que apresentem a riqueza do Sistema Pedagógico de Schoenstatt, foram realizadas treze entrevistas com pessoas que pertencem ao Movimento Apostólico de Schoenstatt e que conduzem a sua vida de aspiração à santidade pela vivência do Ideal Pessoal e da prática dos Meios Pedagógicos de Schoenstatt.

Foram escolhidas, para tanto, pessoas que pertencem aos diversos Ramos e comunidades da Obra de Schoenstatt para que, assim, se possa identificar a abrangência desta Pedagogia. Dentre os entrevistados, incluiu-se também, jovens, que apesar de ainda não terem certeza do seu Ideal Pessoal, procuram viver o projeto que já traçaram para a conquista da felicidade.

As entrevistas foram momentos marcantes para os entrevistados, e não só, também para quem os entrevistou. Pode-se dizer que, neste contexto, a investigação realiza-se num prisma totalmente novo de entendimento psicológico, emocional e de riqueza de sentimentos.

Apresentamos as entrevistas conforme a compreensão relatada no momento da execução e registrada de forma o mais fiel possível à verbalização. Em seguida apresentamos a compreensão do que foi expresso pelos entrevistados.

3.1 Registro das entrevistas

Iniciais: D	F() M (x)
Idade: 22 anos	Estado Civil: solteiro
Profissão: Estudante	Escolaridade: Licenciatura em Comunicação Social - incompleto

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

Há dois anos que tenho procurado viver o meu Ideal Pessoal, não sei se estou certo com o Ideal que encontrei. Fui identificando aos poucos e ao mesmo tempo fui compreendendo a minha pessoa. Eu sou eu mesmo, assim como sou. Lentamente sinto que

aceito-me como sou e estou realizado. Num trabalho de missão que realizei, vi o sofrimento de muitas pessoas e senti que a minha missão de vida deve ser servir! Se quero mudar o mundo devo começar por mim, preciso corrigir-me e trabalhar com o meu Ideal de vida. Sinto que marca para mim o ser serviço.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

No início não era muito fácil praticar o Horário Espiritual, mas depois percebi que me dava estabilidade. Fiz comparação, algumas vezes, dos meses que passou e vi que houve avanço ou estava um pouco estável e vejo que a minha vida está mais estável. Preciso parar para organizar a minha vida. Recomeço sempre de novo. Ao analisar a minha vida vejo que é muito importante.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Sinto um grande crescimento na minha vida pessoal, tenho mais forças e estímulos para crescer. Sinto também grande crescimento na minha vida social. Faço retiro mensal e avalio como foi o mês e observo também o que os outros dizem, que é muito importante também. O Horário Espiritual e o Exame Particular contribuem para o meu crescimento, pois, eu sinto onde tenho de melhorar e vejo que mudo aos poucos, para melhor, é claro.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Eu já me perguntei sobre isto, pois, como jovem a liberdade é importante. Eu escolhi este caminho para chegar a maior santidade e encontro com Deus. Por isto, preciso esforçar-me e aspirar. Sinto-me feliz, realizado, livre e tranquilo. Sinto-me outra pessoa desde que uso os Meios Pedagógicos, não posso me imaginar sem isto tudo.

O que sou hoje não tem nada a ver com o que fui a um tempo atrás. Sou outro. É na liberdade que somos felizes e eu me sinto a pessoa mais feliz do mundo, eu escolhi este caminho e não me arrependo.

Iniciais: I. R.	F (x) M ()
Idade: 24 anos	Estado Civil: solteira
Profissão: Professora de Educação Física	Escolaridade: Licenciatura em Ciência do Desporto

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

A descoberta do Ideal Pessoal fez-me descobrir a linha de orientação da minha vida. Chegar lá é chegar à vontade de Deus. Primeiro pensei que não era bem isto, mas depois, no fundo, vi que era isto mesmo que Deus queria de mim e que me fez encontrar o Ideal Pessoal e encontrando-o, encontrei comigo mesma.

O desafio de Deus é maior, descobri que é isto que me fez encontrar a minha profissão. No diário vi que Deus está comigo. O meu Ideal Pessoal tem a ver com a educação na família, no mundo que me rodeia e me ajuda nas relações.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

O Horário Espiritual e Exame Particular. encaixam bem comigo. Eu preciso de disciplina, pois sou muito ativa, ele faz com que eu me organize, não entra na rotina e é fácil de realizar. Vai aos poucos. O Propósito Particular. faz com que eu me transforme aos poucos. O que sou hoje não tem comparação com o que eu era. Na postura, na vida diária, na disciplina... Há dois anos eu pratico e sinto que é uma luta diária, mas vê-se resultados a curto prazo.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Eu cresci, isto sei.

Vejo Deus atuando dia a dia em mim. Vamos mudando, os outros dizem que estou diferente, e eu percebo que sou mais tranqüila, mais encontrada, mais madura....

Sem falar ou dizer, mesmo o meu namorado percebe... As minhas opções, os meus valores, as minhas atitudes, tudo é mais verdadeiro e concreto.

Meu caminho é ir à busca, é encontrar a santidade. Ajo conforme com o que acredito e sinto que cresci muito, eu não atuo mais por instintos, mas reflito o que creio ser o certo e faço de acordo.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriam novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Sinto-me muito mais feliz. Sinto que sou uma mulher realizada.

Na profissão, no apostolado, no testemunho que dou. Desde que eu uso os meios tenho mais necessidade de estar com Deus e de viver santamente. Sou feliz.

Há muitas diferenças na forma de entender a felicidade. Muitos falam em felicidade, em ser feliz, mas eu creio que só em Deus há felicidade, ele é a plenitude de felicidade. A felicidade não se explica, sente-se.... Ela deve ser buscada, implorada. Só assim recebe-se forças para ir além. Muitos tem medo do compromisso, medo de querer mudar, medo do novo. É um desafio que ousei agarrar com ambas as mãos. Quero mudar e vou mudar!

Iniciais: M. I.

Idade: 21 anos

Profissão: Estudante

F (x) M ()

Estado Civil: solteira

Escolaridade: Licenciatura em Educação da Infância

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

Não foi nada fácil descobrir qual o meu Ideal. Retirei-me e refleti o que quero para a minha vida. Aspiro à conquista de uma personalidade de mais equilíbrio, por isto, iniciei a busca do Ideal e do meu projeto de vida.

Consegui descobrir como sou. Às vezes caio, mas logo tento levantar-me, neste processo do conhecimento pessoal. O meu objetivo é crescer e mudar para chegar a ser uma mulher nova no mundo.

Quero algo que me identifique com a imagem a que aspiro alcançar na santidade diária. Aspiro ser santa conforme o desejo de Deus a meu respeito. Ao ter o Ideal Pessoal me propus a algo concreto para alcançá-lo, realizar na luta da vida.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

Sinto muita diferença!

Antes de iniciar com o Horário Espiritual, eu era diferente, eu não me conhecia, e não conhecia os outros e também não me esforçava para isto. Se me compreendo começo a compreender os outros e passo a perdoar. A compreensão leva ao perdão. Não crio mais clima de tensão, pois tenho paciência com os outros.

Sinto-me mais calma, mais tranqüila e controlo melhor minhas emoções. Reflito sobre estas coisas e vejo concretamente onde falho, anoto e depois, no final do mês, eu recomeço outra vez. Às vezes me decepciono comigo mesma e desanimo, mas retomo depois.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Sim, muito!

Tenho uma vida social muito ativa, tenho tantas coisas... Dizem que sou muito social, que tenho jeito em lidar com as pessoas.

Sem a força da aliança de amor e do Ideal não conseguiria fazer o que faço, nem o que devo. As relações com familiares, amigos, colegas, é totalmente outra depois que entrei em Schoenstatt.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Às vezes sinto-me triste comigo mesma, como falei antes, é que nem sempre consigo corresponder com o Ideal Pessoal.

Quero a liberdade, por isto, danço. Dançar sempre foi o meu sonho, assim ponho para fora minhas tristezas e angústias. E depois vou ao Santuário, sim, sem ele, não sentiria tanta alegria e serenidade para agir. Por isto sou feliz. Lá converso com a Nossa Senhora e ela me ‘sorri’.

Às vezes, porém, me zango com Deus, parece que ele foge de mim, sei lá! É que às vezes não me apetece fazer nada, mas depois lembro que tenho um Ideal Pessoal e com o Exame Particular consigo retomar minha vontade de ousar mais e então abrem-se horizontes a minha frente.

Iniciais: M. M.	F (x) M ()
Idade: 25 anos	Estado Civil: Solteira
Profissão: Prof ^a Ensino básico -Música	Escolaridade: Licenciatura em Educação da Infância

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

O trabalho com a auto-educação ajudou-me a conhecer-me melhor, a crescer e a fazer o meu projeto de vida pessoal. Estou aos poucos desvendando o mistério deste projeto que acalento no meu interior. Sinto que ele me ilumina e me ajuda a ser o que sou.

Consigo aceitar melhor a minha maneira de ser e a trabalhar em mim mesmo. Não estou preocupada em agradar ou não os outros, mas a realizar o que Deus quer de mim.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

Com o Horário Espiritual. aprendi a organizar a minha vida a harmonizar o meu interior e atitudes e a viver o que acredito. O Horário Espiritual. também ajuda a recomeçar sempre de novo sem cair na rotina. O Propósito Particular. que escolho sinto que ajuda a trabalhar as inclinações ... Olho o controle todos os dias e vejo onde faltei e onde posso melhorar.

O fato de ter de ‘prestar contas’ me alerta para que eu veja os pontos de luz e de sombras em mim mesma. Por exemplo, fazer ordem no meu quarto, sou desorganizada e isto exige disciplina, o que não tenho!

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Noto que a nível pessoal sou totalmente diferente desde que uso os Meios Pedagógicos. Sou mais tranquila e aceito melhor os outros. E os outros também me veem diferente.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Desde pequena fui introduzida em Schoenstatt pelos meus pais, eu ouvia eles falando estas coisas e não entendia muito bem, mas quando comecei a participar dos encontros e me ensinaram, já não era novidade. Os meus pais me falavam, mas depois na juventude eu entendi na prática como era e passei a utilizar os Meios Pedagógicos. Sinto que estou `a caminho da conquista. Ao prestar contas, vejo que conquistei um passo a mais e vou crescendo aos poucos.

Iniciais: L. C.

Idade: 21 anos

Profissão: Estudante

F() M (x)

Estado Civil: Solteiro

Escolaridade: Engenharia

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

Ainda não tenho claro se o Ideal Pessoal é o que eu tenho tentado viver, mas eu tenho procurado encontrar o Ideal. Como pessoa e como membro da juventude posso dizer que busco viver o Ideal identificando para a minha vida pessoal o que é mais importante para mim.

Ao estudar os Meios Pedagógicos, eu procuro desvendar o Ideal Pessoal e vou orientando a minha vida procurando por em prática o Propósito Particular.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

O Horário Espiritual nos ajuda a ver no final do dia como estamos e como tem sido a evolução da vida espiritual. Vemos no fim do dia, da semana, do mês se estamos na linha certa ou não. Às vezes desanimamos, mas ao mesmo tempo sentimos que evoluímos, que nos conquistamos a nós mesmos. Reconhecemos as limitações e aprendemos a lidar com elas, vencer nossos defeitos, e reconhecer os dons que Deus nos deu.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Quando comecei com o Horário Espiritual eu pensava que eram só orações, depois entendi que era mais que isto e que ao usar o Horário Espiritual e o Exame Particular, eu aprendia a entender a mim mesmo. Recomeçava, voltava a pontos fracos, e a fé me ajudou. Me ajuda a crescer nas relações, na vida do dia a dia. Nem sempre sou tão forte, recomeço e volto ao caminho. Caio e levanto novamente. Não é tão fácil.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Primeiro procurei me conhecer, saber qual é o meu temperamento e passei a trabalhar nele. Um jovem se preocupa com o que não consegue fazer... Primeiro precisamos nos conhecer e depois escolher o Exame Particular e o Horário Espiritual. Isto ajuda para que se caracterize o Ideal Pessoal., isto para conhecer e saber viver com o Exame Particular e o Horário Espiritual.

Sinto-me muito feliz. Todos os Meios Pedagógicos nos ajudam a encontrar a felicidade, pois nos encontramos e aprendemos a equilibrar as coisas. Pouco a pouco nos organizamos na vida e assim nos tornamos melhores.

Iniciais: M.L.

Idade: 44 anos

Profissão: Educadora de Infância

F(x) M ()

Estado Civil: Casada

Escolaridade: Licenciatura em Educação da Infância

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

O Ideal tem-me ajudado a conhecer-me a mim mesma e a mudar aquilo que é necessário. Este conhecimento trata-se do projeto que Deus tem para mim e que eu aderi de todo o coração e dei-lhe a minha resposta.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

Sim, o Exame Particular e o Horário Espiritual são os instrumentos que nos ajudam a crescer no auto-controlo. Através deles trabalho as virtudes que quero alcançar e os defeitos que desejo ultrapassar.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Sim, o esforço que faço faz-me crescer como pessoa, isto é, ajuda-me a querer ser melhor do que sou e a fazer melhor o que faço. Além disto, ajuda-me a relacionar-me melhor com os outros.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

O estudo de mim própria e a vontade de fazer melhor abriram portas para compreender e aceitar os outros na sua diferença e originalidade. Sinto-me feliz com o que já conquistei e sei que tenho muito para crescer ainda.

Iniciais: F.	F(x) M ()
Idade: 48 anos	Estado Civil: Casada
Profissão: Educadora de Infância	Escolaridade: Licenciatura em Educação da Infância

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

Sim, todas as forças e anelos da alma são preenchidos com o Ideal. É o sonho de Deus a meu respeito, a meta, não é teórico, é orgânico.

Sei que sou única, irrepetível, e o Ideal Pessoal é a luz, dá resposta à vida, aos desejos, aos problemas...

Ajuda-me a crescer como pessoa e está sempre a me desafiar.

À medida em que o descubro, ajuda-me a ver o que percorri, ajuda a conquistar o meu projeto de vida.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

Os pontos do Exame Particular, o Horário Espiritual e o Propósito Particular são verdadeiras armas realmente na conquista do Ideal Pessoal. A postura de harmonia na busca do Ideal Pessoal, na ajuda a escolher algo como Propósito Particular, para corrigir a nossa natureza.

Se estivermos seguros na conquista do Ideal Pessoal temos uma garantia da harmonia com Deus e com os outros.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Os relacionamentos mudaram na minha vida pessoal. A auto-educação marca a diferença pelo tipo de vida que temos. Confiamos os filhos a Maria, os educamos para a responsabilidade, num clima de confiança, de alegria e união. Butilamos a nossa personalidade, a nossa relação como casal...

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Sim, porque sentimos que estamos de acordo com o plano de Deus. Isto é santidade, esforço pessoal, confiança em Deus, uma metodologia que nos faz alcançar, passo a passo a felicidade que desejamos.

Iniciais: H.

Idade: 51 anos

Profissão: Superintendente Portuário

F() M (x)

Estado Civil: Casado

Escolaridade: 12º ano

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

O Ideal Pessoal tem sido uma ajuda, como um seguro para organizar a vida pessoal e comunitária. Temos um caminho a percorrer e sabemos o que fazer e o que queremos, precisa somente força de vontade e coragem para fazer o que Deus quer de nós.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

Construímos o eu pessoal pela auto-educação. O que sinto é que só há emoção se há avaliação, por isto, a importância de, sempre de novo, nos auto-avaliarmos.

Estamos sempre em busca da harmonia, da perfeição, que tem a sua expressão no Horário Espiritual na prática do que queremos alcançar no dia a dia. Estas são, a meu ver, as melhores ferramentas.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Sim, pessoal e socialmente reflete-se na relações que temos... Os pontos práticos, o Propósito Particular levam-nos à prática da auto-educação e nos traz satisfação, contentamento, alegria.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Sinto-me feliz, realizado, tranquilo no que sou e faço. Sinto-me realizado como pessoa, como esposo, como pai, como amigo, apesar das falhas que tenho, sei que sou aceito e aceito-me assim.

Iniciais: A	F (x) M ()
Idade: 63 anos	Estado Civil: solteira
Profissão: Professora reformada	Escolaridade: Licenciatura em Educação

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

Tudo o que sou e faço anda em torno do Ideal Pessoal

Ao descobrir o Ideal Pessoal entrei na realidade concreta que me ajuda a conhecer-me melhor e tanto quanto ia conhecendo-me e aceitando os desafios relacionados

com o meu Ideal, fui descobrindo que ele é a pauta pela qual me oriento para ir cumprindo a minha missão de mulher nos espaços em que me encontro.

Quando conheci Schoenstatt é que entendi o projeto que Deus tinha para mim e deveria encontrar a forma certa para realizá-lo como mulher na sociedade, na família, como estudante, profissional, colega... O Ideal Pessoal tornou-se o fio condutor, a estrela em que me apoio para me compreender e conhecer e pelo qual oriento os meus projetos de vida.

Vou moldando-me gradualmente, cresço como pessoa porque nada está feito, é um processo para toda a vida e com um estilo de vida muito pessoal.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

Sim, realmente sem o Exame Particular e o Horário Espiritual eo Propósito Particular são estas alavancas, âncoras, suportes, sem eles não é possível realizar o Ideal Pessoal, pois no processo da auto-educação eles nos ajudam a por em prática o nosso Ideal Pessoal. Nada está firme se não houver estas âncoras na minha vida. Eles me ajudam a formar-me pessoalmente. Eles não estão a ter vida se não mudarem a nossa conduta, examinada no controlo que fazemos durante o dia ou à noite. Eles são substâncias concretas que fazem parte do meu dia a dia.

Dai que a postura rege as minhas relações com os outros em todos os campos. Vemos também que sem a graça de Deus não conseguimos nada. Ele nos acompanha.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Sim, sinto que há crescimento, sinto-me contente com a caminhada, como fui me auto-educado desde estudante. Minha conduta modificou-se. Sei o que eu era e o que sou hoje.

Parece que sou como um ponto de interrogação para os outros, pois sou diferente. Foi o meu percurso, assim como estou perto, estou também distante, distância no respeito, no trabalho profissional, na aceitação dos projetos sociais. Sempre me doeie aos outros, realizo-me neste sentido.

Antigamente eu queria tudo à minha maneira, agora não! Agora sou madura, tenho uma personalidade mais equilibrada, tranqüila.

Mas estou sempre a crescer, preciso crescer, preciso continuar, é um desafio. Sou mulher e tenho um papel a desempenhar. O nosso tempo requer uma visão clara do valor de ser mulher, de uma autêntica mulher.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Sou feliz! Cresci nas relações.

Sou orgulhosa do que sou, do que conquistei.

Eu sei que correspondo ao Ideal Pessoal. Orgulho-me do Padre Kentenich, o Pai e Fundador, que conseguiu incluir tudo o que é importante no Sistema Pedagógico de Schoenstatt. Homem carismático. Ele viu nos tempos de hoje, e não só, também depois de hoje, que é preciso construir a sociedade nova.

No tempo em que estamos a mulher é uma figura de imitação e hoje ela precisa de um Ideal firme, saber o que quer e ter personalidade segura. É o que tento fazer.

Iniciais: M.

Idade: 41 anos

Profissão: Operária Fabril

F (x) M ()

Estado Civil: Casada

Escolaridade: Assistente Administrativa

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

Aprendi a conhecer-me melhor e a trabalhar na minha auto-educação. Desde jovem senti-me bem em servir os outros, por isto, sinto-me realizada. Aos poucos vou aperfeiçoando minha maneira de ser para chegar ao que Deus quer de mim.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

Ajuda-me muito porque temos tendência a fugir de nós mesmos, e com o Horário Espiritual e o Exame Particular nós seguimos o que Deus quer de nós. Estes meios nos ajudam a encontrar o nosso Ideal Pessoal. Às vezes o cansaço nos consome, mas com boa vontade e dando-nos a nós mesmos conseguimos ultrapassar barreiras.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Logo que fiz Aliança senti que começou a mudança em mim. Desde então, sinto que sou outra pessoa. Schoenstatt dá-me o que preciso. Sempre fiquei enraizada e recebi o que preciso para enfrentar a luta do dia a dia.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Quanto mais nos preparamos, nos sentimos novas pessoas. Procuro viver como uma ‘portadora de Cristo’ para que os outros vejam em mim algo novo, uma mulher nova.

E assim posso servir melhor, dou de mim mesma e sinto-me feliz!

Iniciais: I	F (x) M ()
Idade: 62 anos	Estado Civil: Casada
Profissão: Diretora de Escola	Escolaridade: Licenciatura em Matemática, Mestrado em Ciências da Educação (Matemática), Doutoramento em Ciências da Educação

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

O Ideal Pessoal fez-me entrar em mim mesma, conhecer o Eu mais profundo. Já faz 32 anos que iniciei o processo de minha auto-educação.

No início fiz uma formulação do Ideal Pessoal e depois, ao longo de 1 ano eu o aprofundei. Senti que devia aprofundar e hoje sinto que é o mais fascinante que há em Schoenstatt. Consegui descobrir quem sou e pude ajudar outros também no conhecimento de si e da missão que Deus lhes confia.

É o que dá sentido à vida diária, saber o que Deus deseja de nós. O Ideal Pessoal orienta a vida, as opções, as atitudes. Pelo Ideal Pessoal aprendemos a nos relacionar com Deus e com os outros. Ao avaliarmos o dia podemos verificar se e até quanto vivemos conforme com o Ideal Pessoal e o quanto isto toca efetivamente o nosso interior.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

Sim, somos inconstantes e portanto, precisamos ser coerentes, equilibrados e firmes na nossa auto-educação.

O Exame Particular e o Horário Espiritual nos permitem persistência mesmo com dificuldades. Custam para cumprir, exigem de nós, mas são eficazes. Com o uso deles vamos de ato a ato criando atitudes que partem de dentro com o objetivo de atingir o mais profundo de nós mesmos.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Sim, Schoenstatt é tudo, minha vida. Sou totalmente diferente. Tive uma grande graça de conhecer o Movimento e descobrir-me a mim mesma e desvendar o meu interior. É por amor que eu abracei o Ideal Pessoal que Deus tem para mim e assim descobri a verdadeira alavanca na auto-educação: o amor! Tentamos melhorar para agradar a Deus e realizar tudo o que ele quer de nós. Quando se faz por amor tem-se maior eficácia.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Sou feliz, mesmo que tenha certas dificuldades na vida.

Maria precisa do nosso Capital de Graças. Sabemos que tudo tem sentido na vida. Sou feliz, uma felicidade diferente daquela que o mundo nos apresenta.

Sinto-me realizada e com objetivos de vida, isto aprendi a conquistar.

Iniciais: P.

Idade: 60 anos

Profissão: Assistente Social

F (x) M ()

Estado Civil: Casada

Escolaridade: Licenciatura em Assistência Social

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

Sem dúvidas que o Ideal Pessoal permite-nos o aprofundamento do conhecimento e do auto-controlo. O Ideal Pessoal dirige-se ao ser da pessoa, não só da psique, mas toda a pessoa, de tal forma que nos entusiasma durante toda a vida.

Com os anos vi o que foi e é para mim, o quanto é importante e fui encontrando outra formulação melhor. Acho que tive um salto qualitativo. O Ideal Pessoal é fonte de inspiração e ajuda-nos a dar os saltos e as opções para a vida, e também a compreender a própria vida.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

Liga-se o Ideal Pessoal e o Exame Particular tem maior abrangência... Temos que trabalhar para agir de acordo com o projeto que temos para a nossa vida. O Ideal Pessoal nos ajuda no auto-conhecimento e na auto-educação.

O Horário Espiritual é um meio que esclarece, no campo da inteligência emocional, o que somos. Sendo o Ideal Pessoal uma meta que nos transcende, ele ajuda no desenvolvimento pessoal que é a santidade de todos os dias.

O Horário Espiritual organiza a vida e o Exame Particular é o objetivo que quero atingir para chegar a realizar o Ideal Pessoal. É tudo de dentro para fora, com tempo, paciência e aplicação. Com os Meios Pedagógicos o Exame Particular desenvolve a atitude e dá que esta leve à mudança de comportamentos.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Comecei como jovem a formular o meu Ideal Pessoal Ele me dirige, é fonte inspiradora, para rever a minha vida desde a juventude e agora como mãe, mulher, esposa, profissional... Revejo as minhas atitudes e amplio o campo da consciência que podem ampliar as relações para que não fiquem muito restritas.

Nos retiros, reflito e percebo que o Ideal Pessoal transcende-nos, e nesta medida, cria uma outra amplitude a nível da consciência. Creio que cresci muito desde que trabalho com o Ideal Pessoal, ele atinge o meu interior e me fez desenvolver muitas áreas.

Despertou a minha intuição e desenvolveu potenciais que eu própria desconhecia. Assim nos descobrimos como somos na verdade. Além disto, formamos um sentimento de disciplina, pois, podemos controlar e assim, crescer.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Nos ajudam a criar hábitos com alguma disciplina que nós mesmos nos impomos, que nós escolhemos seguir e cumprir. Contém um grande desafio!

É um programa de conquistas para a vida. São componentes que ao interagirem formam uma dinâmica própria.

Sinto isto comigo mesma, com os outros, amigos, familiares e com Deus. É como uma jarra de várias faces que conduz a uma harmonia de vida, de unidade de vida!

Iniciais: ARSS

Idade: 56 anos

Profissão: Técnico Projectista
de Engenharia

F () M (x)

Estado Civil: Casado

Escolaridade: equivalência ao bacharelato em
engenharia

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

Sim. É efectivamente, a aspiração ao meu Ideal Pessoal, que me apela à consciência do quão débil ainda sou, embora me proponha sempre, um desafio permanente.

Tento estruturar/configurar o meu projecto de vida, no sentido de me tornar: melhor homem, marido, pai, avô, colega de trabalho, responsabilizando-me, naturalmente com os defeitos próprios da minha condição humana, para ser um exemplo na minha própria comunidade.

O meu Ideal revê-se, como uma meta diária e constante, procurando balizar ao mesmo tempo, a minha conduta perante o meu próximo e a minha comunidade. Em Cristo desejo ser uma Luz na minha missão de cristão autêntico.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

O Exame Particular e o Horário Espiritual e ainda o Propósito Particular. são as alavancas mais eficazes que qualquer cristão deve almejar no exercício da sua auto-educação.

Por vezes o cumprimento duma desejada e intensa regularidade, nem sempre atingível, provoca em mim um sentimento de falha, no entanto, estou convicto que estas ferramentas produzem um efeito regulador na minha atitude de cristão/católico no seio da minha vida em família, no trabalho e na comunidade como um todo.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Certamente que após uma longa caminhada no sentido da auto-educação com o objectivo primordial de alcançar o meu máximo, sinto-me hoje, significativamente mais responsável, procurando continuar em busca dos verdadeiros e mais nobres valores da moralidade e da espiritualidade.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriam novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Schoenstatt é um “caminho” com meios ascético-pedagógicos excelentes, passíveis de ajudar todos, inclusive os mais cépticos, porque educa pela liberdade, ensina a respeitar o próximo pelo amor, mas sobretudo a dignificar/educar o homem novo para uma nova comunidade.

Sou efectivamente feliz, porque buscando a felicidade do meu próximo, garanto igualmente a minha felicidade.

Amar como Jesus Amou!

Entregar-me como a Mãe de Deus disse o seu sim verdadeiro e autêntico sem reservas nem condições. Este é definitivamente o caminho e a verdade que quero para a minha vida inteira!....

Iniciais: MBPCS	F (x) M ()
Idade: 54 anos	Estado Civil: Casada
Profissão: Contabilista/Bancária	Escolaridade: Curso Comercial – equivalência 12º Ano

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

Sim. No início ajudou-me através do auto-conhecimento a discernir “o meu eu” para de seguida tentar estabelecer os ajustes considerados mais prementes no equilíbrio das minhas tendências, e finalmente objectivar e alcançar/traçar as metas de acordo com as características do meu Ideal Pessoal.

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

De facto o Horário Espiritual é um meio de auto-avaliação que me permite configurar uma linha de actuação com relação ao meu crescimento espiritual.

A minha ascese pessoal para com Deus é consumada com a ajuda do Horário Espiritual e Exame Particular.

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

Sem dúvida. O meu empenhamento na minha auto-educação, conduz-me a uma melhor relação comigo própria e isso revela-se igualmente na minha relação com Deus, nosso Pai, com os meus irmãos em Cristo e com a sociedade em geral na qual me encontro.

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?

Na medida em que me empenho em ser melhor mãe, esposa, avó, amiga, assim também as minhas relações e actividades, se reflectem nesse mesmo crescimento. Sou naturalmente mais feliz fazendo e contribuindo para a felicidade dos outros.

O empenhamento na busca do meu Ideal Pessoal e o crescimento diário da minha ascense, traduz-se naturalmente, na minha, e na alegria e felicidade de todos os que me rodeiam.

3.2 A análise psicológica das entrevistas

A organização de uma comunidade dá-se pela real estruturação do indivíduo e das relações com o meio em que vive, pois o ser humano é acima de tudo, um ser para o outro. O homem é um ser social e vive comunitariamente num ambiente que possui ritmo próprio de vida, organizado de forma original. Nele desempenha o seu papel como agente de transformação e de realização pessoal e social.

A comunidade como processo educativo visa educar para a realização pessoal, hierarquizando as necessidades de cada um. “Partindo-se da comunidade, busca-se atingir cada pessoa através do desenvolvimento de uma consciência crítica. A consequência será a mudança social. Esta tem origem e seu fim em cada um individualmente, visto que, a comunidade é o habitat natural das pessoas.” (Carneiro, 1987, p. 53). O trabalho educativo, sem dúvida, deve ser visto como um processo dialético, orgânico e aberto às diversas realidades.

Há uma realidade intrínseca nas relações, e não só, mas também na dinâmica que invade o ser pessoal de cada pessoa. Schoenstatt com os seus Meios Pedagógicos inseriu nesta perspectiva pessoal e social, o processo da auto-educação. É preciso crer, como se pode avaliar pelas entrevistas, que o indivíduo, consciente da sua posição no meio em que vive, pode ajudar a construir um mundo novo, a começar por construir-se a si mesmo. Assim relatou o jovem D, quando disse: “Se quero mudar o mundo devo começar por mim, preciso corrigir-me e trabalhar com o meu Ideal de vida. Sinto que marca para mim o ser serviço.” (p.136).

O entendimento de que é único, amado por Deus e de que tem uma missão a cumprir é algo de comum nas diversas entrevistas realizadas.

De uma forma muito concreta e direta, nas mais diferentes idades, as pessoas sentem o quanto o Ideal Pessoal as tem ajudado a conhecer o seu projeto e a realizar o que Deus deseja delas: “A descoberta do Ideal Pessoal fez-me descobrir a linha de orientação da minha vida. Chegar lá é chegar à vontade de Deus.” (relato de I. R., p.139). Igualmente referiu-se a isto M. M.(p.142), ao dizer: “O trabalho com a auto-educação ajudou-me a conhecer-me melhor, a crescer e a fazer o meu projeto de vida pessoal.(..) Não estou

preocupada em agradar ou não os outros, mas a realizar o que Deus quer de mim.”

A busca do Ideal Pessoal com o comprometimento com o mundo que os rodeia e as necessidades dos outros, reflete a interação que as pessoas sadias tem com o meio social em que vivem e sentem o quanto estas relações as motivam a crescer para além de si mesmas e influenciam mutuamente num processo de entendimento das diversas realidades.

Refere Lane (1984, p.50) a este assunto: “O homem produz sua própria existência, por tanto, produz a si mesmo, para tanto se relaciona com os outros, por tanto, produz e é produzido pelo outro. A dupla relação apontada entre organismo e meio se dá mediada pela dupla relação consigo mesmo.”

No relato da entrevista realizada com MBPCS, vê-se muito claro o entendimento deste organismo das relações onde a auto-educação desemboca diretamente na transformação da conduta:

“Na medida em que me empenho em ser melhor Mãe, Esposa, Avó, Amiga, assim também as minhas relações e actividades, se reflectem nesse mesmo crescimento. Sou naturalmente mais feliz fazendo e contribuindo para a felicidade dos outros. O empenhamento na busca do meu Ideal Pessoal e o crescimento diário da minha ascense, traduz-se naturalmente, na minha, e na alegria e felicidade de todos os que me rodeiam.” (p.155).

A felicidade para MBPCS transcende o seu eu, ela relata que é feliz na medida que colabora para a felicidade de outros, concordando com o pensamento de que a felicidade está diretamente ligada ao amor e à manifestação do amor.

“Amar ‘a lo humano’ consiste en una relación hondamente afectiva a personas, a cosas, a la natureza, el hogar y al trabajo. Este amor que es capaz de integrar la inteligencia, la voluntad y los afectos es la esencia de nuestra vida y de nuestra felicidad.” (Fontclara, 2006, p.9).

Para I., o Ideal Pessoal e o amor estão unidos: “É por amor que eu abracei o Ideal que Deus tem para mim e assim descobri a verdadeira alavanca na auto-educação: o amor! Tentamos melhorar para agradar a Deus e realizar tudo o que ele quer de nós. Quando se faz por amor tem-se maior eficácia.” (I., p.151).

I.R. considera que o Ideal Pessoal a ajudou no relacionamento que ela tem com Deus, com as pessoas, e também o vínculo que ela estabeleceu com o muito material e espiritual: “O desafio de Deus é maior, descobri que é isto que me fez encontrar a minha

profissão. No diário, vi que Deus está comigo. O meu Ideal Pessoal tem a ver com a educação na família, no mundo que me rodeia, nas relações, na harmonia dos vínculos com as coisas, com ideais, e com o trabalho.” (p. 139).

A felicidade é vista, nas diversas entrevistas, como a alegria em descobrir o mundo interior, a conquista do equilíbrio pessoal, e a harmonia e paz na vida social:

“Todos os Meios Pedagógicos nos ajudam a encontrar a felicidade, pois nos encontramos e aprendemos a equilibrar as coisas. Pouco a pouco nos organizamos na vida e assim nos tornamos melhores.” (L.C., p.144).

“Sou feliz! Cresci nas relações. Sou orgulhosa do que sou, com o que conquistei. Eu sei que correspondo ao Ideal Pessoal.” (A., p.149).

“Procuro viver como um ‘portadora de Cristo’ para que os outros vejam em mim algo novo, uma mulher nova. E assim posso servir melhor, dou de mim mesma e sinto-me feliz!” (M. p.150).

Para a conquista de um temperamento e de uma natureza ‘mais feliz’, de harmonia e de equilíbrio, cada uma das pessoas entrevistadas busca nos Meios Pedagógicos de Schoenstatt uma alavanca de sustentação para, como refere-se I., conquistar e manter a disciplina e a coerência de vida.

“Somos inconstantes e portanto, precisamos ser coerentes, equilibrados e firmes na nossa auto-educação. O Horário Espiritual e Exame Particular nos permitem persistência mesmo com dificuldades. Custam para cumprir, exigem de nós, mas são eficazes. Com o uso deles vamos, de ato a ato, criando atitudes que partem de dentro, com o objetivo de atingir o mais profundo de nós mesmos.” (p.151).

O que parece ser para os entrevistados, independente da idade, é que a prática dos Meios Pedagógicos é de escolha pessoal, é um sistema oferecido e livremente aceito por aquele que anseia crescer e conquistar-se a si mesmo, através no auto-controle.

“Eu já me perguntei sobre isto. Como jovem a liberdade é importante. Eu escolhi este caminho para chegar a maior santidade e encontro com Deus, por isto, preciso esforçar-me e aspirar. Sinto-me feliz, realizado, livre e tranquilo. Sinto-me outra pessoa desde que uso os Meios Pedagógicos, não posso me imaginar sem isto tudo. O que sou hoje não tem nada a ver

com o que fui a um tempo atrás. Sou outro. É na liberdade que somos felizes e eu me sinto a pessoa mais feliz do mundo, eu escolhi este caminho e não me arrependo.” (D., p.138).

“Schoenstatt é um ‘caminho’ com meios ascético-pedagógicos excelentes, passíveis de ajudar todos, inclusive os mais cépticos, porque educa pela liberdade, ensina a respeitar o próximo pelo amor, mas sobretudo a dignificar/educar o homem novo para uma nova comunidade. Sou efectivamente feliz, porque buscando a felicidade do meu próximo, garanto igualmente a minha felicidade.” (ARSS, p.154).

Este trabalho consciente, metódico e persistente na comprovada fidelidade, mesmo que, com dificuldades, como refere ARSS (p.154): “Por vezes o cumprimento duma desejada e intensa regularidade, nem sempre atingível, provoca em mim um sentimento de falha, no entanto, estou convicto que estas ferramentas produzem um efeito regulador na minha atitude de cristão/católico no seio da minha vida em família, no trabalho e na comunidade como um todo.”

Ou ainda, como diz L. C. (p.144): “Me ajuda a crescer nas relações, na vida do dia a dia. Nem sempre sou tão forte, recomeço e volto ao caminho. Caio e levanto novamente. Não é tão fácil.”

Nesta caminhada de auto-educação é necessário motivação constante, auto-disciplina e força de vontade, é assim como diz M.(149): “Às vezes o cansaço nos consome, mas com boa vontade e dando-nos a nós mesmos conseguimos ultrapassar barreiras.”

A prática dos Meios Pedagógicos tem a sua importância na formação da nossa personalidade, confere segurança, autonomia, espírito de luta e conquista, sentimento de mais valia e de realização pessoal. A jovem, M. M. de 25 anos, considera o Sistema Pedagógico como um meio concreto e fidedigno para a descoberta e a conquista dos seus planos e projetos. É na verdade o que a pedagogia de Schoenstatt procura dar como orientação no sentido do trabalho pedagógico que cada um toma em suas próprias mãos:

“O trabalho com a auto-educação ajudou-me a conhecer-me melhor, a crescer e a fazer o meu projeto de vida pessoal. Estou aos poucos desvendando o mistério deste projeto que acalento no meu interior. Sinto que ele me ilumina e me ajuda a ser o que sou. Consigo aceitar melhor a minha maneira de ser e a

trabalhar em mim mesma. Não estou preocupada em agradar ou não os outros, mas a realizar o que Deus quer de mim.” (p.142).

Na conquista do homem novo, auto-educado e atuante na vida social, o indivíduo luta consigo mesmo para desvendar os mistérios escondidos no seu interior e busca formas concretas através do Exame Particular e Propósito Particular. para educar suas falhas e pequenos ou grandes defeitos de caráter.

A assistente social, P., analisou a sua própria trajetória e relatou sobre a importância do trabalho concreto com a auto-educação e com os Meios Pedagógicos a que nos referimos na entrevista:

“Temos que trabalhar para agir de acordo com o projeto que temos para a nossa vida. O Ideal Pessoal nos ajuda no auto-conhecimento e na auto-educação.

O Horário Espiritual é um meio que esclarece, no campo da inteligência emocional, o que somos. Sendo o Ideal Pessoal uma meta que nos transcende, ele

ajuda no desenvolvimento pessoal que é a santidade de todos os dias. O Horário Espiritual organiza a vida e o Exame Particular. é o objetivo que quero atingir para chegar a realizar o Ideal Pessoal. É tudo de dentro para fora, com tempo, paciência e aplicação. Com os Meios Pedagógicos, o Exame Particular desenvolve a atitude e dá que esta leve à mudança de comportamentos.” (P., p.162).

As diversas emoções, sob as quais o ser humano está constantemente exposto, às vezes positivas, mas também muitas vezes negativas, interferem constantemente nas atitudes, na vontade e na própria razão. Sujeitos às mais diversas interferências no dia a dia, as pessoas são abaladas por diversas sensações diferentes que podem ou não abalar o equilíbrio da própria razão. Por isto, o conhecimento pessoal para atingir uma personalidade mais tranquila e equilibrada é uma das metas mais importantes para quem deseja a felicidade e uma vida de convívios sadios. O controle pessoal ajuda a verificar até que ponto e onde se conseguiu alcançar uma certa estabilidade emocional para um melhor relacionamento humano.

A jovem M. M. considera o auto-controle uma mais valia para a sua disciplina pessoal: “Olho o controle todos os dias e vejo onde faltei e onde posso melhorar. O fato de

ter de ‘prestar contas’ me alerta para que eu veja os pontos de luz e de sombras em mim mesma. Por exemplo, fazer ordem no meu quarto, sou desorganizada e isto exige disciplina, o que não tenho!” (p.142).

Há uma tendência em muitas pessoas de viver como se o mundo girasse em torno de si mesmas. Vivendo comodamente a sua própria realidade, vivem na periferia do seu próprio ser, e deixam de lado o confronto e a avaliação das verdades e realidades mundiais. É como se pusessem todos os dias uma outra máscara, e assim, encobrem seus próprios traumas, sentimentos, reações, saberes, por fim encobrem o que há de mais belo em si mesmos, o seu Eu pessoal. No convívio social percebe-se que os que vivem assim são os que também não conhecem-se a si mesmos.

O homem é um eterno desconhecido para si mesmo. Envolve-se com muitas camadas interiores que empanam a autenticidade de sua personalidade e ofuscam a coerência de vida.

ARSS acredita que a constância na auto-educação ajuda a crescer neste processo de conquista pessoal porque cada um faz a si mesmo as exigências e as e o balanço na fidelidade, no cumprimento ou não do que se propôs.

“Certamente que após uma longa caminhada no sentido da auto-educação com o objectivo primordial de alcançar o meu máximo, sinto-me hoje, significativamente mais responsável, procurando continuar em busca dos verdadeiros e mais nobres valores da moralidade e da espiritualidade.” (p.154).

Para I.R. o desafio está em enfrentar o novo que faz desacomodar e trabalhar na mudança, o que exige, sempre uma vontade firme e ousada para buscar a novidade e trabalhar na transformação pessoal: “Muitos tem medo do compromisso, medo de querer mudar, medo do novo. É um desafio que ousei agarrar com ambas as mãos. Quero mudar e vou mudar!” (p.140).

É importante saber quem *se é* e o que *se quer* para viver sintonizado com o que *se sente*, pois, os nossos “afectos juegan un rol muy central en nuestra vida. De ellos dependen en gran parte la armonía, la pazy la alegría de vivir. Si maduran y son legiado para lograr tallar personalidades plenas, armónicas e felices.” (Fontclara, 2006, p.9).

O sentimento de si mesmo, isto é, conhecer suas emoções leva a reconhecer as tendências, preferências, dificuldades e possibilidades do próprio ser. Disse P., em entrevista, que acredita no potencial do Ideal Pessoal justamente porque através dele é possível ‘desvendar o próprio interior’:

“Creio que cresci muito desde que trabalho com o Ideal Pessoal ele atinge o meu interior e me fez desenvolver muitas áreas. Despertou a minha intuição e desenvolveu potenciais que eu própria desconhecia. Assim nos descobrimos como somos na verdade. Além disto, formamos um sentimento de disciplina, pois, podemos controlar e assim, crescer.” (p.152).

Quanto mais a pessoa conhece o seu mundo interior, o microcosmo, tanto melhor será o ajustamento da sua personalidade e menor será o uso de ‘máscaras’ para esconder, de si mesmo, o seu Eu. Saber usufruir do potencial interior é essencial para a espontaneidade, autenticidade e normalidade das relações. Estas, por sua vez, resultam na elaboração das dificuldades, na saciedade das necessidades e na satisfação pessoal.

É importante o que diz P. na resposta à pergunta a respeito da importância do Ideal Pessoal para o auto-conhecimento: “Sem dúvidas que o Ideal Pessoal permite-nos o aprofundamento do conhecimento e do auto-controlo. O Ideal Pessoal dirige-se ao ser da pessoa, não só da psique, mas toda a pessoa, de tal forma que nos entusiasma durante toda a vida.” (p.152).

Ao aprender a descobrir o seu Eu, o ser humano cresce e desenvolve melhores relações, aprende a ajustar-se às mais diversas situações, a adaptar-se às exigências de sua própria natureza e do meio em que vive.

Além disto, eles também ajudam a ultrapassar as barreiras do Eu e conquistar as virtudes que se almeja alcançar. Diz assim M. L.: “Sim, o Exame Particular e Horário Espiritual são os instrumentos que nos ajudam a crescer no auto-controlo. Através deles trabalho as virtudes que quero alcançar e os defeitos que desejo ultrapassar.” (p.144).

O ser humano, como vive em comunidade, precisa conquistar não só o equilíbrio das virtudes, mas também, adaptar-se às mais diversas situações na vida. Tal processo não é alienante e nem o deve ser. Estes processos são tão mais simples conforme a simplicidade e tranquilidade da própria pessoa. Sua adaptação às formas de vida devem ser de forma livre, coerente com o seu pensar e querer, com o estilo de vida, de modo inteligente e seguro.

Como refere F. respondendo à pergunta em relação ao seu crescimento pessoal e social: “(...)A auto-educação marca a diferença pelo tipo de vida que temos. Confiamos os filhos a Maria, os educamos para a responsabilidade, num clima de confiança, de alegria e união. Burilamos a nossa personalidade, a nossa relação como casal.” (p.146).

Uma vida social sadia e harmoniosa só é possível se houver vivência de segurança, serenidade, capacitada de responder aos estímulos da vida, num contato sempre mais realista com o mundo e com os homens. A experiência pessoal de H., neste contexto, é de que “o Ideal Pessoal tem sido uma ajuda, como um seguro para organizar a vida pessoal e comunitária. Temos um caminho a percorrer e sabemos o que fazer e o que queremos, precisa somente força de vontade e coragem para fazer o que Deus quer de nós.” (p.146).

Os conflitos que mascaram as relações tranqüilas e harmoniosas nem sempre são fáceis de vencer, é preciso paciência consigo e com os demais.

É o que relatou uma das pessoas entrevistadas:

“Sinto muita diferença! Antes de iniciar com o Horário Espiritual eu era diferente, eu não me conhecia, e não conhecia os outros e também não me esforçava para isto. Se me compreendo, começo a compreender os outros e, passo a perdoar. A compreensão leva ao perdão. Não crio mais clima de tensão, pois tenho paciência com os outros. Sinto-me mais calma, mais tranqüila e controlo melhor as minhas emoções.” (M. I., p.141).

Para poder eliminar estas reações negativas em relação aos outros é preciso amar, compreender, ser honesto, empatizar, ser responsável, guiar-se por valores, manifestar amabilidade, coerência. Uma das entrevistadas relata que a auto-educação a ajudou a chegar neste patamar, não sem sacrifícios e também falhas no caminho que escolheu percorrer:

“As minhas opções, os meus valores, as minhas atitudes, tudo é mais verdadeiro e concreto. Meu caminho é ir à busca, é encontrar a santidade. Ajo conforme com o que acredito e sinto que cresci muito, eu não atuo mais por instintos, mas reflito o que creio ser o certo e faço de acordo. (...) O Propósito Particular. faz com que eu me transforme aos poucos. O que sou hoje não tem comparação com o que eu era. Na postura, na vida diária, na disciplina... Há dois anos eu pratico e sinto que é uma luta diária, mas vê-se resultados a curto prazo.” (I. R., p.139).

O Ideal Pessoal é o leme que conduz a barca da vida para a concretização e realização pessoal. “Queremos convertirlo en la motivación principal e constante, en la estrella que ilumine nuestro camino, en nuestro criterio de decisión e de acción.” (Fernandéz, 1984, p.113). Isto realmente é concretizado na vida de algumas pessoas que sentem o Ideal Pessoal como esta estrela a conduzir suas vidas, como um bálsamo a aliviar o ritmo alucinante do dia a dia, como uma resposta concreta aos seus anseios e desejos.

“Tudo o que sou e faço anda em torno do Ideal Pessoal Ao descobrir o Ideal Pessoal entrei na realidade concreta que ajuda-me a conhecer-me melhor e tanto quanto ia conhecendo-me e aceitando os desafios relacionados com o meu Ideal Pessoal, fui descobrindo que ele é a pauta pela qual me oriento para ir cumprindo a minha missão de mulher nos espaços em que me encontro. Quando conheci Schoenstatt é que entendi o projeto que Deus tinha para mim e deveria encontrar a forma certa para realizá-lo como mulher na sociedade, na família, como estudante, profissional, colega...

O Ideal Pessoal tornou-se o fio condutor, a estrela em que me apoio para me compreender e conhecer e pelo qual oriento os meus projetos de vida. Vou moldando-me gradualmente, cresço como pessoa porque nada está feito, é um processo para toda a vida e com um estilo de vida muito pessoal.” (A., p.147).

Para I. o Ideal Pessoal é algo fascinante, foi através dele que pode reconhecer *quem é* e o que *tem de missão* a realizar:

“O Ideal Pessoal fez-me entrar em mim mesma, conhecer o Eu mais profundo. Já faz 32 anos que iniciei o processo de minha auto-educação. No início fiz uma formulação do IDEAL PESSOAL e depois, ao longo de 1 ano eu o aprofundei. Senti que devia aprofundar e hoje sinto que é o mais fascinante que há em Schoenstatt. Consegui descobrir quem sou e pude ajudar outros também no conhecimento de si e da missão que Deus lhes confia. É o que dá sentido à vida diária, saber o que Deus deseja de nós. O Ideal Pessoal orienta a vida, as opções, as atitudes. Pelo Ideal Pessoal aprendemos a nos relacionar com Deus e com os outros. Ao avaliarmos o dia podemos verificar

se e até quanto vivemos conforme com o Ideal Pessoal e o quanto isto toca efetivamente o nosso interior.” (I., p.150).

O Sistema Pedagógico de Schoenstatt com a sua estrutura concreta de educação também ajuda as pessoas a desenvolverem de forma harmoniosa a sua tarefa e missão familiar, profissional e educativa: “Sinto-me feliz, realizado, tranquilo no que sou e faço. Sinto-me realizado como pessoa, como esposo, como pai, como amigo, apesar das falhas que tenho, sei que sou aceito e aceito-me assim.” (H., p.147).

A educação social reporta-nos ao contexto da realidade pessoal de cada um que, independente de qualquer que seja a realidade, é portador de reflexões e contextos sempre novos. A comunidade, vida de relações é dinâmica, é um constante ‘vir a ser’. Nela, cada um descobre e analisa valores e atitudes que podem ou não configurar a vida. Neste contexto sempre novo, mas antigo, o mundo em que vivemos, descobre-se, que a vida das pessoas e comunidades, suas fantasias e anseios, seus sonhos e aspirações é o que os move para uma forma pessoal de vida.

“Penetrar nesta realidade é, pois, o principal desafio do profissional, com um proposta de mudança social, identificar e trabalhar as contradições entre a realidade vivida e a realidade percebida.” (Oliveira, 1985, cit por Brandão 1985, p.30).

Para atuar como agente transformador do meio social em que vive, o indivíduo precisa reconhecer sua própria originalidade para aí, então, compreendendo o atuar do outro ser capaz de auxiliar como mediador de mudanças. É o que refere M. L. ao dizer que “O estudo de mim própria e a vontade de fazer melhor abriram portas para compreender a aceitar os outros na sua diferença e originalidade. Sinto-me feliz com o que já conquistei e sei que tenho muito para crescer ainda.” (p.145).

A educação é dinâmica, cíclica, transformadora e enriquecedora. Ela deve despertar para o saber e conduzir a um maior crescimento do Eu pessoal e comunitário.

“A finalidade de qualquer ação educativa deve ser a produção de novos conhecimentos que aumentem a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora (...)” (Brandão, 1985, p. 20).

Crer que isto é educação, é acreditar que o homem constrói o seu Eu se souber educar a si mesmo pela força transformadora que possui em si e pela graça que atua na sua vida.

Conclusão

Ao concluir este trabalho científico, entre procuras e buscas, entre acertos e erros, entre êxitos e fracassos... aspectos estes que fazem parte de uma experiência profunda no aprendizado de novas competências, pode-se dizer que ser pessoa significa viver como pessoa. Ser pessoa significa saber gerir a vida, saber planificar o futuro com as experiências do passado e as riquezas vividas no hoje da vida. É tão simples como diz González (2002, p. 99): “E ser pessoa, viver como pessoa, é algo simples... Nada mais.”

Esta dissertação faz parte de um sonho há muito desejado, de poder apresentar ao mundo acadêmico a pedagogia do Pe. José Kentenich, Pai espiritual e Fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt. Foi dentro deste âmbito que, entre outros, quisemos focar a ‘imagem do homem novo’, sua importância como resposta às problemáticas centrais que envolvem a família e a sociedade atual.

A reflexão realizada no decorrer deste estudo procurou contribuir para que se pudesse responder com uma proposta concreta às inquietações da Educação no âmbito social.

O Sistema Pedagógico de Schoenstatt dá nova dimensão à pedagogia tradicional apresentando uma proposta que vai ao encontro da ordem objetiva do ser humano.

Schoenstatt, conforme o pensar do P. José Kentenich, é uma pedagogia. “O pedagógico não é mais um capítulo dentro de um conjunto de capítulos, mas constitui a própria essência do Movimento Apostólico de Schoenstatt, definido pelo seu fundador, como um ‘Movimento de Educação e de Educadores.’” (Strada & Pontes, 1998, p.17). Assim refere João Paulo II (2000, p. 22, nº 15), ao dizer: “O nosso tempo é vivido em contínuo movimento que muitas vezes chega à agitação, caindo-se facilmente no risco de ‘fazer por fazer’. Há que resistir a esta tentação, procurando o ‘ser’ acima do ‘fazer’”.

Só se chega a ser, se anteriormente houve uma busca no sentido do conhecer-se e, conhecer-se, significa descobrir-se, reconhecer qualidades, defeitos, vivências, formas de agir.... Diz Ferreira (2007, p.92): “A constante luta que os diferentes eus travam entre si pode gerar tensões e conflitos nem sempre fáceis de gerir.”

Nesta busca por educar-se a si mesmo como o homem novo, é imprescindível a construção pessoal, a descoberta do seu projecto de vida, dar sentido pessoal de existência,

de construção de um caminho individual e único que marca o rumo e a direção de cada indivíduo. “Só um conhecimento real de si possibilita uma construção sólida, profunda e florescente.” Chiappin (1995, p.19).

Este é o verdadeiro sentido do que quisemos apresentar nesta dissertação ao fazermos a pergunta de partida:

É possível construir a própria personalidade por meio da auto-educação?

Acreditamos que sim!

Consideramos como fundamental o que o Pe. Kentenich apresentou como meta aos seus jovens colaboradores: a auto-educação. Ela, ao ser posta em prática na vida diária, é um ponto de direção para a descoberta e a compreensão do projeto de Deus, do Ideal Pessoal e para a realização do sonho que cada um tem para a sua vida. Não há auto-educação sem o desenvolvimento de potencialidades, de embelezamento interior e de enriquecimento das capacidades pessoais.

Carmona (2005) diz que o que dá sentido ao nosso ser e agir é o nosso projecto de vida. A sua ausência significa improvisar, andar sem rumo. Na perspectiva temporal, o homem é aquele ser onde o presente está envolvido de futuro e o passado já foi "digerido" e integrado. A saúde psíquica do indivíduo é-lhe dada também pela sua missão de vida, por aquilo que é e que constrói. É o que diz Moreno (2005, p.42): “Viver é construir um caminho novo, percorrer uma estrada que ninguém poderá percorrer por mim, oferecer ao mundo a minha própria criatividade, o meu projeto de futuro.”

Abordamos também, neste trabalho, a realidade em que o homem está inserido, a pressão da vida social e a resposta, nem sempre fácil, que lhe compete, e só a ele mesmo, responder. A comunicação social determina pensamentos, expectativas e comportamentos. Não deveria ser assim, pois “um projecto de vida tem valor e sentido se for sustentado por uma visão unitária, por uma adesão – amor – a uma escala de valores e uma política ou prática de acção coerentes.” (Massa, 1997, p.29). A realização pessoal verdadeira é possível quando a pessoa mesma fizer as suas opções na vida.

Apresentamos no decorrer do trabalho o modelo do genuíno homem novo formado à imagem de Cristo que vive segundo um estilo próprio de vida. Por este estilo, configura o seu dia a dia, preenchendo o interior pessoal com valores verdadeiros, conscientes, para que estes encaminhem para a plenitude. Esta missão de vida não vem pré-determinada, mas conquista-se pela coerência com os anseios mais profundos. “Conhecer a missão de vida é, pois, a tarefa mais importante. Tê-la sempre presente e trabalhá-la dá luz, riqueza e força. É uma fonte donde sempre brota vida. É a alegria e a

esperança. É o amor a si mesmo no melhor sentido da palavra. E, por isso, o pressuposto para amar os outros como pessoas.” (Carmona, 2003, p.3). Esta, na verdade, é a imagem do homem novo que assume a tarefa de construir-se como personalidade livre e harmoniosa. Se, ao contrário, as circunstâncias são negativas, a força da liberdade está chamada a influir nelas.

O homem é original, tem anseios, dúvidas, sonhos e inquietações originais! É evidente que as pessoas influenciam outras pessoas, isto é, programam-se comportamentos, hábitos e atitudes mais ou menos comuns. Mas é igualmente certo que cada pessoa guarda no seu interior desejos, sonhos originais, paixões, expectativas e necessidades próprias. Este conhecimento pessoal repercute na relação com as outras pessoas, com as coisas, com o mundo que os cerca.

Ninguém se encontra a si mesmo, senão no espelho que é o outro; pois, é por imitação que se alcança a aprendizagem. Neste sentido, é que vemos também as relações humanas afetivas, elas ajudam a vencer muitas das dificuldades e angústias da época e do stress de hoje. A percepção do outro faz a pessoa perceber-se a si mesma e configurar a própria personalidade. Para alcançar a auto-realização: o ser humano necessita do diálogo, de mergulhar sua vida no mundo, de comungar sentimentos e ideais. É isto que realiza, que traz paz e felicidade. Erich Fromm no seu entendimento dinâmico da vida e das relações diz que (s/d, cit por González 2001, p. 93):

“São estas as disposições que, não obstante a precariedade de vida humana, levam à felicidade:

Amar e respeitar a vida em todas as suas manifestações, sabendo o que é sagrado não são as coisas nem o poder, mas a própria vida e tudo o que contribui para o seu desenvolvimento.

Estar plenamente presente onde se esteja.

Sentir a alegria que provoca dar e partilhar, em vez de acumular e explorar.

Viver sem adorar ídolos e sem enganar.

Fazer do pleno desenvolvimento de si mesmo e do próximo o objeto supremo de viver.

Desenvolver imaginação, não para escapar das circunstâncias intoleráveis, mas para antecipar as possibilidades reais, como meio para suprimir as circunstâncias intoleráveis.

Renunciar a todas as formas de ter para poder ser mais plenamente.

Ser feliz no processo de viver todos os dias mais e melhor, sem se importar com o avanço já realizado, porque viver em pleno dá uma satisfação tal que é difícil preocupar-se com o que cada um consegue ou deixa de conseguir.”

Na análise que fomos fazendo, ao comparar a fundamentação teórica patente nos três primeiros capítulos, com a história de vida de João Pozzobon, foi-nos possível ter um entendimento mais rico e profundo da Pedagogia do Pe. Kentenich. Ela foi posta em prática na vivência do Ideal Pessoal e na prática dos Meios Pedagógicos.

A grandeza disto tudo é que, tanto na história de vida como nas entrevistas, pudemos verificar que há vontade de crescimento e de auto-controlo, mas que isto toma uma nova perspectiva na vida diária pela ascese praticada. É neste sentido que vemos os pressupostos um e dois (*Pressuposto 1 - Através da auto-educação é possível a descoberta e compreensão do próprio mundo interior. Esta descoberta do Eu pessoal revela também aspirações, procuras, inquietações e esperanças. Pressuposto 2 -Auto-educar-se é desenvolver as próprias potencialidades. O homem é um ser em potência. Estas potencialidades requerem e esperam o uso da capacidade de auto-construção*), apresentados como uma realidade possível de ser vivida. Conscientes deste potencial, as pessoas entrevistadas acreditaram na mudança e foram capazes de ousar o novo.

A vida é um constante caminhar ao encontro da felicidade. É neste caminho que passo a passo, se encontram novos talentos; reconhecendo tendências, retomando as fraquezas e penetrando no próprio eu, a pessoa cresce e descobre-se para além de si mesma, pois aprende a transpôr fronteiras do seu Eu.

González (2001, p. 92), refere-se a este anseio profundo de felicidade como o “objeto máximo da nossa conduta. Para ser feliz é imprescindível que a vida tenha um Ideal e seja coerente. É também importante que guarde no seu interior uma série de elementos que se relacionem entre si, lutando para que não se produzam incoerências, ‘trabalhando’ para a formação unitária, em que as ações concordem com as idéias.”

Foi por isto que fizemos a reflexão desta busca incessante de felicidade para assim poder identificar como aqueles que buscam a auto-educação conseguem encontrar-se consigo mesmos e descobrem o caminho da sua felicidade.

Na concretização do trabalho teórico pudemos alcançar os objetivos a que nos propusemos tanto no sentido de dar a conhecer a proposta pedagógica de Schoenstatt, quanto à sua atualidade como o valor e a resposta que poderá ser a ‘imagem do homem

novo’ para a época atual. Assim, foi-nos possível alcançar o nosso objetivo, pois desejávamos dar a conhecer e mostrar a atualidade do método referido. (*Propor a atualidade da proposta pedagógica de Schoenstatt e da ‘imagem do novo homem’ para o tempo atual.*)

Dedicamos um capítulo ao auto-conhecimento e à auto-educação e, desta forma, alcançamos o que nos propomos no segundo objetivo deste trabalho: *Dar a conhecer os métodos e objectivos do Movimento de Schoenstatt no que se refere a auto-educação, a fim de tomar consciência da necessidade de construir um novo estilo de vida, no meio de uma cultura que não promove uma verdadeira humanização do homem.*

Referimo-nos, neste trabalho ao projeto de vida, ao Ideal e aos meios práticos que o Pe. Kentenich oferece no método por ele criado, para assim ajudar as pessoas a alcançarem, desta forma, a felicidade desejada. Foi neste sentido que refletimos sobre o ser humano integral, orgânico, harmonioso e indicamos caminhos práticos para a formação da pessoa. Sentimos ter cumprido com o objetivo a que nos propusemos de: *Refletir e aprofundar os conhecimentos a cerca do ser humano, o auto-conhecimento e a auto-educação, segundo a Pedagogia de Schoenstatt, para maior capacitação e aplicação no trabalho com as pessoas e os grupos.*

Certamente que não esgotamos a riqueza destes conhecimentos e sua aplicação prática. Como dissemos no princípio do trabalho, a reflexão visava dar a conhecer um novo método pedagógico apresentando as dificuldades atuais e propondo um estilo original e convicto de vida para a educação do homem novo.

É nesta perspectiva pedagógica que o Sistema Pedagógico de Schoenstatt se insere tendo, como princípio, a unificação da teoria e da prática num amplo sistema de educação.

Encerramos as nossas reflexões com a frase do Pe. Kentenich que nos estimulou no decorrer deste estudo:

“Se o conhecimento não se transformar em amor, se o amor não se transformar em vida, permaneceremos eternamente caricaturas.” (Kentenich, 1966, cit. por Schlickmann, 2008, p. 209).

Bibliografia

- Agustín, S. (2002). *Psicologia General*. 2ª ed. Madrid: Instituto Superior de Ciências Religiosas à Distância.
- Alcântara, J. A. (1991). *Como educar a auto-estima. Métodos, estratégia, actividades, directrizes adequadas. Programação de planos de actuação*. Lisboa: Plátano Edições.
- Alsteens, A. (1981). *Diálogo e sexualidade*. 2ª ed. Lisboa: Edições Paulistas.
- Ausubel, D.(1978). *Psicologia educacional*. Lisboa: Interamericana.
- Baptista, I. (1998). *Ética e educação*. Porto: Universidade Portucalense.
- Bender, M. (1978). *Psicologia da comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bento XVI. (2007a). *Jesus de Nazaré*. Lisboa: A Esfera dos livros.
- Bento XVI. (2007b). *A pessoa humana, coração da paz* Mensagem de Sua Santidade Bento XVI para a celebração do dia mundial da paz. Disponível em www.vatican.va/.../benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_benxvi_mes_20061208_xl-world-day-peace_po.html. [consultado em 18.03.2008].
- Bento XVI. (2008). *A tarefa urgente da educação - Carta do Papa Bento XVI para o Encontro de Educadores*. Disponível em www.opusdei.pt/art.php.opusdei.culturivo da fé. [consultado em 18.03.2008].
- Bíblia Sagrada. (1998). Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica.
- Bleger, J. (1988). *Psicohigiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Blin, C. (2004). *Conheça-se a si próprio*. Men-Martins:Vida Editores.
- Bolinches, A. (1995). *A felicidade pessoal*. Braga: Edições Temas da Actualidade, S.A.
- Bonfante, L. (1998). *A educação ainda pode ajudar-nos a encontrar Deus?* Santa Maria: Centro Mariano.
- Bonfante, L. & Dotto. (2006). *Schoenstatt, nossa missão*. Santa Maria: Gráfica Pallotti.
- Brandão, C. R. (1985). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense.
- Briggs, D. C. (2002). *A auto-estima do seu filho*. S. Paulo: Martins Fontes Editora.
- Calil, V. L. (1990). *Terapia familiar e de casal*. São Paulo: Summus editorial.
- Carmona, G. (2005). *O meu projecto de vida - Teoria e aplicação do Ideal Pessoal*. Lisboa: Editora Patris.

- Carneiro, M. A. (1978). *Educação comunitária, faces e formas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Catret, A. (2001). *Emocionalmente inteligentes*, Madrid: Ediciones Palabra. S.A.
- Cesca, O. (1978). *Herói de duas espadas*. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Pallotti.
- Charbonneau, P. E. (1979). *Educação sexual*. São Paulo: E.P.U.
- _____ (1984). *Valores. Que valores?*. São Paulo: Almed Editora.
- Chiappin, A. (1979). *Formação da Personalidade*. POA: Edições PUC.
- Comissão para a igualdade e para os direitos das mulheres. (2004). *A igualdade de género em Portugal*. Lisboa: Corlito - Artes Gráficas.
- Conferência Episcopal Portuguesa. (2004). *A família, esperança da Igreja e do mundo*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado.
- Conferência Episcopal Portuguesa. (2002). *Educação Direito e deveres – missão nobre ao serviço de todos*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado.
- Conselho Pontifício para a Família. (2000). *Família, matrimônio e ‘uniões de fato’*. São Paulo: Paulinas.
- Cury, A. (2007). *Maria, a maior educadora da História*. Lisboa: Livros d’Hoje.
- Damáσιο, A. (2001). *O sentimento de si*. 12ª ed. Mira-Sintra: Publicações Europa-América.
- Dotto, F. E. (1994). *A educação do amor humano na perspectiva do P. Kentenich*. Santa Maria: Centro Mariano.
- Duclos, G. (2006). *A auto-estima um passaporte para a vida*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Engelhardt, L. (2000). *Descobre-te a ti mesmo*. 2ª ed. Lisboa: Paulinas.
- Escada, A. (2003). *Auto-Estima do “Formador”*. Porto: Editora Raridade.
- Estanqueiro, A. (2007). *Saber lidar com as pessoas – princípio da comunicação interpessoal*. Lisboa: Edições Presença.
- Fedeli, M. (1997). *Temperamento, caráter e personalidade*. São Paulo: Paulus.
- Fernández, J. (1992). *A estabilidade psicológica*. Santa Maria: Centro Mariano.
- _____ (1993). *Educação para a liberdade*. Santa Maria: Centro Mariano.
- _____ (1994). *Dimensão Psicológica da Educação*. Santa Maria: Centro Mariano.
- Fernandéz, J. (2008). *Entrevista – Amanhã pode ser tarde*. Disponível em www.avemaria.com.br. [consultado em 18.03.2008].
- Fernández, R. (1977a). *O grupo, uma comunidade de autoformação*. São Paulo: Irmãs de Maria de Schoenstatt.
- _____ (1977b.) *Instrumentos livres nas mãos de Deus*. Lisboa: Editorial Patris.

- _____ (1980a). *A auto-formação*. São Paulo: Irmãs de Maria de Schoenstatt.
- _____ (1980b). *A dimensão mariana de Schoenstatt*. São Paulo: Irmãs de Maria de Schoenstatt.
- _____ (1984). *En busque de la própria identidade*. Buenos Aires: Editorial Patris.
- _____ (1986a). *A auto-educação*. São Paulo: Irmãs de Maria de Schoenstatt.
- _____ (1986b). *O homem novo, um homem comunitário*. São Paulo: Irmãs de Maria de Schoenstatt.
- _____ (1990). *Manual do dirigente*. Aveiro: Irmãs de Maria de Schoenstatt.
- _____ (2002). *Desafios do nosso tempo*. Lisboa: Editora Patris.
- _____ (2003). *Vivendo em Aliança*. São Paulo: Editora Patris.
- _____ (2005a). *Descobri a minha personalidade? Teoria e prática do Ideal Pessoal*. Lisboa: Editora Patris.
- _____ (2005b). *Sim, Pai*. Santa Maria: Gráfica Pallotti.
- Fernández, R. & Infante, M. A. (1994). *Nuestro estilo de vida*. Santiago: Editorial Patris.
- Ferreira, P. da T. (2007). *Guia do animador na formação de adultos*. 13.^a ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da autonomia*. 34.^a ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Fontclara, A. C. (2006). *Madurez afectiva – la historia de tua vida es la historia de tu amor*. Córdoba: Editorial Patris.
- Girado, M. (1978). *Psicologia Institucional*. São Paulo: EPU.
- Girardi, L. J. & Quadros. (1980). *Filosofia*. Porto Alegre: Vozes.
- Giussani, L. (1998). *Educar é um risco*. Lisboa: Diel.
- Goleman, D. (2003). *Inteligência Emocional*. Lisboa: Editora Temas e Debates.
- González, S. R. (2001). *Crescer como pessoa*. 2.^a ed. São Paulo: Paulus.
- Henriques, M. G. S. (1995). *Ser mulher: aqui e agora!* Roma: Pontifício Conselho para os leigos.
- Hérbert, M. L. & Goyette, G., Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Irmãs de Maria de Schoenstatt, (1984). *Linhas Fundamentais de uma pedagogia moderna*. Santa Maria: Pallotti.
- _____ (1998). *O Ideal Pessoal, retirado da ascese orgânica*. Santa Maria: Centro Mariano.
- _____ (2003). *Nasci para algo de grande*. Santa Maria: Centro Mariano.

- _____ (2006). *Manual da Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt*. Gafanha da Nazaré: Centro Tabor.
- Isquierdo, A. (1999). *As áreas vitais da personalidade*. São Paulo: Paulus.
- João Paulo II. (1981). *Exortação Apostólica Familiares Consortio*. Águeda: Secretariado Geral do Episcopado.
- _____ (1987). *Carta Encíclica Redemptoris Mater*. Lisboa: Edições Paulinas.
- _____ (1988). *Carta Apostólica Mulieris Dignitatem*. Lisboa: Edições Paulinas.
- _____ (1991). *Centesimus Annus*. Lisboa: Editora Rei dos Livros.
- _____ (1993). *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- _____ (1994). *Carta às famílias*. Braga: Editorial A. O.
- _____ (1995). *Carta às mulheres*. Viseu: Rei dos Livros.
- _____ (2001). *Carta Apostólica Novo millennio ineunte*. 3ª ed. Lisboa: Paulinas.
- Kentenich, J. (1984). *Linhas fundamentais de uma pedagogia moderna*. Santa Maria: Pallotti.
- _____ (1988). *O Mistério de Schoenstatt*. Santa Maria: Centro Mariano.
- _____ (1990). *Maria, Mãe e Educadora*. Santa Maria: Pallotti.
- _____ (1992). *A imagem cristã do homem*. Londrina: Grafmark.
- _____ (1997). *Minha filosofia da educação*. Santa Maria: Irmãs de Maria de Schoenstatt.
- _____ (1995a). *Ser filho diante de Deus I*. Santa Maria: Pallotti.
- _____ (1995b). *Ser filho diante de Deus II*. Santa Maria: Pallotti.
- _____ (1996). *Desafio social*. Chile: Editorial Schoenstatt.
- _____ (1998a). *Viver com alegria I*. Santa Maria: Pallotti.
- _____ (1998b). *Viver com alegria II*. Santa Maria: Pallotti.
- _____ (1999). *Que se faça o novo homem*. Santa Maria: Pallotti.
- _____ (2001). *Com Maria ao novo milénio*. Santa Maria: Gráfica Pallotti.
- Kentenich, J. & Nailis, M. A. (1990). *Santidade de todos os dias*. Santa Maria: Pallotti.
- LaHaye, T. (2007). *Temperamento controlado pelo Espírito*. 27ª ed. São Paulo: Loyola.
- Lane, S. (1982). *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Leyens, J-P. & Yzerbyt, V. (2004). *Psicologia Social*. Lisboa: Edições 70.
- Lourenço, I. M. (2006). *Psicologia do desenvolvimento moral*. 3ª ed. Coimbra: Almedina.
- Lostado, D. (1993). *Viver como pessoa*. Porto: Editorial Missões Cocujães.

- Lück, H. & Carneiro, D. G.(1985). *O desenvolvimento afetivo na escola*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Mafra M. & G. (2006). “A própria família como primeira missão segundo os ensinamentos e a prática de João Pozzobon” In *João Luiz Pozzobon, evangelizador da família na pós-modernidade*. (p.111). Santa Maria: Associação Movimento Apostólico.
- Maldonado, M. T. (1990). *Maternidade e paternidade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- May, R. (1999). *O homem à procura de si mesmo*. 26ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Marpeu, J. (2002). *O processo educativo*. Porto Alegre: Artmed.
- Marto, A. A. dos S. (1987). *Esperança cristã e futuro do homem*. Porto: Metanoia.
- Massa, G. C. (1997). *Construir-se a si mesmo*. São Paulo: Paulus.
- McDaniel, S. H. & Hepworth P., Doherty, W. J. (1994). *Terapia familiar médica. Um enfoque psicossocial às famílias com problemas de saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mello, A. A. (2007). (org). *João Luiz Pozzobon, evangelizador da família na pós-modernidade*. Santa Maria: Associação Movimento Apostólico.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. e Fishman. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monnerjahn, E. (2004). *Padre José Kentenich - Uma vida pela Igreja*. São Paulo: Editora Patris.
- Montfort, L. (1987). *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*. 3ª ed. Vila do Conde: Edições Montfortinas.
- Moraes, R. J. de (1995). *O inconsciente sem fronteiras*. Aparecida: Vale Livros.
- Moreira, P. (2003). *Ser professor: competências básicas*, Porto: Porto Editora.
- Moreno, C. I. (2005). *Educar em valores*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas.
- Moreno, J. M. F. (1999). *Comunicação Educativa*. Paulo Freire: una propuesta de comunicacion para la educacion en América Latina. Revista Razón y palabra. nº 13, ano 4. Disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n13/freirem13.html>. [consultado em 18.03.2008].
- Movimento Apostólico de Schoenstatt. (1984). *O Ideal Pessoal*. Santa Maria: Centro Mariano.
- _____. (1990). *Dignidade e missão da mulher*. Santa Maria: Centro Mariano.

- _____. (1998). *Ideal Pessoal*. Santa Maria: Centro Mariano.
- _____. (2006). *Documentos de Fundação*. Lisboa: Editora Patris.
- _____. (2007). *Conhece-te a ti mesmo*. Santa Maria: Centro Mariano.
- Nails, M. A. (2001). *Pe. Kentenich, como nós o conhecemos*. Santa Maria: Pallotti.
- Neto, F. (2002). *Psicologia Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nierenberg, G. I. & Calero, H. (1998). *Como observar as pessoas*. Lisboa: Editora Livros do Brasil.
- Nogueira, M. J. (2006). “A mulher, a educação e a família”. In Nunes, R. & Guilhermina Rego. *Desafios à Sexualidade humana*. (p. 48) . Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Pereira, A. & Poupá, C. (2006). *Como escrever uma tese*. 3.^a ed. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pereira, F. 2007, *Homenagem a João Luiz Pozzobon na Assembléia Legislativa de Porto Alegre, RS*. Disponível em www.tabormta.org. [consultado em 18.03.2008].
- Petrini, J. C. (2007). “Chances e armadilhas da família na pós-modernidade” In A. A. Mello (org.). *João Luiz Pozzobon, evangelizador da família na pós-modernidade*. (p.226). Santa Maria: Associação Movimento Apostólico.
- Philippe, J. & Yzerbyt, V. (2004). *Psicologia Social*. Lisboa: Edições 70 Lda.
- Piaget, J. (1972). *Para onde vai a educação?* Lisboa: Livros Horizonte.
- Pichon-Riviére (1982). *Teoria do vínculo*. São Paulo. Martins Fontes.
- Pinto, A. V. (1989). *Revelação e fé*. Braga: Editorial S. O.
- Pinto, V. F. (2006). “A formação da pessoa e o dever da cidadania”. In R. Nunes, & G. Rego. *Desafios à Sexualidade humana*. (p. 20). Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Pires, M. I. V. (2007). *Os valores na família e na Escola – Educar para a vida*. Espanha: Celta - Educação e Desenvolvimento.
- Pisani, E. M. (1995). *Psicologia Geral*. São Paulo: Paulus.
- Pontes, P. J. (1996). *Ella es la gran misionera, elle obrara milagros*. Santiago: Editorial Patris.
- Powell, J. (1999). *Porque tenho medo de te dizer quem sou?* 3^a ed. Lisboa: Edições Paulinas.
- Quivy, R.& Camenhoudt. L. V. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. 2^a ed. Lisboa: Gradiva.
- Quoist, M. (1995). *Construir*. Lisboa: Edições São Paulo.

- Ramos, G. (1994). *Psicología Social*. Salamanca: Publicaciones de la Universidad de Salamanca.
- Resweber, J. P. (2006). *Pedagogias novas*. 2ª ed. Lisboa: Editora Teorema.
- Reis, J. (1999). “A recolha de informação não estatística em economia”. In A. Silva & J. Pinto (org.). *Metodologia das Ciências Sociais*. 10ª ed. (p 212). Porto: Afrontamento.
- Rogers, C. R. (1980). *Tornar-se pessoa*. 5ª ed. Lisboa: Editora Moraes.
- Rogers, C. R. (1986). *Grupos de encontro*. 6ª ed. Lisboa: Editora Moraes.
- Rojas, E. (2007a). *Tu, quem és? Da personalidade à auto-estima*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Rojas, E. (2007b). *A conquista da vontade*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Romero, E. (2000). *Valores para vivir/2*. Madrid: Editorial CCS.
- Rubin, A. A. (2006). “A Mariologia em João Luiz Pozzobon”. In Seminário sobre a importância teológica da pessoa e obra de João Luiz Pozzobon. *João Luiz Pozzobon, um ícone de Maria*. (p. 47). Santa Maria: Associação Movimento Apostólico.
- Saint-Laurent, R. (2003). *Autocontrolo, a chave do sucesso*. Porto: Livraria Civilização Editora.
- Santos, P. S. (2007). *Temas cadentes em psicologia do desenvolvimento*. Lisboa: climepsi editores.
- Santos, V. N. M. (2008). *Fundamentos da cosmovisão cristã*. Disponível em www.comoviveremos.com/cosmovisao. [consultado em 18.03.2008].
- Scharfetter, C. (1999). *Introdução à psicopatologia*. 2ª ed. Lisboa: Climepsi.
- Schlickmann, D. M. (2008). *Os anos ocultos*. Santa Maria: Sociedade Mãe e Rainha.
- Schmitz, E. F. (1984). *O homem e sua educação*. Porto Alegre: Sagra.
- Schneider, O. (2006). “A doutrina social da Igreja e o Sr. João Pozzobon” In Seminário sobre a importância teológica da pessoa e obra de João Luiz Pozzobon. *João Luiz Pozzobon, um ícone de Maria*. (p. 181). Santa Maria: Associação Movimento Apostólico.
- Secretariado Geral do Episcopado. (1993). *A família, futuro da humanidade*. Lisboa: Rei dos Livros.
- Seminário Internacional Movimento de Schoenstatt. (2006). *A nossa estratégia*. Santa Maria: Centro Mariano.

- Seminário sobre a importância teológica da pessoa e obra de João Luiz Pozzobon. (2006). *João Luiz Pozzobon, um ícone de Maria*. Santa Maria: Associação Movimento Apostólico.
- Siegel, B. W. P. (2001). *Un educador profético – fundamentos psicológicos de la pedagogía del Padre Kentenich*. 2.ªed. Santiago: Editorial Patris.
- Sluzki, C. E. (1995). *La red social: frontera de la practica sistémica*. Buenos Aires: Gedisa.
- Soares, J. A. S. (1993) *A família um projecto*. Fátima: Santuário de Fátima.
- Sociedade Mãe e Rainha (2007). *Guia do Coordenador e do Missionário*. Santa Maria: Gráfica Pallotti.
- Soldera, P. J. (1988). *Dinâmicas da Realização Pessoal*. Porto Alegre: Difusão Psicosalus.
- Soro, E. (2004). *A la conquista de todos los corazones*. Córdoba: Editorial Patris.
- Souza, C. E & Carvalho, L. C. de (2004). *Pesquisa sobre Retórica: Górgias, Demóstenes e Quintiliano*. Disponível em <http://www.mundodosfilosofos.com.br/direito.htm>. [consultado em 18.03.2008].
- Souza, P. N, (2006), “Algumas experiências com meu pai”. In A. A. Mello (org.). *João Luiz Pozzobon, evangelizador da família na pós-modernidade*. (p.119). Santa Maria: Associação Movimento Apostólico.
- Strada, A. L. & J. Pontes (1998). *Proposta pedagógica de Schoenstatt*. São Paulo: Companhia Ilimitada.
- _____ (2000). *Maria, um exemplo de mulher*. 3ª ed. São Paulo: Patris.
- Taille, Y. de L. (1999). *Limites: três dimensões educacionais*. São Paulo: Editora Ática.
- Teles, M. L. S. (1985). *Uma introdução à Psicologia da educação*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Teodoro, A. (2003). *Globalização e educação – políticas educacionais e novos modos de governação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Tepe, W. (1983). *Diálogo e realização*. Salvador: Mensageiro da Fé.
- Ternes, D. M. (2003). “Descobrimo meu temperamento”. In O. Toaldo & M. Toaldo *Diálogo em quatro dimensões*. (p. 143). Goiania: Scala Gráfica e Editora.

- Tilmann, B.(2000). *Chamados a santidade*. Santa Maria: Centro Mariano.
- Toaldo, O. & M. (1990). *Uma educação integral baseada em valores*. Santa Maria: Centro Mariano.
- _____ (2003). *Diálogo em quatro dimensões*. Goiania: Scala Gráfica e Editora.
- Toaldo, O. & M. & Bonfante (1990). *Pedagogia da auto-educação*. Santa Maria: Centro Mariano.
- Tuckman, B. W. (2002). *Manual de Investigação em Educação*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Uruburu, E. J. (1985). *1400 Km com a Virgem*. Santa Maria: Pallotti.
- _____ (2003). *Herói hoje, não amanhã*. 3ª ed. Santa Maria: Pallotti.
- _____ (1999). *João Luiz Pozzobon Peregrina Y Missionero de Maria*. Chile: Productora Gráfica Andros.
- Vala, J. & Monteiro, M. B. (2004). *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vallés, C. G. (1994). *Vivendo juntos*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa.
- Vasconcelos, E. (1986). *O que é psicologia comunitária*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- Vassoler, V. L. (2006). “A Pastoral Familiar em João Luiz Pozzobon”. In *João Luiz Pozzobon, um ícone de Maria*. (p.141). Santa Maria: Associação Movimento Apostólico.
- Watzlawick, P. (1989). *Teoria da comunicação humana*. 7ª ed. São Paulo: Herder.
- Weil, P. (1994). *A criança, o lar e a escola*. 16ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Whitaker C. & Bumberry W. M. (1990). *Dançando com a família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Wikipédia. (2008). *A enciclopédia livre*. Disponível em <http://pt.Wikipédia.org/wiki/>. [consultado em 18.03.2008].

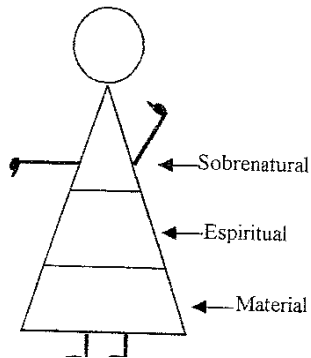
ANEXOS

ANEXO 1

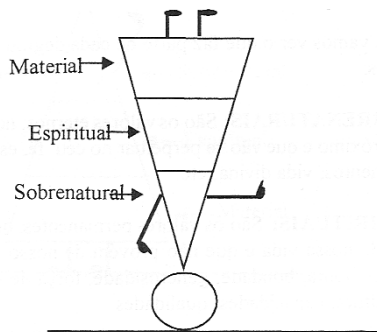
Anexo 1

Estrafido do livro Irmã de Maria de Schoenstatt (2003, pp.18-21).

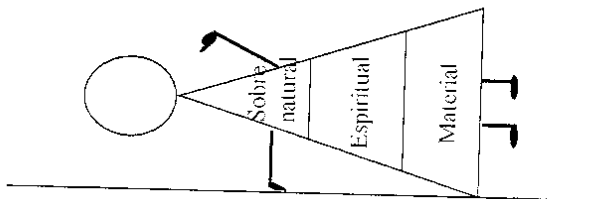
Com a devida licença dos autores



Como vemos pelos desenhos, os três degraus não estão separados um do outro: sustentam-se, comunicam-se e reagem um sobre o outro, mas sua ordem deve ser respeitada: se invertermos esta ordem, seria como se começássemos a andar de cabeça para baixo.



Muitas pessoas andam de cabeça para baixo (...) Como? Quando não observam a ordem dos valores: agem como animais, não pensam, não julgam, não se decidem livremente e nem agem por convicção interior.



Observando os diferentes degraus, vamos descobrir que certas pessoas não só andam de cabeça para baixo, mas às vezes se arrastam...

ANEXO 2

Anexo 2

História para ilustrar os temperamentos Os quatro temperamentos à entrada do céu.

Estraído do livro Movimento Apostólico de Schoenstatt. (2007, pp.74-77).

Com a devida licença dos autores

- Conta-se que, certa vez, os quatro temperamentos se encaminharam para o céu.

- O colérico foi o primeiro a chegar. Junto à porta bate energicamente. A voz grave de São Pedro faz-se ouvir: “Quem é?” “Eu”, respondeu o colérico. “Quem será este eu?”, pensava São Pedro. “Eu”, gritou o colérico, “não basta isso?” Finalmente a porta se abre e da soleira São Pedro pergunta: “Que deseja?” Deve-se saber, antes de mais nada que, entre os inumeráveis estatutos do céu figura o de que ninguém nele podia entrar sem antes se tivesse estudado meticulosamente suas obras, registradas no grande livro da “vida”.

São Pedro pôs-se a folhear o grande livro. Logo após voltou, declarando ao Sr. Colérico que ainda havia muito que ajustar, que nem de longe tinha praticado o que exige para uma vida perfeita. Em primeiro lugar, o orgulho e a ira eram os culpados de que ele, ao menos por cinco anos, devesse voltar à terra para aprender mais amabilidade, paciência e amor. O colérico ficou sobremodo admirado. Mas, como nenhuma defesa ali tem valor, retirou-se resmungando.

- Chega a vez de Dona Sangüínea. Barulhenta e brincalhona, já de longe se faz perceber. Bateu freneticamente a porta do céu.

Quem está aí, pergunta São Pedro, em tom rigoroso. Ouviu-se uma resposta alegre e despreocupada: Dona Sangüínea. Abre depressa.” São Pedro devia consultar novamente o enorme livro. Começou a ler tudo o que Dona Sangüínea tinha feito em vida e a observar o que não estava em ordem. Notou como ela tinha sido superficial e vidosa, tinha evitado tudo o que era sério e difícil. Só procurava levar vida alegre e despreocupada. Isto tudo lhe custou a pena de ter que voltar mais alguns anos à terra. A princípio esta resposta pareceu entristecer Dona Sangüínea, mas depois sorriu e amorosamente e delicadamente pediu a São Pedro: “Meu caro Pedro, por favor, abre um pouco a porta. Desejo olhar ao menos uma vez para dentro.” Pedro hesitou um pouco, mas afinal decidiu-se a satisfazer o pedido. Apenas abrira um pouco a porta e Dona Sangüínea entrou céu adentro e não voltou mais à terra.

□ Veio depois o melancólico, vagaroso, sério, pensativo. Pára a todo instante, medita sobre sua vida e suspira, duvidando do seu êxito. Parece encurvado e oprimido por um grande peso. Segura em baixo do braço um grande feixe de livros em que fizera suas orações durante toda a vida e agora espera que lhe sirvam de passaporte para o céu. Para e pensa: Onde deve bater? Que dirá? Finalmente decide-se. São Pedro mal pode reprimir um acesso de riso ao ver todos aqueles livros: “Sim, meu caro melancólico, é muito bom que tenhas rezado, mas deve-se rezar e trabalhar bem e tu, para fugir da sociedade, quase só rezavas. E muitas de tuas orações escondiam um secreto orgulho. Como te comportaste ultimamente?”

“Sim”, disse o melancólico, “já sei o que pensais. Aconteceu da seguinte maneira. Deu-se um incêndio na casa do vizinho. Eu, porém, não me levantei e nem olhei, pois, como já fizera um pacto com meus olhos não queria, por isso, violá-lo, cedendo à curiosidade. E há pouco, quando um menino caiu no arroio, não fui salvá-lo, pois pensava que não se deve expor a vida a graves perigos.”

“Sinto muito”, disse São Pedro, “mas pelo menos terás que ficar no mundo ainda uns três anos para aprender a viver melhor.”

O melancólico resignou-se com a sorte e regressou ao mundo.

□ Por último, apontou o fleumático andando desajeitadamente, numa bicicleta. Podia-se reconhecê-lo de longe. Não restava dúvida, era o Sr. Fleumático. São Pedro, colocando seus óculos consegue identificá-lo. Dirige-se logo à escrivaninha e vai preparando o formulário.

Quando o fleumático chega, São Pedro já tem resposta pronta. Sem delongas, lhe diz que devia ficar no mundo pelo menos, mais quinze anos, pois nunca havia se preparado para entrar no céu. Suas ocupações ordinárias não passaram de comer, beber e dormir bem. O fleumático com os cotovelos apoiados na bicicleta e o queixo entre as mãos, contemplava encantado as longas barbas e a face envelhecida de São Pedro. Ao ouvir sua determinação suspirou profundamente. Depois calmo e despreocupado, respondeu: “Sendo assim, vou sentar-me aqui na porta do céu por quinze anos”. E vagarosamente foi sentando-se e ali ficou.

Os temperamentos e a pedra

Um dia, os quatro temperamentos resolveram fazer um passeio. Nem tinham andado muito quando encontraram uma enorme pedra no caminho.



O Sanguíneo, sem refletir, pulou por cima da pedra, rindo e achando aquilo muito divertido.



O Colérico removeu a pedra aos empurrões e xingou “Deus e todo o mundo” por causa daquele imprevisto.



O Melancólico parou, pensativo: “Alguém novamente me pôs um obstáculo no meio do caminho; estão me perseguindo.” E continuou a andar todo preocupado.



O Fleumático nem deu pelotas. Sentou-se em cima da pedra, agradecendo a Deus por lhe ter dado uma ocasião de descanso

ANEXO 3

Anexo 3

Diagnóstico Individual da Composição do Temperamento

Extraído do livro Toaldo, O. & M. (2003, pp.158-164).

Com a devida licença dos autores

1. Como é a expressão do seu olhar?

- A) Calma e tranqüila;
- B) Firme e sem acanhamento;
- C) Alegre e despreocupada;
- D) Triste e preocupada.

2. Identifique sua maneira de andar

- A) Ágil, ligeira e descuidada;
- B) Pausada, sossegada e cadenciada;
- C) Firme, segura e decidida;
- D) Devagar, lenta e cuidadosa.

3. Numa conversa você:

- A) Fala muito, às vezes, sem pensar;
- B) Fala com firmeza e objetividade;
- C) Fala pouco e pensa muito no que vai falar;
- D) Fala pausadamente e com calma.

4. Como você suporta a dor?

- A) Não se agita muito, aguenta a dor com tranqüilidade;
- B) Fica agitado, manhoso e comenta a dor com todos;
- C) Fica sério, concentrado e não demonstra a dor aos outros;
- D) Suporta a dor em silêncio, retraído, sem comentários.

5. Qual seu modo de rir?

- A) Ri em qualquer local, gargalhando até sem motivo;
- B) Ri com prazer, com autêntico espírito de humor;
- C) Ri para dentro, com alegria interior, quase sem expressão.
- D) Ri quando tem motivo, sem exagero, com sobriedade.

6. Em geral, cumprimenta, saúda as pessoas com quem se relaciona, de que forma?

- A) Um pouco tímido, mas com profundo sentido;
- B) Tranqüila, acolhedora, observando calmamente a pessoa;
- C) Aperto de mão forte ou abraço rápido;
- D) Efusiva, entusiasta, alegre, com beijos e abraços.

7. Um problema ou uma situação difícil ocorre inesperadamente e a solução cabe a você. Como agiria normalmente?

- A) Fica inseguro, analisa a situação detalhadamente, via de regra, sob um ângulo pessimista demorando muito tempo até tomar uma decisão;
- B) Ataca de frente o problema, sem fugir, enfrentando e estudando as várias alternativas com estratégias claras e objetivas;
- C) De imediato subestima o problema, acreditando com otimismo que tudo terminará bem confiando na própria sorte;
- D) Acolhe e aceita com serenidade o desafio analisando calmamente a situação e, pouco a pouco, vai resolvendo o problema.

8. Você foi convidado para uma festa. Sua reação imediata é:

- A) Aceita primeiro, depois pergunta aonde e de quem é a festa;
- B) Pensa, avaliando seus interesses e criva a pessoa de perguntas de quem é a festa? Quem irá? Aonde e como iremos?
- C) Inicialmente rejeita, pois terá que se envolver socialmente na festa, falar com

as pessoas e sair da sua timidez e do seu mundo interior;

D) Agradece o convite diplomaticamente para não desapontar a pessoa. Porém, se não for motivado por outra pessoa, acabará esquecendo da festa.

9. Em grupo, numa tarefa ou projeto onde você esteja envolvido, trabalhando com outras pessoas, sua atitude/reação:

A) Permanentemente observador, analítico e criterioso, detalhista e introvertido, pensando profundamente antes de emitir opiniões.

B) É muito brincalhão, sociável com todos, sendo o fato de estar em grupo mais importante até do que a tarefa a desenvolver.

C) Despreocupado, às vezes até acomodado, passivo, ouve muito, ponderando e custando a se envolver com os demais participantes.

D) Gosta de dar as ordens, comandar e ser obedecido.

10. Seu filho errou e você necessita tomar uma posição. Qual das alternativas abaixo melhor se encaixa com você?

A) Grita e, aos berros, ameaça colocá-lo de castigo. Porém, não o faz de imediato e acaba esquecendo, não cumprindo o que prometeu.

B) É paciente e, não raro, aceita respostas. Não é inclinado a castigar o filho.

C) Tende sempre a reprovar o comportamento do filho e dificilmente esquece o erro.

D) É autoritário, muito exigente, costuma bater no filho.

11. Como você se prepara para viajar?

A) É prático, objetivo, leva na mala o necessário e quer sair e chegar na hora planejada, detesta atrasos.

B) Adora viagens, de preferência acompanhado de várias pessoas,

encarando tudo pelo lado da aventura e facilmente esquece de levar alguma coisa na mala.

C) Gosta de viajar, mas considera tudo muito natural, sem criar problemas, aproveita o trajeto, curte a paisagem, não tem pressa para chegar.

D) Com muita antecedência estuda todos os detalhes, analisa o trajeto com cuidado e se preocupa com a segurança.

12. Imagine-se no supermercado fazendo compras. Que reação mais se aproxima da sua realidade?

A) Não se importa muito com os preços desde que o produto lhe agrade. As cores estravagantes, o aroma e a propaganda ligada ao produto exercem especial atração em você.

B) Experimenta tudo e analisa minuciosamente todos os detalhes do produto, entra em várias lojas e só depois decide comprar.

C) Gosta de compras e necessita de muito tempo, compra devagar e volta várias vezes ao local, pois não compra o suficiente.

D) É sóbrio, calculista e racional em suas compras. Via de regra adquire apenas o que interessa.

13. Coloque-se agora como um estudante e analise a alternativa que identifica a sua maneira de aprender quando assistindo aula ou numa atividade que envolva o processo de aprendizagem:

A) Aprende melhor com a experimentação no concreto, e em ambiente calmo, amigável e cooperativo.

B) Aprende melhor com um planejamento objetivo e definidos os assuntos devem ser curtos e claros. O ambiente deve ser tranqüilo, com alegria e colorido.

C) Aprende melhor em ambiente democrático, harmonioso e produz mais quando lidera o grupo e a tarefa é desafiadora.

D) Aprende melhor em ambiente silencioso. Os assuntos devem Ter lógica, seqüência e necessita de tempo para analisar e pensar antes de concluir.

14. Você recebeu uma “fechada” no trânsito. Qual a sua reação?

A) Percebe a “fechada”, sente raiva, mas não a manifesta, pode murmurar: “hoje não é meu dia...”

B) Grita, esbraveja e logo depois esquece.

C) Nem percebe a “fechada” e continua conversando tranqüilamente com o passageiro ao lado.

D) Para cima, para o revide.

15. Sua tendência ao vestir-se aproxima-se a qual das situações abaixo:

A) roupas formais, objetivas, combinadas e adequadas à situação.

B) Roupas modestas, confortáveis e nem sempre acompanhando a moda.

C) Roupas variadas, coloridas e sempre escolhidas.

D) Roupas discretas com cores sóbrias.

16. Você está aguardando na fila do banco há uma hora para ser atendido e vê que alguém furou a fila. Qual o seu impulso?

A) Não reclama, porém se sente prejudicado, resmungando consigo mesmo.

B) Reclama, faz um escarcéu, mas logo esquece.

C) Imediatamente se sente prejudicado, reclama e fica mal humorado

d) Não reclama e nem se altera, ficando indiferente à situação.

17. Numa situação específica, solicita-se um voluntário:

A) Você dá um passo adiante e se prontifica imediatamente.

B) Você espera que os outros tomem a iniciativa.

C) Com rapidez, você encontra uma maneira de cair fora.

D) Você reflete sobre a situação e depois de algum tempo se oferece para ajudar.

18. Como você reage quando é ofendido?

A) Exteriormente tranqüilo, mas interiormente perturbado. Não esquece, fica remoendo o fato consigo mesmo guardando mágoa profunda.

B) Não leva desaforo para casa e se altera emocionalmente, porém, logo depois esquece e não guarda mágoa.

C) Exteriormente tranqüilo e não demonstra que foi atingido, com facilidade pondera, esquece facilmente e não guarda mágoa.

D) Não leva desaforo para casa, fica enfurecido, nervoso e vai à desforra, não esquece, guarda rancor e planeja vingança.

19. Todos temos um conjunto imenso de qualidades, valores e pontes fortes. Identifique, das alternativas abaixo, aquela que espelha seus traços positivos:

A) Grande estabilidade emocional, normalmente mantém-se calmo nas situações mais adversas.

B) Ativo, decidido, objetivo e com vontade férrea, grande capacidade de liderar grupos.

C) É alegre, otimista, capaz de improvisar com facilidade.

D) É humanitário, comove-se facilmente e é capaz de doar-se servindo ao próximo com muito desprendimento.

20. Analogamente, também temos pontos fracos e defeitos. Identifique abaixo a alternativa que mais corresponde a você.

A) Indeciso, desconfiado e, normalmente se sente triste, facilmente inclina-se a lamentações e tende a ver os fatos sob uma ótica pessimista.

B) Inconstante, vaidoso, adora elogios, começa várias atividades e termina poucas.

C) Orgulhoso, insensível, julga-se auto-suficiente e facilmente menospreza os outros.

D) Preguiçoso, com pouca iniciativa, se puder deixa todos os deveres para o dia seguinte.

INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DO GABARITO

PRIMEIRO QUADRO

- As questões estão numeradas por linha;
- As alternativas estão apresentadas por colunas;
- O interessado deve circundar a letra (S; C; M ou F) de acordo com a alternativa escolhida na coluna correspondente. Exemplificando se na primeira questão foi assinalado a alternativa “B”, deverá ser circundado a letra “C”;
- As letras deverão ser circundadas de forma que fiquem legíveis para possibilitar a sua contagem posterior.

SEGUNDO QUADRO

- Preencher a primeira linha com a quantidade de respostas dada para cada letra;
- Calcular o percentual de cada uma das letras “S, C, M ou F”;
- A letra com o maior percentual corresponderá ao Temperamento predominante.
- O segundo maior percentual corresponderá ao Temperamento subdominante.

DIAGNÓSTICO INDIVIDUAL DA COMPOSIÇÃO DO TEMPERAMENTO

Gabarito

QUESTÕES	ALTERNATIVAS			
	A	B	C	D
1	F	C	S	M
2	S	F	C	M
3	S	C	M	F
4	F	S	C	M
5	S	F	M	C
6	M	F	C	S
7	M	C	S	F
8	S	C	M	F
9	M	S	F	C
10	S	F	M	C
11	C	S	F	M
12	S	⇒	F	C
13	F	S	C	M
14	M	S	F	C
15	C	F	S	M
16	M	S	C	F
17	C	F	S	M
18	M	S	F	C
19	F	C	S	M
20	M	S	C	F

ALTERNATIVAS	S	C	M	F	TOTAIS
UANTIDADE					80
ERCENTUAL					100%

ANEXO 4

ANEXO 4

DIFERENTES REAÇÕES DOS TEMPERAMENTOS NUMA MESMA SITUAÇÃO

Extraído do livro Toaldo, O. & M. (2003, pp.165-167).

Com a devida licença dos autores

Tendo êxito

C - fica orgulhoso e acha que todo mundo o admira.

S - fica feliz de maneira que todo o mundo fica sabendo do seu êxito, e nada é capaz de parar suas iniciativas.

M – a alegria manifesta-se lentamente, mas penetra profundamente.

F - alegra-se silenciosamente, sente-se bem e abrigado, anda com um sorriso profundo.

O olhar

C - O olhar é sempre dirigido a um objetivo, às vezes frio, às vezes interessado, fixo em quem está falando.

S - O olhar é alegre, um pouco superficial.

M - É profundo, penetra até a alma do outro, calorosa e com amor, mas também às vezes muito triste.

F - O olhar é mais o menos apático, não dá para perceber o que se passa no outro.

Caminhando

C - ligeiro, direcionado a um objetivo.

S - fazendo saltos, irregular, olhando para todos os lados.

M - refletindo, interiorizado, não vê as pessoas.

F - devagar, lentamente, quase não eleva as pernas.

Dando a mão, cumprimentando

C – firmeza e força.

S – com abraço, voz alta e alegre, cordialmente.

M – com muita calma.

F – não dá para perceber, sem força.

Quando há um trabalho difícil para frente

C - luta consigo, toma uma decisão e faz o trabalho logo e bem feito.

S - Não gosta do trabalho, mas o faz logo e superficialmente.

M - Fica triste porque acha que não é capaz de fazer, faz muitas coisas no meio, reflete muito.

F - espera até que um outro faça por ele.

Quanto à limpeza

C - todas as coisas tem o seu lugar, tudo bem arrumado.

S - tem que ser tudo limpo, bonito e agradável, mas ele não consegue se organizar para mantê-la.

M - Sonha e reflete tanto que não percebe a sujeira.

F - Pode viver com a maior bagunça e ainda descansar.

Quanto ao trabalho

C - tudo organizado e planejado.

S - trabalha sem refletir, mas rápido.

M - pensa e reflete muito, às vezes não tem coragem para começar.

F - devagar e tranquilo chega ao objetivo.

Na escola

C - quer sempre ter as melhores notas, estuda com muito esforço, conquista o mundo.

S - volta da aula, joga o material no canto, sai para divertir-se e esquece a próxima prova.

M - gosta da profundidade, quer saber tudo até as raízes, quer saber o porque das coisas.

F - depois da aula descansa primeiro, não tem pressa para estudar e não se importa com as notas que recebe.

Uma redação fracassada

C - fica com raiva e dá a culpa ao professor, pois ele tinha estudado tanto. Fala em todos os lugares que o professor é uma pessoa má.

S - recebe a prova, no momento fica muito triste, volta para casa, vê os amigos e já esqueceu tudo.

M - fica muito triste, nunca esquece e já reflete o que vai fazer se não passar no próximo ano.

F - Sente-se profundamente ferido e toma o propósito de estudar mais, mas nunca o realiza.

No coletivo

C - pensando no objetivo, vai direto para frente e pensa como pode chegar logo no lugar.

S - salta de um lugar para o outro ou vira-se para frente e para trás.

M - observa tudo o que acontece ao redor dele e reflete sobre isso.

F - entrando, procura o lugar mais cômodo, não se importa com os outros e quase esquece de descer na parada certa.

Tenho uma prova

C - estudo muito e vou com a certeza de que vou sair da prova com as melhores notas.

S - estudo um pouco, acho que chega, vou alegre na prova e fico surpreso se não passo.

M - estudo muito, mas apesar disso tenho medo de fracassar na prova.

F - Acho que estudar é tempo perdido, o êxito da prova depende da sorte, pois gosto de fazer o que me agrada.

Tenho um dia livre sem atividades

C - planejei todo o dia com atividades que quero fazer.

S - começo o dia sem refletir, faço o que me agrada no momento e acabo as coisas quando tenho vontade de fazer outras coisas.

M – alegro-me que posso dedicar este dia ao estudo, ler livros, ouvir musica e sonhar, rezar e refletir, e ocupações prediletas.

F - aproveitei o dia para dormir e não fazer nada.

Atividades prediletas

C - reunir amigos e junto fazer algo ou realizar os próprios planos.

S - divertir-se, alegrar-se, assistir TV ou esporte, cinema, piscina.

M - ler livros interessantes, estudar, refletir, sonhar, ouvir música.

F - dormir e estar descansado.

ANEXO 5

ANEXO 5

Teste e Diagnóstico

Estraído do livro Movimento Apostólico de Schoenstatt. (2007, pp.74-77).

Com a devida licença dos autores

Leia com muita atenção este questionário e assinale com uma cruz ao lado do número das perguntas que você responder afirmativamente. Depois disto, passe as respostas para o gabarito e ficará sabendo qual é seu temperamento predominante.

1. Gosta da natureza?
2. Tende para a melancolia, sentimentalismo?
3. É tímido, suscetível, indeciso, escrupuloso, desanima facilmente?
4. Possui senso prático desenvolvido?
5. Tem pouco interesse pelo mundo interior (sentimentos, emoções, etc.)
6. É difícil em reconciliar-se?
7. Gosta da eloquência, possui talento oratório?
8. Gosta de ruminar os acontecimentos passados?
9. Gosta de comer bem, de vida tranqüila e descansada?
10. Gosta de novidades?
11. É impulsivo?
12. É otimista, geralmente bem humorado?
13. É cordial, exuberante, arrasta os outros com a palavra e o exemplo?
14. Os outros o consideram autoritário?
15. Tem tendência ao comodismo?
16. Possui grande capacidade de trabalho?
17. Sente necessidade de ação intensa em múltiplas direções?
18. É pessoa de hábitos?
19. Gosta de uma vida simples, modesta?
20. É calmo, objetivo, com humor igual?
21. Confia mais na prática do que nas teorias?
22. É tenaz e perseverante?
23. Pouco senso prático?

24. Perde facilmente a confiança em si e nos outros?
25. Gosta da zombaria, da ironia, de rir dos erros dos outros?
26. É ensimesmado e fechado?
27. Tem reputação de pessoa corajosa?
28. Gosta das teorias, dos sistemas abstratos? 29. Possui senso de humor?
30. É conhecido como leal e franco?
31. Goza mda reputação de pessoa delicada e cortês?
32. Respeita os princípios e gosta de lembrá-los?
33. Possui compreensão e compaixão com os outros?
34. Gosta da solidão?
35. Gosta de vida mundana, de festas e alegria?
36. É violento e exigente?
37. É guloso?

Gabarito

COLÉRICO	SANGÜÍNEO	MELANCÓLICO	FLEUMÁTICO
4	4	1	9
5	5	2	15
7	7	3	18
10	10	6	19
11	14	8	20
12	21	9	21
13	25	18	22
14	27	22	23
16	31	24	28
17	33	26	29
22	35	28	30
36		34	32
			37

ANEXO 6

ANEXO 6

ENTREVISTAS

Iniciais:

F () M ()

Idade:

Estado Civil:

Profissão:

Escolaridade:

1. O Ideal Pessoal tem-te ajudado a compreender como és, a trabalhar para teres um projeto de vida que te ajude a mudar onde necessário e a cresceres como pessoa?

2. O Horário Espiritual e o Exame Particular como ‘armas’ para a auto-educação ajudam-te na vida familiar, no trabalho, na sociedade a teres uma postura de relações sadias e harmoniosas?

3. Sentes crescimento na vida pessoal e social desde que trabalhas na auto-educação?

4. Os Meios Pedagógicos de Schoenstatt abriram novos caminhos para as tuas relações e atividades religiosas, sociais, culturais, apostólicas e solidárias? És mais feliz?
